



**Universidade do Estado do Rio de Janeiro**

Centro de Educação e Humanidades

Instituto de Letras

Naira de Almeida Velozo

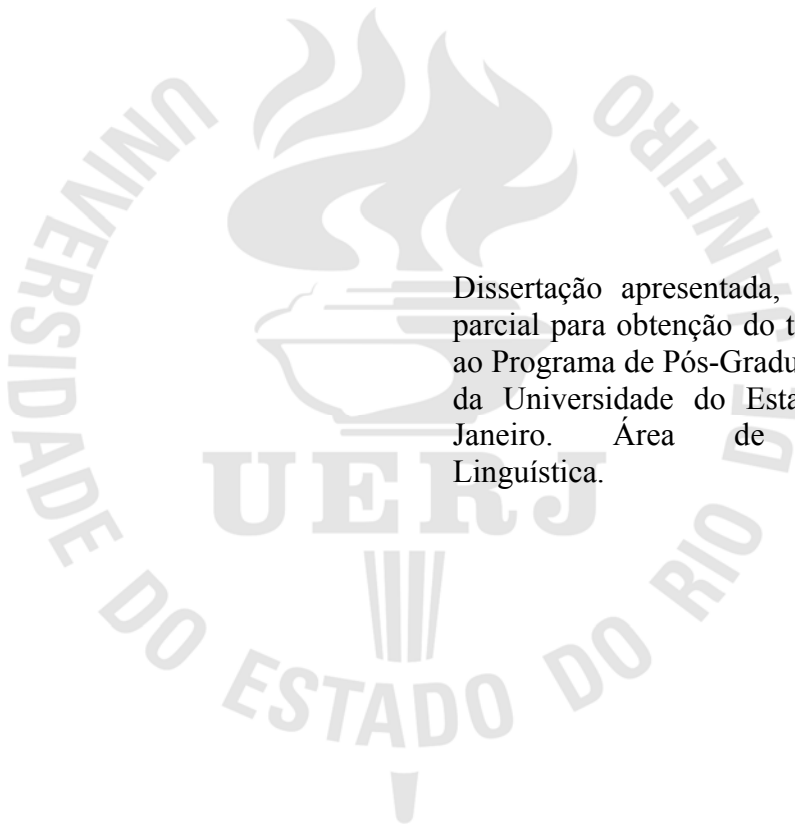
**Os esquemas de FORÇA e a metáfora da GUERRA:  
uma análise sociocognitiva dos usos do *mas* em mediação**

Rio de Janeiro

2012

Naira de Almeida Velozo

**Os esquemas de FORÇA e a metáfora da GUERRA:  
uma análise sociocognitiva dos usos do *mas* em mediação**



Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Linguística.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dra. Sandra Pereira Bernardo

Rio de Janeiro

2012

CATALOGAÇÃO NA FONTE  
UERJ/REDE SIRIUS/CEHB

V444 Velozo, Naira de Almeida.  
Os esquemas de FORÇA e a metáfora da GUERRA: uma análise sociocognitiva dos usos do *mas* em mediação. \ Naira de Almeida Velozo – 2012.  
115 f.

Orientadora: Sandra Pereira Bernardo.  
Dissertação (mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Letras.

1. Gramática cognitiva – Teses. 2. Gramática comparada e geral – Sintaxe - Teses. 3. Metáfora - Teses 4. Cognição – Teses. 5. Sociolinguística – Teses. I. Bernardo, Sandra Pereira. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Letras. III. Título.

CDU: 806.90-56

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

---

Assinatura

---

Data

Naira de Almeida Velozo

**Os esquemas de FORÇA e a metáfora da GUERRA:  
uma análise sociocognitiva dos usos do *mas* em mediação**

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação Letras, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Linguística.

Aprovada em 9 de março de 2012.

Banca Examinadora:

---

Prof<sup>a</sup>. Dra. Sandra Pereira Bernardo (Orientadora)  
Instituto de Letras da UERJ

---

Prof<sup>a</sup>. Dra. Maria Lúcia Leitão de Almeida  
Faculdade de Letras da UFRJ

---

Prof<sup>a</sup>. Dra. Zinda Maria Carvalho de Vasconcellos  
Instituto de Letras da UERJ

Rio de Janeiro

2012

## **DEDICATÓRIA**

Aos meus pais, irmão e avó, meus maiores exemplos e incentivadores.

## AGRADECIMENTOS

À professora Sandra Bernardo, minha mãe acadêmica, por ter me ensinado muito mais do que Linguística, mostrando-me a grandeza de ser professora.

Ao professor Paulo Cortes Gago, por ter sido o meu primeiro orientador acadêmico e ter-me cedido o *corpus* analisado.

À professora Maria Lúcia Leitão de Almeida e ao professor Mauro José Rocha do Nascimento, pela observação atenta ao trabalho apresentado no IV NEMP e pelas considerações fundamentais ao desenvolvimento desta pesquisa.

À professora Tânia Saliés, pelas observações quanto à metodologia desta pesquisa.

À professora Zinda Maria Vasconcellos, por ter aceitado fazer parte da banca examinadora deste trabalho.

Aos meus colegas de mestrado, em especial, a Ana Paula Ferreira.

À FAPERJ, pelo apoio financeiro imprescindível.

Tudo o que destaca o homem do animal depende dessa aptidão de liquefazer a metáfora intuitiva em um esquema, portanto de dissolver uma imagem em um conceito. (...) Como gênio construtivo o homem se eleva, nessa medida, muito acima da abelha: esta constrói com cera, que recolhe da natureza, ele com a matéria muito mais tênue dos conceitos, que antes tem de fabricar a partir de si mesmo.

*Friedrich Nietzsche*

## RESUMO

VELOZO, Naira A. *Os esquemas de FORÇA e a metáfora da GUERRA: uma análise sociocognitiva dos usos do “mas” em mediação*. 2012. 115f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

Neste estudo qualitativo, objetiva-se descrever os usos do conector *mas* em um *corpus* de mediação endoprocessual, à luz da Linguística Cognitiva, baseando-se, sobretudo, na *Teoria da Metáfora Conceptual* e nos conceitos de *categorização*, *esquemas imagéticos* e *modelos cognitivos idealizados (MCIs)*. Investigam-se as bases cognitivas que fundamentam os sentidos do *mas* e a função argumentativa desse conector na mediação, a partir de duas hipóteses gerais, a saber: (i) defende-se que o conector *mas* funciona como um gatilho para a ativação do MCI de “guerra”, em termos do qual é conceptualizado o conceito de “discussão”, como afirmam Lakoff e Johnson (2002[1980]); e (ii) acredita-se que tal conector possa ser caracterizado como uma categoria radial, formada a partir dos diferentes esquemas imagéticos que fundamentam as ocorrências desse elemento na interação. Tendo em vista essas hipóteses, objetiva-se: (i) apontar as funções argumentativas do *mas* na mediação, sinalizadas pelos mapeamentos metafóricos ativados durante a discussão e (ii) descrever os sentidos evidenciados pelos usos do *mas* no gênero analisado, os quais são evocados pelos diferentes esquemas imagéticos em que se baseiam. Os resultados indicam que esse conector pode ser compreendido como uma categoria radial, formada a partir de esquemas de força distintos. Além disso, verifica-se que os três usos mais próximos ao centro da categoria relacionam-se fortemente a um confronto ou a uma disputa de posição entre os participantes da interação, enquanto os três mais periféricos são estreitamente ligados a uma estratégia de manutenção da posição argumentativa do falante. Considera-se que esta pesquisa possa colaborar para o estudo do conector *mas*, devido à observação do comportamento semântico-discursivo desse item em um gênero pouco contemplado, a mediação; e, devido à escolha do paradigma adotado, que permite analisar o conector em todas as suas ocorrências, não havendo necessidade de separar os usos chamados de interfrásticos daqueles denominados inícios acessórios ou pré-começos.

Palavras-chave: Conector *mas*. Metáfora. Esquemas Imagéticos. Categoria Radial.



## ABSTRACT

This qualitative study aims to describe the usage of the connector *but*, in a corpus of mediation, under the light of Cognitive Linguistics, mainly based on the Theory of Conceptual Metaphor and in the concepts of categorization, image schema and idealized cognitive models (ICMs). The cognitive bases that underlie the meanings of the connector *but*, as well as its argumentative function in mediation, will be investigated from two general hypothesis: (i) it is defended that the connector *but* functions as a trigger to the activation of the ICM of “war”, in which the concept of “discussion” is conceptualized, as affirmed by Lakoff and Johnson (2002[1980]); and (ii) it is believed that the aforementioned connector can be characterized as a radial category, formed from the different image schemas that underlie the occurrences of this element on the interaction. Taking into account these hypotheses, we aim to: (i) indicate the argumentative functions of *but* in the mediation, signaled by metaphorical mappings activated during the discussion and (ii) describe the meanings stressed by the uses of *but* in the analyzed genre, meanings that are evoked by the different image schemas in which they are based on. The results indicate that this connector may be seen as a radial category, formed by distinct force schemas. Besides that, we verified that the three uses closer to the center of the category are strongly related to a confrontation or a dispute of position between the interaction participants, while the three more peripheral are tightly linked to a strategy to maintain the argumentative position of the speaker. This research is considered a collaboration to the study of the connector *but*, due to the observation of this item’s semantic-discursive behavior in a little addressed genre, i.e., mediation; and, because of the adopted paradigm, which allows the analysis of the connector in all occurrences, there is no need to separate the uses of *but* that appear between the conjunctions from those that appear in the beginning of the utterances.

Key words: Connector *but*. Metaphor. Image schemas. Radial category.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1 –	Traços de membros da categoria AVE .....	19
Figura 1 –	Exemplo de Categoria Radial .....	19
Figura 2 –	Representação dos esquemas de CONTÂINER, TRAJETÓRIA e BLOQUEIO .....	23
Quadro 2 –	Inventário de Esquemas Imagéticos .....	25
Esquema 1 –	Representação da formação do domínio GUERRA .....	29
Esquema 2 –	Representação da formação da metáfora estendida DISCUSSÃO É GUERRA .....	29
Figura 3 –	Ilustração da disposição espacial dos participantes da interação .....	39
Quadro 3 –	Convenções de transcrição adotadas .....	40
Esquema 3 –	Representação de projeções metafóricas (ocorrência 1, seção 3.1) .	51
Esquema 4 –	Representação de projeções metafóricas (ocorrência 2, seção 3.1) .	52
Esquema 5 –	Representação de projeções metafóricas (ocorrência 3, seção 3.1) .	53
Esquema 6 –	Representação de projeções metafóricas (ocorrência 4, seção 3.1) .	54
Esquema 7 –	Representação de projeções metafóricas (ocorrência 5, seção 3.1) .	55
Esquema 8 –	Representação de projeções metafóricas (ocorrência 6, seção 3.1) .	56
Gráfico 1 –	Esquemas imagéticos de <i>força</i> que fundamentam os usos do <i>mas</i> ..	83
Esquema 9 –	Categoria radial referente ao conector <i>mas</i> .....	83

## SUMÁRIO

	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	11
1	<b>PRESSUPOSTOS TEÓRICOS</b> .....	14
1.1	<b>Linguagem: um modelo baseado no uso</b> .....	14
1.2	<b>Breves considerações sobre a Linguística Cognitiva</b> .....	16
1.3	<b>Teoria dos Protótipos</b> .....	17
1.4	<b>Modelos Cognitivos Idealizados (MCIs)</b> .....	20
1.5	<b>Esquemas Imagéticos</b> .....	22
1.6	<b>Metáfora: a perspectiva sociocognitiva</b> .....	25
1.6.1	<u>DISCUSSÃO É GUERRA</u> .....	26
1.6.2	<u>Metáfora e Experiência</u> .....	27
1.6.3	<u>Subcategorização e Metáfora</u> .....	30
1.6.4	<u>DISCUSSÃO: como se forma?</u> .....	32
1.7	<b>Visões do <i>mas</i></b> .....	33
1.7.1	<u>As visões normativa, linguístico-textual e funcionalista</u> .....	33
1.7.2	<u>Conector <i>mas</i>: a visão cognitiva</u> .....	35
2	<b>METODOLOGIA</b> .....	38
2.1	<b>Apresentação do <i>corpus</i>: gravação e transcrição</b> .....	38
2.2	<b>Contexto: informações sobre o caso mediado</b> .....	41
2.3	<b>Procedimentos metodológicos de segmentação e categorização</b> .....	44
2.3.1	<u>A noção de tópico</u> .....	44
2.3.2	<u>Caráter argumentativo da conversa</u> .....	45
2.4	<b>A estrutura em turnos da conversa</b> .....	47

3	<b>CASOS DE FAMÍLIA: OS USOS DO MAS NA MEDIAÇÃO</b>	50
3.1	<b>Como as metáforas explicam os usos do <i>mas</i></b>	50
3.2	<b>Usos do <i>mas</i>: os esquemas de força</b>	57
3.2.1	<u>Força Contrária</u>	57
3.2.2	<u>Bloqueio</u>	63
3.2.3	<u>Restrição</u>	73
3.2.4	<u>Habilidade</u>	75
3.2.5	<u>Compulsão</u>	78
3.2.6	<u>Desequilíbrio</u>	80
3.3	<b>Conector <i>mas</i>: uma categoria radial</b>	82
4	<b>CONCLUSÃO</b>	85
	<b>REFERÊNCIAS</b>	87
	<b>ANEXO</b>	91

## INTRODUÇÃO

Neste estudo qualitativo, objetiva-se descrever o conector *mas*, à luz da Linguística Cognitiva, baseando-se, sobretudo, na *Teoria da Metáfora Conceptual* e nos conceitos de *categorização, esquemas imagéticos e modelos cognitivos idealizados* (MCIs).

O *corpus* selecionado é a transcrição de uma sessão de mediação endoprocessual, ocorrida no dia 29 de maio de 2007 no Rio de Janeiro. Tal transcrição integra o acervo de dados do Prof. Dr. Paulo Cortes Gago (UFJF) e segue os procedimentos da Análise da Conversa Etnometodológica.

A mediação é uma forma alternativa de resolução de conflitos (ADR), praticada, com sucesso, em muitos países como Argentina, Israel, França, Canadá, EUA e Espanha. No Brasil, os processos de mediação foram possibilitados pela Lei nº 8.078 de 11 de setembro de 1990.

Acredita-se que a mediação supere o déficit de comunicação do sistema judiciário operacional, e que, por isso, a partir das sessões desse processo, é possível se obter acordos mais facilmente, já que o mediador é visto também como o responsável por levar os mediandos a compreender que possuem visões diferentes sobre o problema a ser resolvido e que precisam respeitar o posicionamento um do outro para encontrarem uma solução satisfatória às duas partes. Seguindo esse raciocínio, afirma-se que a mediação é uma forma ideal de discussão racional, uma vez que as táticas permitidas, nesse gênero discursivo, são o estabelecimento de premissas, a citação de evidências que as sustentem e a geração de conclusões lógicas.

Parte-se do princípio de que, em nossa sociedade, uma discussão racional é marcada pela argumentação, a qual é experienciada em termos de um confronto físico, o que leva a crer que os usos de determinados itens linguísticos, como o conector *mas*, ativam o modelo cognitivo idealizado de “guerra” no tipo de interação estudado. Em vista disso, pretende-se investigar as bases cognitivas que fundamentam os sentidos do *mas* e a função desse conector na argumentação, uma vez que se acredita que a metáfora da “guerra” estrutura o discurso analisado como um todo.

Inicialmente, duas motivações impulsionaram esta pesquisa. A primeira foi a observação do uso recorrente do conector *mas* no *corpus* selecionado. E a segunda surgiu após a leitura do posfácio da edição de 2003 da obra *Metaphor we live by*, de Lakoff e Johnson. Na seção intitulada “Some Corrections and Clarifications”, os autores afirmam que

ainda não olharam com profundidade para a metáfora primária, e, conseqüentemente, algumas das análises do livro estão incompletas, caso em que se inclui o estudo da metáfora DISCUSSÃO É GUERRA. O primeiro problema verificado nesta pesquisa, portanto, é a necessidade de uma análise mais aprofundada da metáfora da “guerra”. Durante a revisão teórica, entretanto, observaram-se outras duas questões a serem problematizadas, a saber: a primeira é o fato de as análises dos usos do *mas* em interações nem sempre se encaixarem nas descrições normativa, linguístico-textual e funcionalista revisadas; e a segunda é a prática comum de se analisar separadamente os usos do *mas*, ora como conectores interfrásticos ora como pré-começos ou inícios acessórios de um turno de fala.

Considerando o abrangente arcabouço teórico adotado, entende-se que não há necessidade de limitar o objeto de estudo escolhido a determinados contextos de uso. Dessa forma, serão analisados tanto os usos em que tal item é caracterizado como um conector interfrástico quanto os usos denominados pré-começos ou inícios acessórios.

Duas hipóteses gerais guiam este estudo: (i) defende-se que o conector *mas* funcionaria como um gatilho para a ativação do MCI de “guerra”, em termos do qual é conceptualizado o conceito de “discussão”, como afirmam Lakoff e Johnson (2002[1980]); e (ii) acredita-se que tal conector possa ser caracterizado como uma categoria radial, formada a partir dos diferentes esquemas imagéticos que fundamentam os usos desse conector na interação.

Tais hipóteses convergem para os dois objetivos gerais a seguir: (i) apontar as funções argumentativas do *mas* na interação, sinalizadas pelos mapeamentos metafóricos ativados durante a conversa e (ii) descrever os sentidos evidenciados pelo *mas* no gênero analisado, os quais são evocados pelos diferentes esquemas imagéticos que os fundamentam.

Quanto aos sentidos do *mas*, levantam-se ainda as seguintes hipóteses específicas: (ii-a) no gênero analisado, os usos do conector *mas* são fundamentados por esquemas imagéticos de força; (ii-b) o esquema de força contrária fundamenta os usos mais nucleares ou prototípicos desse conector na interação; (ii-c) os usos não-prototípicos do *mas* afastam-se do núcleo da categoria em diferentes graus, conforme mantenham a noção de força, mas distanciem-se do sentido de contrariedade.

Tendo em vista as hipóteses específicas, pretende-se realizar os objetivos a seguir: (ii-a) verificar se há algum uso não fundamentado por um esquema de força; (ii-b) observar se o esquema de força contrária fundamenta a maioria dos usos do conector analisado; (ii-c) apontar os diferentes esquemas de força que fundamentam os usos do conector e organizá-los em uma configuração radial.

Espera-se que esta pesquisa colabore com o estudo do *mas*, devido à observação do comportamento semântico-discursivo desse item em um gênero pouco contemplado, a mediação; e, devido à escolha do paradigma adotado, que permite analisar o conector em todas as suas ocorrências, não havendo necessidade de separar os usos interfrásticos dos inícios acessórios, como já explicitado.

Pretende-se apresentar uma proposta sociocognitiva de descrição do conector analisado que reflita e fundamente uma importante generalização teórica: a categorização radial como organização conceptual do conhecimento adquirido; e pretende-se ainda colaborar para uma discussão acerca da visão da metáfora como um aparato cognitivo que opera, de forma subjacente, na formulação de estratégias argumentativas, desenvolvendo, ainda mais, o estudo da metáfora DISCUSSÃO É GUERRA.

Para levar a cabo tal tarefa, no primeiro capítulo, apresentam-se os pressupostos teóricos; no segundo, trata-se da metodologia e de teorias ligadas ao estudo da conversa; no terceiro, demonstra-se a análise; e, por fim, enumeram-se as conclusões desta pesquisa.

## 1. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Neste capítulo, apresentam-se os pressupostos teóricos que fundamentam a análise da pesquisa, a saber: a perspectiva adotada acerca da linguagem (1.1); breves considerações sobre a Linguística Cognitiva (1.2); as noções de protótipo e de categoria radial (1.3); o conceito de modelos cognitivos idealizados (1.4); a noção de esquema imagético (1.5); considerações básicas sobre a perspectiva sociocognitiva da metáfora (1.6); e diferentes abordagens sobre o objeto de estudo (1.7).

### 1.1. Linguagem: um modelo baseado no uso

A Linguística Cognitiva (LC) advoga que se empregam habilidades cognitivas gerais, que também podem ser inatas, na aquisição da linguagem. Assim, não se nega que os seres humanos sejam programados biologicamente para adquirir uma língua, mas rejeita-se a hipótese de que há um sistema cognitivo inato e especializado, que equipa o ser humano para o conhecimento linguístico.

Para defender a perspectiva da LC acerca da linguagem, retoma-se o estudo de Tomasello (2003a[1999]), que considera a habilidade de se comunicar simbolicamente com indivíduos da mesma espécie uma adaptação biológica específica dos seres humanos, entretanto, rejeita a ideia de que há estruturas cognitivas inatas especializadas para a linguagem. Dessa forma, o *Modelo Baseado no Uso* proposto por Tomasello (2003a[1999]) enfatiza os processos de aprendizagem e atribui a aquisição da linguagem a duas habilidades cognitivas que não são específicas da linguagem, mas relacionam-se também a outros domínios cognitivos. Tais habilidades cognitivas gerais são a *identificação de padrões* e a *leitura de intenções*.

Ferrari (2011, p.151) esclarece que “a identificação de padrões consiste na habilidade de reconhecer padrões e realizar análises *estatísticas* em sequências perceptuais, incluindo a cadeia sonora que constitui a linguagem”.

As crianças com menos de um ano procuram encontrar padrões repetidos naquilo que ouvem para construir unidades linguísticas. De acordo com Tomasello (2003b, *apud* Ferrari, 2011, p.151), a identificação de padrões envolve as seguintes habilidades:



habilidade de relacionar objetos e eventos similares, resultando na formação de categorias perceptuais e conceituais para objetos e eventos; habilidade de formar esquemas sensório-motores baseados na percepção recorrente de ações (reconhecimento de habilidades sensório-motoras básicas e reconhecimentos de ações como eventos, tais como engatinhar, andar, pegar um objeto, e assim por diante); habilidade de realizar análise distribucional de sequências perceptuais e comportamentais (identificação e reconhecimento de combinações recorrentes de elementos em uma sequência, de modo a identificar e reconhecer sequências); habilidade de criar analogias (reconhecimento de similaridades) entre duas ou mais totalidades (incluindo expressões linguísticas), com base na similaridade funcional de alguns elementos nessas totalidades.

Essas capacidades possibilitam que as crianças identifiquem padrões no modo como os adultos usam os símbolos linguísticos em diferentes contextos, e, dessa forma, construam as dimensões gramaticais (abstratas) da competência linguística humana.

As crianças são capazes de identificar padrões não apenas em relação a aspectos formais da linguagem, como a capacidade de crianças pré-linguísticas em reconhecer padrões silábicos de palavras em uma cadeia sonora, mas também em relação a aspectos funcionais (ligados ao significado). Para aprender o uso convencional de uma palavra específica, por exemplo, a criança não só precisará reconhecer a mesma forma fonológica através de diferentes instâncias, como também terá necessidade de enxergar os padrões com que os adultos usam comunicativamente uma determinada forma, por meio de eventos de uso distintos. Como afirma Ferrari (2011), essa identificação funcional de padrões inclui desde a percepção de similaridade nos referentes distintos denominados por uma mesma palavra, como o termo *bola*, por exemplo, até a percepção de similaridades em diferentes relações indicadas pelos diversos usos de preposições, tais como *para* ou *por*.

Já a leitura de intenções trata-se da habilidade de perceber as outras pessoas como agentes mentais que podem ter crenças verdadeiras ou falsas acerca do mundo. Segundo Tomasello (2003b, *apud* Ferrari, 2011, p.153), as habilidades envolvidas na leitura de intenções são:

habilidade de compartilhar atenção com outras pessoas em relação a objetos e eventos de interesse mútuo; habilidade de seguir a atenção e gestual de outras pessoas em relação a objetos distantes e eventos fora da interação imediata; habilidade de dirigir ativamente a atenção dos outros para objetos distantes, através do ato de apontar, mostrar e usar outros gestos não linguísticos; habilidade de aprender culturalmente (imitativamente) as ações intencionais dos outros, incluindo seus atos comunicativos resultantes de intenções comunicativas.

Todas essas habilidades definem a dimensão simbólica e funcional da comunicação linguística, que envolve a tentativa de manipular os estados mentais ou intencionais de outras pessoas.

Tomasello (2003a[1999]) afirma que, por volta de 9-12 meses de idade, as crianças começam a direcionar o olhar para o mesmo lugar que os adultos estão olhando (*acompanhamento de olhar*), usam os adultos como pontos de referência social (*referenciação social*) e agem em relação aos objetos da mesma forma que os adultos (*aprendizagem imitativa*). Tais comportamentos são triádicos, pois as crianças coordenam suas intenções tanto com objetos quanto com pessoas, assim, forma-se uma *cena de atenção compartilhada*, uma interação social em que a criança e o adulto mantêm, por um determinado tempo, a atenção voltada para um terceiro objeto ou evento e para a atenção de outra pessoa em relação a esse objeto ou evento. Esses comportamentos estão na base da compreensão de outras pessoas como agentes intencionais, ou seja, seres que possuem objetivos e fazem escolhas em relação às melhores estratégias de comportamento para atingi-los.

No capítulo de análise, verifica-se que os diversos usos do conector estudado relacionam-se às diferentes leituras das intenções dos participantes da interação.

Enfatiza-se, de acordo com os fundamentos da LC, que a linguagem é um *modelo baseado no uso*. A seguir, serão apresentadas outras premissas dessa abordagem.

## **1.2. Breves considerações sobre a Linguística Cognitiva**

A Linguística Cognitiva, como se afirma reiteradamente, não constitui um corpo teórico unificado e claramente delimitado, ao invés disso, o arcabouço cognitivista resulta de um conjunto de posições teóricas convergentes. A união dessas posições teóricas parte da *hipótese da motivação conceptual da gramática*, segundo a qual fenômenos léxico-gramaticais devem ser explicados a partir de mecanismos mais gerais. Assim, diferentemente do modelo gerativo, a LC defende a hipótese da não modularidade da linguagem, assumindo uma perspectiva integradora em relação aos módulos tradicionalmente estabelecidos.

De acordo com os sociocognitivistas, a estrutura léxico-gramatical das línguas naturais reflete, em alguma medida, a estrutura do pensamento. Em vista disso, assume-se que a representação do “conhecimento de mundo” não é fundamentalmente diferente da representação semântica, e que os processos cognitivos gerais, como mecanismos de categorização e de atenção, motivam os fenômenos gramaticais.

No âmbito da LC, a construção da significação referente ao universo cultural leva em conta a captação dos dados da experiência. Sendo assim, uma das hipóteses centrais dessa abordagem é que as experiências humanas mais básicas, as quais se estabelecem a partir do corpo, fornecem as bases dos sistemas conceptuais humanos. O pensamento é compreendido, portanto, como *corporificado*, uma vez que sua estrutura e sua organização estão associadas diretamente à estrutura do corpo, assim como às restrições humanas de percepção e de movimento no espaço.

Retomando a proposta filosófica de Putnam (1981) em relação à razão humana, Lakoff (1987) adota o *realismo experiencialista* em seus estudos. Embora reconheça a existência da realidade externa, o realismo experiencialista assume que, devido à forma e à configuração dos corpos e cérebros humanos, estabelece-se necessariamente uma perspectiva particular entre várias perspectivas possíveis e igualmente viáveis em relação ao mundo. Ferrari (2011, p.22) resume os principais postulados dessa proposta da seguinte forma:

O pensamento é “enraizado” no corpo, de modo que as bases do nosso sistema conceptual são percepção, movimento corporal e experiências de caráter físico e social; o pensamento é imaginativo, de forma que os conceitos que não são diretamente ancorados em nossa experiência física empregam metáfora, metonímia e imagética mental, caracterizados por ultrapassar o simples espelhamento literal da realidade; o pensamento tem propriedades *gestálticas*: os conceitos apresentam uma estrutura global não atomística, para além da mera reunião de ‘blocos conceptuais’ a partir de regras específicas.

O significado é entendido, portanto, como uma construção mental, em um movimento contínuo de categorização e recategorização do mundo, a partir da interação de estruturas cognitivas e modelos compartilhados de crenças socioculturais. Sob essa ótica, acredita-se que as palavras não *contêm* significados, mas orientam a construção do sentido.

Na próxima seção, apresentam-se considerações básicas acerca da *Teoria dos Protótipos*, as quais se relacionam estreitamente à noção de perspectiva e de categorização e recategorização do mundo.

### 1.3. Teoria dos Protótipos

Antes de revisar, especificamente, as considerações básicas acerca da *Teoria dos Protótipos*, é preciso tratar do processo de categorização, que é essencial em relação à linguagem.

A categorização é o processo através do qual se agrupam entidades semelhantes (objetos, pessoas, lugares etc.) em classes específicas. As estratégias de categorização estão intimamente relacionadas à capacidade humana de memória. Percebe-se que se agrupam objetos em categorias para falar do mundo, mas não se criam um número infinito de categorias, pois isso acarretaria em sobrecarga em termos de processamento e armazenamento de informações.

De acordo com o modelo clássico de categorização, para que um elemento pertença a uma categoria, esse deve possuir todos os atributos definidores da mesma. Os membros da categoria AVE, por exemplo, devem “ter bico”, “ter duas asas”, “ter dois pés”, “ter pernas”, “poder voar” e “colocar ovos”. Assim, enquanto gaivotas e pardais seriam membros da categoria AVE, indiscutivelmente, os pinguins precisariam ser excluídos da categoria, por possuírem asas atrofiadas com função de nadadeira e não possuírem pena.

Fillmore (1975), em um exemplo clássico sobre o termo inglês BACHELOR (*solteirão*), questiona o modelo clássico de categorização, argumentando que a decomposição do item lexical com base nos traços [+MACHO], [+ADULTO], [-CASADO] não é suficiente para descrever o sentido da palavra. De acordo com Fillmore, a definição do termo requer referência a um domínio cognitivo específico, denominado *frame*<sup>1</sup>, que reúne conhecimento compartilhado acerca das expectativas socioculturais relacionadas à idade apropriada para o casamento. É a relativização do termo BACHELOR a esse domínio cognitivo específico que explica o fato de que a palavra não é adequada para nomear o Papa, ou um personagem que viva nas selvas, como o Tarzan, ainda que esses indivíduos compartilhem os traços mencionados.

Dessa forma, percebe-se que não há um traço compartilhado por todos os membros da família, mas um conjunto de traços que permite compartilhamentos parciais, assim como não há um traço definidor das categorias em geral.

As investigações iniciais de Rosch (1973,1978), no âmbito da Psicologia, tiveram grande influência nos questionamentos ao modelo clássico de categorização. Essas investigações pretendiam explorar a base psicológica das cores focais, para determinar se tais cores partiam da linguagem ou da cognição pré-linguística. Os resultados indicaram que as cores focais pareciam ter saliência cognitiva particular, provavelmente de forma independente da linguagem, e pareciam refletir certos aspectos fisiológicos dos mecanismos perceptuais do ser humano. Esses resultados motivaram Rosch a estender a noção de foco, ou *protótipo*, para além da categoria cromática, ou seja, para domínios como formas, organismos e objetos.

---

<sup>1</sup> O conceito de *frame* será abordado mais detalhadamente na seção 2.4.

A fim de demonstrar que todos os tipos de entidades são organizados em termos de categorias prototípicas, cujos limites não são nítidos, uma das investigações de Rosch (1973, 1978) partiu dos julgamentos de estudantes universitários acerca das seguintes categorias: FRUTA, MOBÍLIA, VEÍCULO, ARMA, LEGUME, FERRAMENTA, AVE, ESPORTE e BRINQUEDO. Os estudantes deveriam julgar se os itens apresentados eram “bons exemplos” das categorias indicadas e, a partir de tais julgamentos, sugeriu-se a existência de efeitos prototípicos. Cadeiras, sofás, mesas e camas, por exemplo, foram indicados como MOBÍLIA e, logo, como protótipos. No entanto, cinzeiros, rádios, relógios e vasos foram considerados exemplos periféricos da categoria.

Entre protótipos e fronteiras categoriais, há membros intermediários, organizados em uma escala de prototipicidade. A organização categorial envolve desde representantes mais centrais, com similaridade suficiente ao protótipo, até representantes muito periféricos, que apresentam poucos traços em comum com o núcleo categorial.

A fim de esclarecer essa ideia de organização categorial, observa-se o quadro apresentado por Ferrari (2011, p.42), cujos membros são *sabiá*, *avestruz* e *pinguim*, que compartilham alguns traços da categoria AVE:

SABIÁ	AVESTRUZ	PINGUIM
tem bico tem dois pés põe ovos tem duas asas tem penas pode voar	tem bico tem dois pés põe ovos tem duas asas tem penas	tem bico tem dois pés põe ovos

Quadro 1 – Traços de membros da categoria AVE

O *sabiá* ocupa o núcleo prototípico da categoria, uma vez que possui o maior número de traços que também são encontrados em outros membros da mesma. Já o *avestruz* apresenta quase todos os traços definidores da categoria, com exceção de um (“poder voar”), e encontra-se, portanto, um pouco afastado do protótipo. E o *pinguim* compartilha apenas três traços com os demais, ficando mais próximo à fronteira categorial. A figura abaixo ilustra essa distribuição:

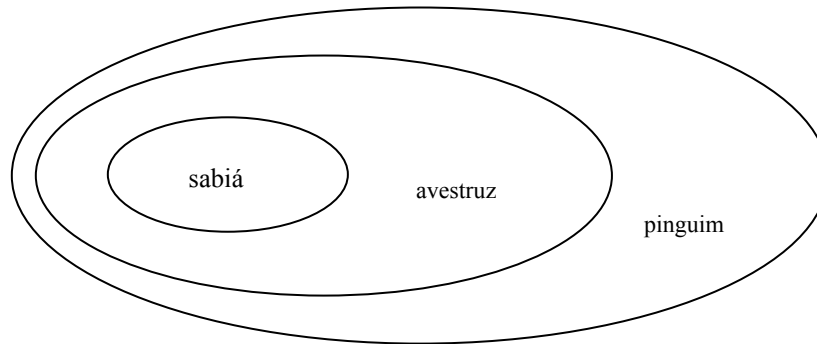


Figura 1 – Exemplo de Categoria Radial

Deve-se ter em vista, entretanto, que nem sempre a avaliação de similaridade toma o protótipo como referência, posicionando os membros da categoria em função do grau de compartilhamento de atributos abstratos e independentes do elemento central. Rosch (1999, *apud* Ferrari, 2011) afirma que as categorias prototípicas podem ser formadas com base em outros critérios, a saber: frequência estatística, calculada em termos do número ou média de vários atributos (em estruturas do tipo *semelhança familiar*); ideias salientes por força de fatores fisiológicos, como boa forma e cor focal; objetos específicos, como a categoria “comidas para dieta”, que tem como ideal a proximidade a zero caloria; ou experiência individual, em que o ideal se torna saliente em função do significado emocional.

É importante ressaltar ainda que o exemplar mais prototípico de uma categoria também pode depender do contexto, e os membros centrais dependentes do contexto podem ser diferentes dos protótipos não contextualizados. Para se compreender melhor essa relação do protótipo com o contexto, na seção seguinte, trata-se do conceito de MCI.

#### 1.4. Modelos Cognitivos Idealizados (MCIs)

As estruturas de conhecimento armazenadas na memória permanente exercem um papel fundamental na construção do significado. São essas estruturas que permitem explicar por que a interpretação envolve mais informação do que aquela codificada na forma linguística. Por exemplo, entende-se que *estacionamento rotativo* não é um estacionamento giratório.

Para pensar a construção do significado a partir da linguagem, diferentes vertentes da LC buscam desenvolver conceitos que reflitam as estruturas de conhecimento subjacentes à

linguagem. Assim, a partir das noções inter-relacionadas de *frame* e de *modelo cognitivo idealizado*, objetiva-se descrever estruturas cognitivas permanentes e estáveis, associadas ao armazenamento de conhecimento culturalmente compartilhado.

A *Semântica de Frames*, abordagem desenvolvida por Charles Fillmore (1975, 1977, 1982, 1985), estuda a estrutura semântica dos itens lexicais e construções gramaticais. O termo *frame* refere-se a um sistema estruturado de conhecimento, organizado a partir da esquematização da experiência e armazenado na memória de longo prazo.

Fillmore argumenta que o significado das palavras é subordinado a *frames*. Dessa forma, a interpretação de uma determinada palavra, ou de um conjunto de palavras, depende do acesso a estruturas de conhecimento que relacionam elementos e entidades associados a cenas da experiência humana, considerando-se as bases físicas e culturais dessa experiência, como se observa a partir da expressão *fim de semana*. Fillmore (1982, *apud* Ferrari, 2011) explica que, para se compreender tal expressão, precisa-se acionar o *frame* de CALENDÁRIO CÍCLICO, definido a partir de fenômenos naturais (a sucessão de dias e noites) e convenções culturais (a semana de sete dias e a divisão entre dias de trabalho e dias de descanso). A partir dessa base conceptual, o termo destaca os dois dias reservados para descanso do trabalho, o 7º dia de uma semana (sábado) e o 1º dia de outra (domingo), e não os dias finais da semana (6º e 7º), como se interpretaria por meio de uma leitura literal da expressão.

Percebe-se que a noção de *frame* traz implicações ao entendimento de noções como *significado* e *conceito*, pois desafia a suposição de que os conceitos sejam termos objetivos com base no estabelecimento de listas de traços semânticos, na medida em que rejeita a visão de significado como *entidade* e propõe o tratamento do significado como *função*.

Ao associar a noção de *frame* a processos de categorização, Lakoff (1987) desenvolveu o conceito de Modelo Cognitivo Idealizado (MCI), definindo-o como um conjunto complexo de *frames* distintos. Em outros termos, os MCIs podem ser considerados “representações cognitivas estereotipadas” (ALMEIDA *et al.*, 2009, p.25).

Os MCIs apresentam efeitos prototípicos, definidos como efeitos emergentes da interação de um dado esquema com outros esquemas. De acordo com Lakoff (*op.cit.*), o fato de as representações culturais serem idealizadas e, portanto, simplificadas em relação ao mundo real está na base da existência de efeitos prototípicos. Para ilustrar esse tipo de efeito, retoma-se um exemplo clássico discutido por Fillmore (1982, *apud* Ferrari, 2011): a categoria definida pela palavra inglesa BACHELOR (solteirão).

O termo *bachelor*, a princípio, pode ser atribuído a um homem adulto não casado. Contudo, Fillmore esclarece que esse nome só existe para categorizar pessoas em uma

sociedade em que certas expectativas sobre casamento se mantêm. Devido a isso, tal termo não é usado, por exemplo, para fazer referência ao Papa ou ao Tarzan - que atingiu a maturidade na floresta, sem contato com a sociedade -, embora esses indivíduos sejam homens adultos e não casados. Assim, percebe-se que *bachelor* só é adequadamente definido em relação a um MCI no qual há uma sociedade que prevê casamentos monogâmicos e uma idade apropriada para a realização dessa celebração. Nota-se ainda que esse termo fundamenta-se em um modelo idealizado e, em função disso, não considera a existência de padres, casais estáveis não casados, homossexuais, polígamos etc.

De acordo com Lakoff, os MCIs dependem de três tipos de princípio estruturante em sua composição, dos quais dois serão abordados nesta pesquisa: os *esquemas imagéticos* e as *metáforas*.

Os esquemas imagéticos podem fundamentar a estrutura conceptual dos MCIs. A experiência do ESPAÇO, por exemplo, é estruturada, em grande parte, com base nos esquemas imagéticos de ORIGEM-TRAJETO-DESTINO, CONTÊINER, PARTE-TODO, FRENTE-TRÁS, CIMA-BAIXO etc. As projeções metafóricas também podem estruturar os MCIs. O MCI de TEMPO, por exemplo, costuma ser metaforicamente estruturado em termos de ESPAÇO, como se verifica na sentença *As horas passam voando* (FERRARI, 2011, p.54).

Nas seções seguintes, são abordados o conceito de esquema imagético e a *Teoria da Metáfora Conceptual* respectivamente.

## 1.5. Esquemas Imagéticos

Os esquemas imagéticos (EIs) costumam ser definidos como versões esquemáticas de imagens, concebidas como representações de experiências corporais, tanto sensoriais quanto perceptuais, da interação do homem com o mundo. Gibbs e Colston (1995, *apud* Almeida *et al.*, 2010, p.21) conceituam EIs como gestalts experienciais que emergem a partir da atividade sensorio-motora, conforme se manipulam objetos, orienta-se espacial e temporalmente e se direciona o foco perceptual com diferentes propósitos. Assim, os EIs são considerados “representações dinâmicas análogas de relações espaciais e movimento no espaço” (GIBBS e COLSTON, 2006, p.30).

Gibbs e Colston (2006) enfatizam que, apesar de os esquemas imagéticos derivarem de processos perceptuais e motores, não são processos sensorio-motores. Ao invés disso, tais



esquemas são meios primários, imaginativos e não-proposicionais, pelos quais se constitui ou se organiza a experiência, e não meros receptáculos passivos, nos quais a experiência é depositada.

Os EIs existem transversalmente a todas as modalidades de percepção, promovendo a coordenação sensório-motora da experiência humana. Dessa forma, tais representações são visuais, auditivas, táteis e sinestésicas ao mesmo tempo. Representam padrões esquemáticos que refletem domínios, como CONTÊINER, TRAJETÓRIA e BLOQUEIO, responsáveis pela estruturação da experiência ancorada no corpo. Em seguida, ilustram-se, respectivamente, os esquemas referentes aos domínios citados:

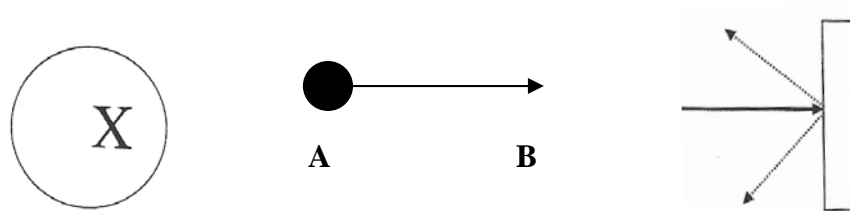


Figura 2 - Representação dos esquemas de CONTÊINER, TRAJETÓRIA e BLOQUEIO

É importante ressaltar que os EIs não são conceitos detalhados, mas abstratos, consistindo de padrões que emergem de instâncias repetidas da experiência de base corpórea. O esquema do CONTÊINER, por exemplo, resulta da experiência do homem com esse tipo de objeto, que propicia o uso de expressões que indicam movimento para dentro ou para fora, como ilustram os exemplos “O barco navegou para dentro do túnel” e “Ele jogou o lixo fora” (FERRARI, 2011, p.87).

Outros esquemas também podem ser usados metaforicamente, como o EI DENTRO-FORA, que permite a construção das expressões a seguir: “Maria se enfiou numa roupa confortável e se jogou para dentro das cobertas” e “José colocou toda a raiva para fora” (FERRARI, 2011, p.87). No primeiro exemplo, *roupa* e *cobertas* são retratadas como contêineres para dentro de onde o agente *Maria* se move. No segundo, o corpo de *José* também é entendido como um contêiner, de onde sai a *raiva*, compreendida metaforicamente como um fluido.

Além da importância dessa formulação teórica para a compreensão de usos linguísticos metafóricos, tal conceito tem se revelado extremamente produtivo em relação à descrição gramatical. O estudo de Sweetser (1990, *apud* Almeida *et al.*, 2010, p.22) mostra de que maneira os EIs permitem explicar a polissemia dos verbos modais em inglês.

Sweetser (1990) expõe uma alternância regular entre a modalidade raiz, ligada ao domínio sociofísico, e a modalidade epistêmica desses verbos, associada aos processos de raciocínio. A fim de melhor compreender o estudo dessa autora, observam-se os exemplos<sup>2</sup> a seguir:

- (1) a. John may go.
- b. John may be there.
- (2) a. You must come home by ten. (Mom said so)
- b. You must have been home last night.

A autora apresenta uma explicação unificada para os usos ligados ao domínio sociofísico (1a e 2a) e para os usos epistêmicos (1b e 2b), em função dos esquemas imagéticos subjacentes a tais ocorrências.

Tendo em vista que as ocorrências de *may* são fundamentadas por um esquema que codifica a *experiência física de ausência de barreiras*, verifica-se uma extensão do sentido sociofísico de (1a) – não há nenhuma barreira física ou social que impeça a ida de João - para a modalidade epistêmica de (1b) - não há nenhuma evidência que me impeça de concluir que João está lá. Já os usos de *must* são fundamentados pelo esquema da *compulsão*, que representa a aplicação de uma força externa que provoca o deslocamento de um objeto. Assim, em (2a), entende-se que existe uma força (social) que obriga o interlocutor a quem a frase é dirigida a voltar por volta das dez horas, enquanto, em (2b), compreende-se que existe uma evidência que obriga o emissor da frase a concluir que o interlocutor da frase (*You*) esteve em casa ontem à noite.

Observa-se, portanto, que a noção de esquema imagético ancora diversos usos linguísticos que refletem a experiência corpórea dos seres humanos no espaço físico, e que tal noção também sustenta projeções entre domínios conceptuais características de usos metafóricos. Devido a essa funcionalidade dos EIs, tal formulação teórica é fundamental para a análise pretendida, a qual se baseia, mais especificamente, no inventário de esquemas imagéticos a seguir, formulado por Croft e Cruse (2004, p.45 na tradução de Ferrari, 2011, p.87):

---

<sup>2</sup> Os trechos correspondentes na tradução são: “João pode ir” e “João pode estar lá”; “Você deve voltar para casa por volta das dez (Diz a mãe)” e “Você deve ter estado em casa na noite passada”.

Espaço	cima-baixo, frente-trás, esquerda-direita, perto-longe, centro-periferia, contanto
Escala	Trajectoria
Contêiner	contenção, dentro-fora, superfície, cheio-vazio, conteúdo
Força	equilíbrio, força contrária, compulsão, restrição, habilidade, bloqueio, atração
Unidade	Fusão, coleção, divisão, iteração
Multiplicidade	parte-todo, ligação, contável-não contável
Identidade	combinação, superimposição
Existência	remoção, espaço delimitado, ciclo, objeto, processo

Quadro 2 – Inventário de Esquemas Imagéticos

Esta pesquisa fundamenta-se, mais propriamente, nos esquemas de FORÇA e de ESCALA, acerca dos quais serão tecidas maiores considerações no capítulo de análise.

Na próxima seção, apresentam-se alguns aspectos da *Teoria da Metáfora Conceptual*, cujas formulações embasam este trabalho tanto quanto o conceito de esquema imagético.

### 1.6. Metáfora: a perspectiva sociocognitiva

Um dos aspectos que diferencia a Linguística Cognitiva de outras abordagens é a importância atribuída aos processos de metáfora. De acordo com Lakoff e Johnson (2002, p.45), a metáfora não é apenas um recurso da imaginação poética ou um ornamento retórico, mas “está infiltrada na vida cotidiana, não somente na linguagem, mas também no pensamento e na ação”.

Esses autores afirmam que os processos do pensamento são, em grande parte, metafóricos; logo, existem metáforas no sistema conceptual humano, as quais tornam possíveis as metáforas como expressões linguísticas.

De acordo com a LC, a metáfora está relacionada à noção de perspectiva, na medida em que diferentes modos de conceber fenômenos particulares estão associados a diferentes metáforas. Como exemplifica Ferrari (2011, p.92), pode-se falar metaforicamente do conceito de DISCUSSÃO em termos de:

- (a) um prédio (*Isso sustenta o que eu estou dizendo; Seu argumento desmoronou*);
- (b) uma jornada (*Aonde você quer chegar?; Isso me leva à próxima conclusão; Esse argumento nos leva mais adiante*).

Como ilustram os exemplos, a metáfora é um mecanismo que envolve a conceptualização de um domínio da experiência em termos de outro, ou seja, as metáforas permitem que se use “um conceito detalhadamente estruturado e delineado de maneira clara para estruturar um outro conceito” (LAKOFF ; JOHNSON, 2002, p.134). Dessa forma, para cada metáfora, é possível identificar um domínio-fonte e um domínio-alvo. O domínio-fonte envolve propriedades físicas e áreas relativamente concretas da experiência, enquanto o domínio-alvo tende a ser mais abstrato, como se observa através do exemplo “Ele tem alta reputação na empresa” (FERRARI, 2011). Subjacente a essa construção, encontra-se um domínio-fonte de dimensão vertical do espaço físico e um domínio-alvo de *status* social.

Ao propor a *Teoria da Metáfora Conceptual*, os estudiosos observaram que as metáforas estabelecem correspondências entre um domínio-fonte e um domínio-alvo, mas não o contrário. Isso significa que uma das propriedades do processo é a unidirecionalidade. Assim, pode-se conceptualizar, por exemplo, o tempo em termos de espaço, mas não o oposto.

A partir de Lakoff (1987,1990), Ferrari (2011, p.98) explicita que essa teoria explorou ainda a ideia de que determinados conceitos derivam de esquemas imagéticos, argumentando que tais esquemas podem servir de domínio-fonte para a correspondência metafórica. Vale ressaltar que cada projeção metafórica define potencialmente um conjunto aberto de correspondências, a partir de padrões inferenciais compatíveis com contextos comunicativos e socioculturais específicos.

Em seguida, comenta-se mais detalhadamente a metáfora investigada nesta pesquisa.

### 1.6.1. DISCUSSÃO É GUERRA

A metáfora da “guerra” possibilita que se construam expressões como “Ele *atacou todos os pontos fracos* da minha argumentação”, “Jamais *ganhei* uma discussão com ele” e “*Destruí* sua argumentação” (LAKOFF ; JOHNSON, 2002, p.46). Nota-se que, entendendo a metáfora como um ornamento retórico, as frases mencionadas não seriam consideradas metafóricas, porém, adotando a perspectiva sociocognitiva, percebe-se que a metáfora não está presente unicamente nas palavras escolhidas, mas no próprio conceito de “discussão”.

Quando a metáfora DISCUSSÃO É GUERRA faz parte do sistema conceptual da cultura na qual se vive, concebe-se discussão e se discute de acordo com tal conceito metafórico, o que

pode ser observado em relação às atitudes e às escolhas linguísticas dos participantes de uma discussão, inclusive naquelas ditas racionais e ideais, as quais ocorreriam nos meios acadêmico, legal, diplomático, eclesiástico e jornalístico. A seguir, apresentam-se exemplos de como os participantes, mesmo em uma discussão sem confronto físico, utilizam meios verbais para *atacarem, defenderem-se e se contra-atacarem*:

...porque eu sou maior do que você (intimidando); ...porque se você não..., eu vou... (ameaçando); ...porque eu sou o patrão (apelando à autoridade); ...porque você é tolo (insultando); ...porque você geralmente faz isso errado (depreciando); ...porque eu tenho tanto direito quanto você (desafiando a autoridade); ...porque eu te amo (evitando determinado assunto); ...porque se você quiser..., eu farei... (negociando); ...porque você é muito melhor nisso (elogiando). (LAKOFF; JOHNSON, p.135).

Frequentemente, todas essas táticas podem ser apresentadas como razões racionais para se defender um ponto de vista ou para se conseguir o que se deseja.

Os mundos acadêmico, legal, diplomático, eclesiástico e jornalístico enxergam tais táticas como proibidas, já que pretendem atingir uma forma ideal de discussão racional. Nesses mundos, o estabelecimento de premissas, a citação de evidências que as sustentem e a geração de conclusões lógicas são as únicas táticas permitidas. Observa-se, contudo, que mesmo as discussões racionais, em sua forma ideal, desenvolvem-se em termos de GUERRA, visto que há uma posição a ser defendida, há um oponente cuja posição se tenta destruir, e se pode vencer ou perder a discussão.

É interessante notar que, embora não se tenha experienciado uma luta ou uma guerra, concebe-se discussão como guerra. Na próxima subseção, evidencia-se por que razão essa conceptualização é possível.

### 1.6.2. Metáfora e Experiência

De acordo com a LC, como já mencionado, o pensamento é compreendido como *corporificado*. Dessa forma, conceitos centrais para o funcionamento do corpo humano, como PARA CIMA-PARA BAIXO, DENTRO-FORA, FRENTE-ATRÁS, LUMINOSO-SOMBRIO, QUENTE-FRIO, MACHO-FÊMEA são definidos de maneira mais direta e, logo, mais clara do que outros. Entretanto, Lakoff e Johnson (2002) argumentam que a maior parte do sistema conceptual humano é metaforicamente estruturada, isto é, que os conceitos, em sua maioria, são parcialmente compreendidos em termos de outros conceitos.

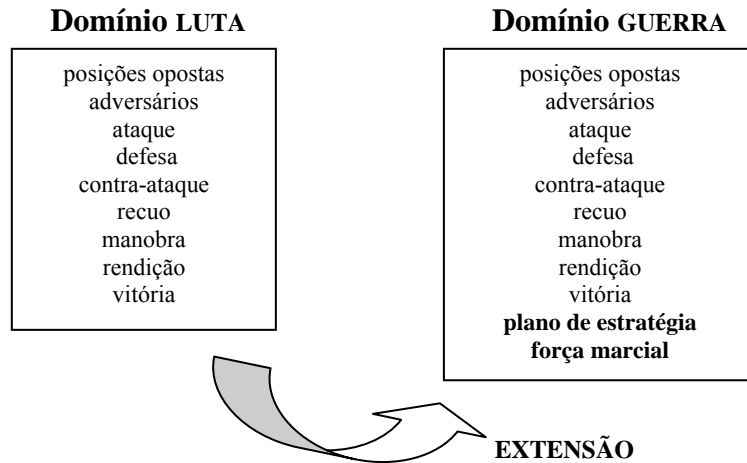
O conceito DISCUSSÃO, por exemplo, é parcialmente compreendido em termos do conceito GUERRA, o que é possibilitado pela existência da metáfora DISCUSSÃO É GUERRA no sistema conceptual humano. Tal metáfora, à primeira vista, confirma a possibilidade de se compreender um conceito em termos de outro, mas parece ir de encontro à hipótese da corporificação, já que a maioria das pessoas não experiencia uma guerra. Essa impressão de que a metáfora da “guerra” não é proveniente das interações do homem com o ambiente físico, no entanto, é questionável.

Refletindo acerca de que a maioria das pessoas aprende sobre discussão antes de aprender sobre guerra, questiona-se como é possível estruturar o conceito DISCUSSÃO a partir do conceito GUERRA, já que este é aprendido depois daquele.

A resposta para essa questão está no fato de que as crianças lutam contra as manipulações físicas de seus pais, e que essas lutas se fundem com palavras, à medida que a linguagem é aprendida. Assim, o conceito base para se estruturar o conceito de “guerra” é o de “luta” ou “confronto físico”. Vê-se, portanto, que a metáfora DISCUSSÃO É LUTA pode ser considerada primária. Em vista disso, a metáfora da “guerra” origina-se em crianças que já possuem a metáfora da “luta” em seus sistemas conceptuais, e, apenas depois que essa nova metáfora é incorporada ao sistema conceptual, pode-se compreender discussão em termos de guerra.

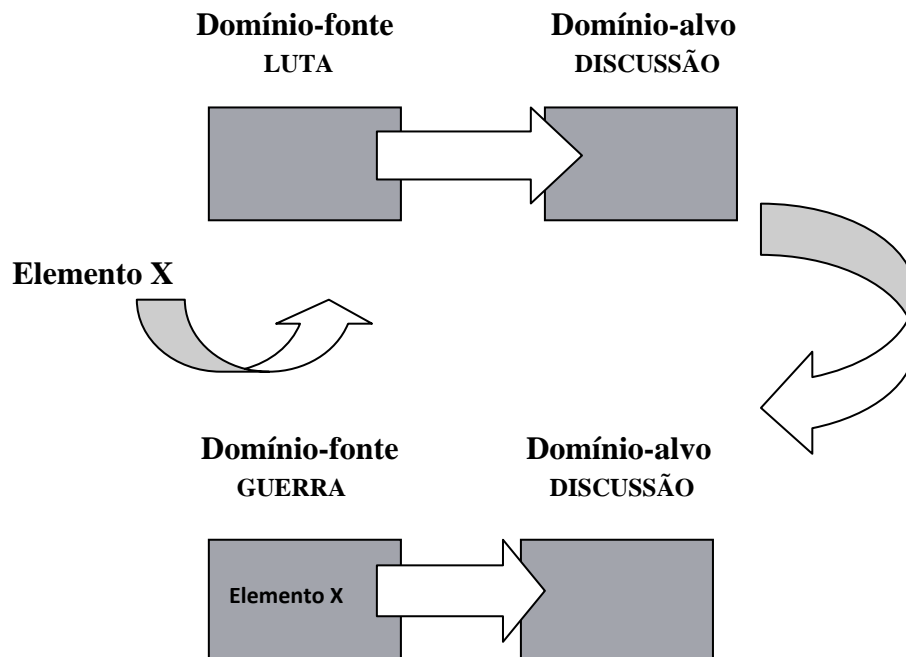
Os confrontos físicos associados às palavras no desenvolvimento da criança servem de base para a formação da metáfora primária, e, conforme as crianças crescem, seus conhecimentos acerca de luta são estendidos, até se chegar a formas mais violentas de confronto, como batalhas e guerras. É justamente por meio desses conhecimentos adquiridos que a metáfora primária da “luta” também se estende, até que a metáfora da “guerra” seja incorporada ao sistema conceptual. Tendo em vista essas reflexões acerca das metáforas abordadas, considera-se que a metáfora da “guerra” é uma extensão da metáfora da “luta”.

Em um estudo acerca do papel do artifício de extensão na formação da metáfora da “guerra”, Velozo (2010) observa que os mesmos elementos presentes no domínio LUTA também se incluem no domínio GUERRA, e que os elementos *plano de estratégia* e *força marcial* fazem parte, unicamente, do último. Constata-se, portanto, que o domínio GUERRA é formado por extensão, como se observa no esquema a seguir:



Esquema 1 – Representação da formação do domínio GUERRA

Considerando que o artifício de extensão baseia-se na introdução de um novo elemento conceptual no domínio-fonte, desenvolveu-se a seguinte representação para explicar melhor o processo de formação da metáfora estendida DISCUSSÃO É GUERRA:



Esquema 2 - Representação da formação da metáfora estendida DISCUSSÃO É GUERRA

Observa-se, no esquema acima, que o domínio-fonte LUTA estruturava o domínio-alvo DISCUSSÃO inicialmente, porém, a inserção de um novo elemento, nesse domínio-fonte, originou um novo domínio, o da GUERRA, que passou a ser o domínio-fonte que estrutura o domínio-alvo DISCUSSÃO.

Sugere-se que o recurso de extensão possa explicar a incorporação da metáfora da “guerra” no sistema conceptual humano, uma vez que mesmo as pessoas que não estiveram em uma guerra possuem a metáfora DISCUSSÃO É GUERRA em seus sistemas conceptuais.

Vale ressaltar ainda que a extensão do domínio LUTA relaciona-se a propósitos argumentativos, uma vez que intensifica a força dos argumentos em uma discussão.

Na subseção a seguir, explicita-se de que maneira uma conversa passa a ser conceptualizada como uma discussão.

### 1.6.3. Subcategorização e Metáfora

Lakoff e Johnson (2002) sugerem que a diferença básica entre uma conversa e uma discussão é a sensação de estar em uma batalha. Em vista disso, percebem-se alguns traços característicos de uma batalha em uma discussão, como: um dos participantes tem uma opinião que considera importante e que o outro não aceita; pelo menos um dos participantes deseja que o outro desista de sua opinião e isso cria um entendimento de que há algo a ser ganho ou perdido; percebe-se o envolvimento em uma discussão quando se nota a própria posição sob ataque, ou quando se sente necessidade de atacar a posição do outro participante; e, principalmente, entende-se que a conversa tornou-se uma discussão quando o interesse maior é tentar fazer a opinião do outro ser desacreditada, enquanto se tenta manter a própria posição. Considera-se, portanto, discussão uma conversa em que o elemento de cooperação polida pode desaparecer.

Apesar de não ser um combate real, a estrutura desse tipo de conversa assume aspectos da estrutura de guerra, a qual influencia nas atitudes dos participantes. Sendo assim, um participante experiencia o outro como um adversário, ataca a posição do outro, defende a sua própria posição e tenta fazer o adversário render-se. A reestruturação da conversa em termos da estrutura da “guerra” pode ser vista a partir das características a seguir:

Você tem uma opinião que considera importante. (ter uma posição); O outro participante não concorda com você. (ter uma posição diferente); É importante para vocês dois, ou pelo menos para um de vocês, que o outro desista de sua opinião (render-se) e aceite a do outro (vitória). (ele é seu adversário); A diferença de opiniões torna-se um conflito de opiniões. (conflito); Você pensa na melhor maneira de convencê-lo a aceitar seu ponto de vista (plano de estratégia) e considera que evidência você poderá trazer para reforçar sua questão. (forças marciais); Considerando o que você percebe como fraquezas da posição do outro, você faz perguntas e coloca objeções planejadas para forçá-lo a desistir e adotar a sua opinião. (ataque); Você tenta trocar as premissas da conversa de maneira que você fique numa posição mais forte. (manobra); Respondendo às perguntas e objeções do outro, você tenta



manter sua própria opinião. (defesa); À medida que a discussão se desenvolve, há necessidade de revisão para poder manter sua visão geral. (reco); Você pode levantar novas questões e objeções. (contra-ataque); Ou você se cansa e decide parar de discutir (trégua) ou nenhum de vocês dois consegue convencer o outro (impasse), ou um de vocês desiste (rendição). (LAKOFF ; JOHNSON, 2002, p.156-157).

As características vistas transformam uma conversa em discussão, pois correspondem a elementos do conceito GUERRA. Tais elementos se adicionam ao conceito CONVERSA nas seis dimensões de estrutura da conversa.

As seis dimensões principais que estruturam uma conversa polida são: *participantes* – aqueles que assumem papel de falante e definem a conversa por aquilo que fazem e pelo papel que desempenham ao longo dessa; *partes* – cada turno de fala que compõe a conversa como um todo, as quais devem ser colocadas juntas de maneira que haja um conversa coerente; *sequência linear* – os turnos de fala dos participantes são organizados em uma sequência linear, tendo como condição geral a alternância dos falantes; *causalidade* – espera-se que o fim de um turno de fala dê início ao próximo turno; *propósito* – o propósito maior de uma conversa é manter uma interação social polida de modo razoavelmente cooperativo; *estágios* – conjunto de condições iniciais (coisas ditas para dar início à conversa: Olá! Como vai?) somados aos estágios começo, meio e fim (esses estágios são marcados por expressões que fazem a conversa desenvolver-se ao longo da parte central e por expressões finalizadoras).

Observando essas mesmas dimensões, nota-se o que existe do conceito GUERRA no conceito CONVERSA. No conceito CONVERSA, tais dimensões se definem da seguinte forma: *participantes* – pessoas ou grupos de pessoas que desempenham papel de adversários; *partes* – as duas posições, planejamento de estratégias, ataque, defesa, recuo, manobra, contra-ataque, impasse, trégua, rendição/vitória; *sequência linear* – recuo depois de ataque, defesa depois de ataque, contra-ataque depois de ataque; *causalidade* – ataque resulta em defesa, ou contra-ataque, ou recuo, ou fim; *propósito* – vitória; *estágios* – formados pelas condições iniciais, início, meio e fim. Nas *condições iniciais*, os participantes têm diferentes posições, assumem que podem defendê-las e pelo menos um deseja que o outro se renda. No *início*, um adversário ataca. No *meio*, existem combinações de defesa, de manobra, de recuo e de contra-ataque. No *fim*, ou existe uma trégua, ou um impasse, ou rendição/vitória. E como *estado final* tem-se a paz, ou seja, o vitorioso domina o perdedor.

Vê-se, dessa forma, que a atividade de falar é estruturada em termos de outra atividade: a guerra. Entende-se, portanto, que discussão é uma conversa porque a atividade de falar acontece em ambos os casos e porque uma discussão tem todos os traços básicos de uma conversa. Por outro lado, considera-se DISCUSSÃO É GUERRA uma metáfora porque se

compreende que discussão e guerra são tipos de atividades diferentes, e porque discussão é parcialmente estruturada em termos de guerra, ou seja, apenas alguns elementos do domínio GUERRA são usados em termos de discussão. Assim, defini-se a metáfora DISCUSSÃO É GUERRA por meio de dois critérios: diferença no tipo de atividade e estruturação parcial; e se compreende que uma discussão é uma subcategorização de conversa, tendo em vista os seguintes critérios: mesmo tipo de atividade e mesmos traços estruturais em número suficiente.

A seguir, a formação do conceito DISCUSSÃO será abordada mais detalhadamente.

#### 1.6.4. DISCUSSÃO: como se forma?

Os conceitos de CONVERSA e de GUERRA, comentados anteriormente, não são capazes de focar todos os aspectos relevantes de uma discussão e não explicam muitas das ações sistemáticas de seus participantes. Dessa forma, Lakoff e Johnson (2002) defendem que o conceito DISCUSSÃO É GUERRA é posteriormente definido por justaposições das metáforas DISCUSSÃO É UMA VIAGEM, DISCUSSÃO É UM RECIPIENTE e DISCUSSÃO É UMA CONSTRUÇÃO, as quais enfocam os aspectos não salientados pela metáfora da “guerra”. Tendo em vista os propósitos de análise desta pesquisa, apenas a metáfora da “viagem” será detalhada.

A metáfora DISCUSSÃO É UMA VIAGEM permite compreender que uma discussão tem um início, segue de forma linear e progride em estágios em direção a um objetivo. Dessa forma, tal metáfora focaliza a direção e o progresso em direção a um objetivo. Contudo, essa metáfora não torna todos os exemplos de realizações metafóricas coerentes. O que caracteriza a sistematicidade interna de tal metáfora são suas implicações metafóricas, as quais, de acordo com Lakoff e Johnson (2002, p.171), baseiam-se em dois fatos a respeito de viagens: VIAGEM DEFINE UM CAMINHO e CAMINHO DE UMA VIAGEM É UMA SUPERFÍCIE. O caminho, na metáfora da “viagem”, corresponde à forma da argumentação e o chão percorrido, ao conteúdo.

Além de focalizar a direção e o progresso em direção ao objetivo da discussão, a metáfora da “viagem” fundamenta outros aspectos, a saber: conteúdo, caráter direto e obviedade da argumentação.

De acordo com essa metáfora, à medida que se avança em uma discussão, cria-se mais superfície; e, quanto maior a superfície criada, maior extensão terá a discussão. Dessa forma, entende-se que a argumentação ganha mais conteúdo à proporção que cobre uma maior

extensão de chão (via superfície percorrida da VIAGEM). Assim, como argumentam Lakoff e Johnson (2002), a superfície definidora de conteúdo, para a metáfora da “viagem”, é a superfície criada pelo caminho (a cobertura). Une-se a esse aspecto a noção de profundidade, que também é definida em termos de superfície.

Na metáfora da “viagem”, a superfície definidora de profundidade é a do chão. Em tal metáfora, os fatos não óbvios são os mais profundos, pois se entende que esses não se encontram na superfície, ou melhor, que não são fáceis de serem enxergados. Dessa forma, entende-se que, quando se percorre um caminho, deixando uma trilha (superfície) para trás, percorre-se também um tópico em toda a sua extensão com certa profundidade.

Na seção de análise, comentários acerca da justaposição das metáforas da GUERRA e da VIAGEM serão retomados. Na próxima seção, alguns estudos que abordam o objeto de pesquisa serão revisados.

## **1.7. Visões do *mas***

Nesta pesquisa, observa-se, sob um novo paradigma, um objeto de estudo já bastante comentado na literatura linguística do Brasil. Sendo assim, considera-se pertinente retomar outras abordagens a respeito de tal item e apresentar a noção de *conector*, em que, segundo a LC, o objeto investigado se enquadra.

### 1.7.1. As visões normativa, linguístico-textual e funcionalista

As considerações, a seguir, referem-se aos estudos a respeito do item linguístico *mas* realizados por Cunha (1985), Koch (1993) e Neves (2000), os quais adotam, respectivamente, uma visão normativa, linguístico-textual e funcionalista em suas descrições.

De acordo com Cunha (*op.cit.*), o *mas* é uma conjunção coordenativa adversativa que liga dois termos ou duas orações de igual função, acrescentando-lhes, porém, uma ideia de contraste. Cunha defende que a conjunção *mas* apresenta múltiplos valores afetivos, além da ideia básica de oposição. Tais valores são: restrição; retificação; atenuação ou compensação; e adição.

Apresenta-se, respectivamente, um exemplo de cada um desses valores a seguir: “-Vai, se queres, disse-me este, *mas* temporariamente”; “Eram mãos nuas, quietas, essas mãos; serenas, modestas e avessas a qualquer exibicionismo. *Mas* não acanhadas, isso nunca”; “Vinha um pouco transtornado, *mas* dissimulava, afetando sossego e até alegria”; “Era bela, *mas* principalmente rara” (CUNHA, 1985, p.570-571).

Segundo o mesmo autor, é particularmente importante o emprego dessa conjunção para mudar a sequência de um assunto, geralmente com o fim de retomar o fio do enunciado anterior que ficara suspenso, como em “*Mas* os dias foram passando” (*ibid.*, p.571).

De acordo com Koch (1993), a conjunção *mas* é um conector interfrástico responsável pelo tipo de encadeamento a que se tem denominado *conexão* ou *junção*, e pode estabelecer relações de contrajunção; generalização/extensão; contraste; refutação/retificação; previsão; negação; concessão; entre outras. Exemplificam-se, respectivamente, tais relações a seguir: “Tinha todos os requisitos para ser um homem feliz. *Mas* vivia só e deprimido”; “Pedro está de novo sem dinheiro. *Mas*, é o que acontece com todo estudante que vive de mesada”; “Gosto muito de esporte. *Mas* luta-livre, faça-me o favor!”; “Não nos estamos dirigindo a ‘líderes conscientizados’, *mas* a pessoas, estudantes ou não, de consciência”; “Onde pode chegar é difícil prever-se *mas* pode, quando tiver a idade e a experiência de Zico, estar até em nível superior”; “O leão não conseguiu ainda moderar a sua fome, *mas* o leão (já) disciplinou a temporada alimentar”; e “A forma não é a mais adequada, *mas* trata-se de um livro sobre o artista” (KOCH, 1993, p.66-229, *passim.*).

Neves (2000), a partir de uma visão funcionalista, observa que o coordenador *mas* diferencia o segundo segmento do primeiro, especificando a relação de desigualdade entre esses. Essa autora enfatiza que “a desigualdade é utilizada para a organização da informação e para a estruturação da argumentação. Isso implica a manutenção de um dos membros coordenados e a sua negação” (*ibid.*, p.757).

Nas relações de desigualdade, há diferentes aspectos marcados pelo uso do *mas*. Iniciando sintagmas, orações ou enunciados em função atributiva, por exemplo, o *mas* pode indicar *contraposição*, ou, mais fortemente, *eliminação*.

Em se tratando da *contraposição*, a oração iniciada pelo *mas* não elimina o elemento anterior, ao invés disso, admite-o explícita ou implicitamente, contrapondo-se a ele, como em: “Jesus, naquela ocasião, não satisfiz a curiosidade dos discípulos, *mas* foi à prática: curou o cego” (*ibid.*, p.758).

Além de marcar *contraste*, o uso do *mas* com valor de *contraposição* pode marcar *compensação*, como no seguinte exemplo: “Longo, *mas* lido com voz clara e sem hesitações,

o discurso no Congresso arrancou aplausos em várias ocasiões” (NEVES, 2000, p.760). A partir desse período, é possível fazer a seguinte interpretação: “{(discurso) longo} → {*mas* (em compensação) lido com voz clara e sem hesitações}” (*ibid.*, p.760).

A *compensação* pode apresentar um sentido de *reparação* quando o argumento que é desfavorável ou menos favorável vem em segundo lugar, “o que pode vir lexicalizado (**pelo menos, ao menos, já**): As massas vivem cada vez mais em um clima de violência, *mas, pelo menos* conscientemente, procuram a paz” (*ibid.*, p.761).

Nas relações de desigualdade, a conjunção *mas* pode indicar, além de contraposição, *eliminação*. Tal relação é estabelecida quando esse conector elimina o membro coordenado anterior. Essa eliminação pode vir suposta ou expressa e o elemento eliminado pode ser ou não substituído. Como exemplos de eliminação, destacam-se: “Fê-lo no começo, *mas* logo percebeu que assim afastava os povos do marxismo” e “Pensei em falar, em dizer mil coisas que me ocorrem, *mas não consegui* sequer abrir a boca” (*ibid.*, p.765).

Neves também enfatiza que o conector *mas* possui empregos que só ocorrem em início de enunciado, muito caracteristicamente em início de turno, obedecendo a determinações pragmáticas. Nessas construções, o *mas* pode indicar contraposição, e o enunciado que esse conector inicia, apesar de se contrapor ao enunciado anterior, não o elimina.

É importante ressaltar que os exemplos apresentados acima não contemplam dados de interações espontâneas. Devido a isso, considera-se a análise do *corpus* desta pesquisa uma contribuição para o estudo do conector *mas*.

Na seção seguinte, apresenta-se a noção de conector, na qual, de acordo com a LC, o item estudado se enquadra.

### 1.7.2. Conector *mas*: a visão cognitiva

Ainda que não se pretenda fazer uma análise com base na Gramática Cognitiva de Langacker (2008, 1987, 1991), considera-se relevante retomar os estudos desse autor, a fim de justificar a escolha dos termos adotados no capítulo de análise, como *conector*, *cláusula* e *coordenação*.

Na visão normativa, assume-se que preposições e conjunções são classes distintas que fazem parte do mesmo grupo de classes fechadas e costuma-se fazer referência à conjunção em relação a orações compostas, pois, como explicita Cunha (1985, p.565), “conjunções são

vocábulo gramaticais que servem para relacionar duas orações ou dois termos semelhantes da mesma oração”. Contudo, também por definição, as preposições relacionam elementos, ou seja, “relacionam dois termos de uma oração, de modo que o sentido do primeiro é explicado ou contemplado pelo segundo” (CUNHA, 1985, p.542). Verifica-se, portanto, que a tarefa de estabelecer conexões é comum a ambas as classes.

Langacker (1991), ao examinar a natureza das conexões interoracionais em inglês, reúne diversas nomenclaturas referentes aos elementos de conexão, tais como subordinadores, conjunções ou conjunções subordinativas, sob a denominação genérica de conectores, alegando se tratar de um termo neutro.

Para o tratamento dos conectores, Langacker (1987) emprega as noções de *vetor* e *marco*. Segundo o mesmo autor, o par vetor/marco é uma instanciamento linguística dos conceitos de *figura* e *fundo*, advindos da psicologia cognitiva.

Do ponto de vista perceptual, os elementos incluídos em um campo visual não contam com um nível idêntico de saliência. Sendo assim, a porção restrita da cena a que se concentra a atenção será a *figura*, e o que fica subfocalizado compõe o *fundo*. Dessa forma, considera-se que o marco atua como uma âncora cognitiva, um ponto de referência útil na medida em que permite uma restrição do domínio de busca e, desse modo, a localização do vetor do enunciado, como se observa no exemplo *Em tese o Sr. alia-se ao governo, mas na prática o critica frequentemente*<sup>3</sup>.

Nesse exemplo, o vetor *Em tese o Sr. alia-se ao governo* conecta-se ao seu marco *na prática o critica frequentemente*, por meio do conector *mas*, que, nesse caso, une dois eventos. Todo o encaminhamento do sentido pretendido se produz em virtude desse articulador, que é determinante para a direção que os sentidos tomarão, visto que ser, em tese, alinhado ao governo pode implicar tanto o recebimento de elogios quanto de críticas. Por intermédio da conexão criada, contudo, orientam-se inequivocamente os sentidos para a direção pretendida.

Em se tratando da ordenação de cláusulas por meio da coordenação, Langacker (2008) afirma que tais cláusulas apresentam status aproximadamente co-iguais, pois há sempre alguma assimetria. Dizer que as cláusulas são co-iguais em status significa, basicamente, que

---

<sup>3</sup> GRENFELL, Adrete. *Sobre locuções prepositivas em hipótese cognitivista*. 2004. 166f. Tese de Doutorado em Letras Vernáculas – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.

essas participam independentemente e na mesma medida do mesmo conjunto de relações gramaticais. Para se compreender melhor essa ideia, observam-se os exemplos<sup>4</sup> abaixo:

(a) *She admired [the **desk**] and [my **study**].*

(b) *She admired [the **desk in my study**].*

Em (a), cada conjunção<sup>5</sup> especifica o marco de *admirar* e é, portanto, seu objeto, se considerado individualmente. Nesse exemplo, cada sintagma nominal perfila uma instância básica dada, assim, *the desk* e *my study* são abstratamente semelhantes no que diz respeito ao seu conteúdo. Essas conjunções são mais comparáveis em sua proeminência dentro da cláusula que as contém, já que em ambas as coisas perfiladas têm *status* de marco clausal. Por outro lado, *the desk* e *my study* não são co-iguais em (b), já que apenas *the desk* tem nível clausal de proeminência focal. O sintagma nominal *my study*, nesse caso, não é em si um objeto do verbo, mas de dentro, como parte de um sintagma preposicional interno ao sintagma nominal objeto direto. Assim, o referente desse sintagma não participa do processo clausal perfilado, mas é meramente invocado, a fim de identificar a mesa em questão.

Resumidamente, em (a), ambos *the desk* e *my study* fazem parte do perfil e cada um corresponde ao marco do verbo, enquanto, em (b), apenas *the desk* é perfilado e identificado com o marco, ou seja, o papel do objeto clausal é instanciado apenas uma vez pelo sintagma nominal objeto como um todo.

Observa-se que, com exceção das nomenclaturas *conector*, *marco* e *vetor*, Langacker (2008) utiliza termos conhecidos em seus estudos. Dessa forma, no capítulo de análise, os termos *cláusula*, *coordenação* e *conjunção*, designando partes do discurso unidas pelo conector, são empregados.

A seguir, apresenta-se o capítulo teórico-metodológico.

---

<sup>4</sup> Os trechos correspondentes na tradução são: “Ela admirava a mesa e meu escritório” e “Ela admirava a mesa em meu escritório”.

<sup>5</sup> Langacker (2008) entende por *conjunção* cada elemento coordenado.

## 2. METODOLOGIA

Neste capítulo teórico-metodológico, apresenta-se o *corpus* de análise (2.1), incluindo dados sobre a gravação e as normas de transcrição do mesmo; e explicita-se o contexto do caso mediado (2.2), que é compreendido melhor a partir das informações obtidas por meio do relatório apresentado à juíza ao término das sessões e de outras questões relatadas pela mediadora em conversas com o professor-pesquisador responsável pela coleta de dados. Além disso, expõem-se os procedimentos metodológicos de segmentação e categorização da conversa (2.3), que envolvem a noção de tópico (2.3.1) e a visão de que a conversa possui caráter argumentativo (2.3.2). Ao final deste capítulo, expõem-se as ferramentas de análise (2.4).

### 2.1. Apresentação do *corpus*: gravação e transcrição

O *corpus* selecionado consiste na primeira sessão de um caso de mediação endoprocessual, acompanhado e gravado pelo Prof. Dr. Paulo Cortes Gago (UFJF)<sup>6</sup>. Tal sessão ocorreu no dia 29 de maio de 2007, na Vara de Família do Fórum de uma cidade do interior do estado do Rio de Janeiro. Trata-se de um processo de *Regulamentação de Visitas*, em que se contemplava a possibilidade de o pai, o requerente, encontrar-se com os filhos, Vitor e Íris, não apenas a cada quinze dias, durante os finais de semana, conforme estabelecido anteriormente, mas também durante a semana.

Foram gravados vários encontros entre a assistente social e mediadora do processo, Sônia, o requerente desse, Amir, e a requerida, Flávia, quem detém a guarda dos filhos. Inicialmente, as partes encontraram-se separadamente com Sônia. Cada um participou de dois encontros, chamados de *entrevistas de pré-mediação*. Em seguida, os três participantes da conversa encontraram-se, ao todo, em cinco *sessões de mediação*, que geraram cerca de sete horas de gravação, transcritas de acordo com o procedimento da Análise da Conversa Etnometodológica (AC).

---

<sup>6</sup> A transcrição elaborada a partir da gravação do caso integra o projeto de pesquisa “Contextos de intervenção de terceiras partes em situação de conflito” (projeto SHA – APQ 2129, FAPEMIG) do Prof. Dr. Paulo Cortes Gago.



Escolheu-se, contudo, analisar exclusivamente a primeira sessão de mediação, que resultou em quarenta e cinco minutos de gravação e em vinte e cinco páginas de transcrição. A opção por fazer esse recorte deve-se à frequência de uso do conector *mas* pelos participantes da mediação. Apenas na primeira sessão, encontram-se cento e uma ocorrências de uso do *mas*, das quais as sessenta primeiras serão analisadas, quantidade considerada suficiente para a investigação pretendida.

Os dados foram obtidos por meio de um aparelho analógico de gravação da marca *Panasonic*, modelo *RQ-L11*. Começou-se a gravar as conversas a partir do segundo encontro de Sônia com cada uma das partes. O pesquisador responsável pelas gravações participou da maioria dos encontros gravados de pré-mediação e de mediação, fazendo anotações pessoais – as chamadas “notas de campo” –, sem participação ativa relevante para o cenário interacional construído. Os encontros em que não estava presente eram gravados pela própria mediadora. É importante ressaltar que a juíza, a mediadora e as partes envolvidas no caso permitiram tal gravação.

O local dos encontros está representado na ilustração abaixo:

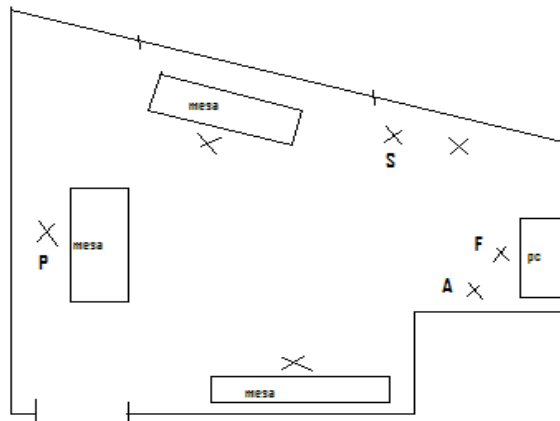


Figura 3 - Ilustração da disposição espacial dos participantes da interação

As letras do diagrama indicam as iniciais dos participantes e o lugar ocupado por esses nos encontros. A letra “P” sinaliza o lugar ocupado pelo pesquisador, a letra “S” indica o lugar de Sônia e as letras “A” e “F”, os lugares ocupados por Amir e Flávia respectivamente. O aparelho gravador ficava posicionado na mesa do computador, indicado pela sigla “pc” no diagrama.

No que tange à transcrição, que pressupõe opções teórico-metodológicas, Duranti (1997, p.84-85) aponta que essa consiste em

um processo seletivo, que busca salientar certos aspectos da interação, de acordo com metas investigativas específicas; não há transcrição perfeita (...) mas há transcrições que representam as informações de maneiras que são (mais) consistentes com as nossas metas descritivas e teóricas; não há transcrição *final*, apenas versões ‘diferentes’ (...) para um propósito específico, para uma platéia específica; os textos de transcrição são ‘produtos analíticos’ que precisam ser continuamente atualizados e comparados com o material a partir do qual foram produzidos; devemos ser tão *explícitos* quanto possível sobre as escolhas que fazemos ao representar as informações na página (ou na tela); os formatos de transcrição variam e devem ser avaliados com relação às metas que devem atingir; devemos estar criticamente *conscientes* das implicações teóricas, políticas e éticas do nosso processo de transcrição e dos produtos finais que dele resultam.

Além desses pontos observados, salienta-se a prática comum, em AC, de usar nomes próprios, reais ou pseudônimos para designar quem são os participantes da interação. No *corpus*, escolheu-se utilizar pseudônimos para identificar os participantes. Em vista disso, verifica-se a seguinte distribuição: Sônia, assistente social, é a mediadora das sessões do caso analisado; Amir é o requerente do processo de pedido de regulamentação de visita; Flávia é a requerida; Vitor e Íris são filhos de Amir e Flávia; Fernanda é a nova esposa de Amir; Maria Eduarda é filha de Fernanda; e Pedro é o pseudônimo do Prof. Dr. Paulo Cortes Gago (UFJF).

Outro ponto importante são as *convenções de transcrição* adotadas, a fim de tornar mais claros os enunciados. No quadro a seguir, listam-se os símbolos usados na transcrição, os quais foram desenvolvidos por Gail Jefferson e encontram-se estabelecidos em Sacks, Schegloff e Jefferson (1974).

[	fala sobreposta.
(0.5)	pausa em décimos de segundo.
(.)	micropausa de menos de dois décimos de segundo
=	contiguidade entre a fala de um mesmo falante ou de dois falantes distintos.
.	descida de entonação.
?	subida de entonação.
,	entonação contínua.
? ,	subida de entonação mais forte do que a vírgula e menos forte do que o ponto de interrogação.
:	alongamento de som.
-	autointerrupção.
<b>Sublinhado</b>	acento ou ênfase de volume.
<b>MAIUSCULA</b>	ênfase acentuada.
°	fala mais baixa imediatamente após o sinal.
°palavras°	trecho falado mais baixo.
<b>palavra:</b>	descida entoacional inflexionada.
<b>palavra:</b>	subida entoacional inflexionada.

↑	subida acentuada na entonação, mais forte do que os dois pontos sublinhados.
↓	descida acentuada na entonação, mais forte do que os dois pontos precedidos de sublinhado.
>palavras<	fala comprimida ou acelerada.
<palavras>	desaceleração da fala.
<palavras	início acelerado.
Hhh	aspirações audíveis.
(h)	aspirações durante a fala.
.hhh	inspiração audível.
(( ))	comentários do analista.
(palavras)	transcrição duvidosa.
( )	transcrição impossível.
Th	estalar de língua.

Quadro 3 – Convenções de transcrição adotadas

Na seção seguinte, apresenta-se, mais detalhadamente, o caso em que a sessão transcrita se insere.

## 2.2. Contexto: informações sobre o caso mediado

O processo começou a ser gravado depois que duas sessões de pré-mediação, uma com cada parte, já havia ocorrido. Em vista disso, a assistente social descreveu o conteúdo dos encontros não gravados ao professor-pesquisador e ao seu grupo de pesquisa.

De acordo com Sônia, Amir comentou reiteradamente a respeito do fim do casamento com Flávia e de sua doença mental. Além disso, o requerente explicou que desejava visitar as crianças em períodos menos espaçados e levá-las de volta à casa da mãe não aos domingos à noite, mas às segundas-feiras de manhã. Já Flávia enfatizou que Amir era perigoso para as crianças, apesar de questionar sempre a veracidade da doença do ex-marido.

É válido destacar que, nesses primeiros encontros, Sônia propôs a mediação a ambos, explicando como seria todo o processo.

Quanto ao contexto das sessões de mediação propriamente, as informações foram obtidas através de um relatório apresentado pela mediadora à magistrada após o término das sessões.

Consta, no relatório, que Amir e Flávia tiveram um relacionamento de quatorze anos, entre namoro e casamento, e estão separados desde 2002. O motivo da separação, segundo Sônia, foi uma relação extraconjugal de Flávia.

Nesse documento e na transcrição da sessão analisada, verificam-se questões que dificultam o acordo entre as partes acerca da regulamentação de visitas. Observa-se, por exemplo, que Amir sente-se ameaçado pela imagem construída a seu respeito e transmitida a seus filhos pela ex-esposa. Nos termos do relatório,

[Amir] acredita que a Sra. [Flávia] tenha o objetivo de impedir o frequente relacionamento entre ele e os filhos, dificultando para tanto a visitação, além de influenciá-los negativamente quanto à figura paterna. Quanto a [Vitor], explica o pai que o relacionamento mantém-se muito bem, mas que em relação à Íris, a menina passou a recusar a visitação paterna e dos avós paternos, justificando não se relacionar bem com a enteada do pai.

A conturbada relação de Íris com o pai é outra questão enfatizada na sessão. Segundo Flávia, esse problema deve-se aos ciúmes que Íris sente da relação do pai com a enteada.

A doença de Amir também é um assunto constantemente retomado. Na época em que os dados foram gravados, Amir alegou estar afastado de suas funções no trabalho devido a um quadro psiquiátrico de síndrome do pânico e de depressão. O psiquiatra que o atendia, referido nas transcrições como Diego, é o único psiquiatra da cidade vinculado ao Sistema Único de Saúde. É válido ressaltar, no entanto, que Amir possuía um plano de saúde, oferecido pela empresa onde trabalhava, mas, ainda assim, preferia utilizar o serviço psiquiátrico do SUS.

O plano de saúde de Amir é um dos principais pontos de conflito entre o ex-casal. Flávia afirmava que seus filhos não podiam usufruir dos benefícios do plano como dependentes do pai, já que Amir recusava-se a entregar os cartões do plano para as crianças ou para a ex-esposa, alegando que essa poderia utilizá-los de forma descontrolada. Tal preocupação ocorria porque o plano era participativo; o beneficiário, portanto, pagava uma parte do valor das consultas e dos demais procedimentos. Além disso, Amir argumentava que já pagava a pensão alimentícia dos filhos, cerca de quinhentos reais, descontados pelo INSS, além da mensalidade e do material escolar da filha.

Ainda sobre o estado de saúde de Amir, Sônia aconselhou-o, logo na primeira entrevista, a procurar um serviço de suporte psicológico. Tal conselho parece ter sido seguido pelo requerente prontamente. A assistente social também percebeu que, durante todo o período do processo de mediação, Amir apresentou um quadro de ansiedade grave, caracterizado por idas frequentes ao banheiro. Em contrapartida, Amir afirmava que a perícia médica do INSS já se mostrava orientada a considerá-lo apto a voltar ao trabalho e, sobre isso,

alegava haver algum tipo de influência de Flávia. A ex-esposa, a propósito, declarou que não percebia “nenhuma doença mental” no ex-marido e considerou a possibilidade de Amir consumir cocaína, o que, segundo a mesma, fez parte do passado do requerente.

No período de coleta de dados, Amir morava com Fernanda e com a enteada, Ana Cristina. Na época do casamento de Amir e Flávia, Fernanda era amiga de ambos, o que fez com que Flávia não aceitasse bem o novo relacionamento do ex-marido. Além disso, Amir afirmou cuidar de cães doentes, encontrados nas ruas, dentre os quais um cão da raça *pitbull*, que se tornou um outro ponto de conflito durante as sessões de mediação.

Percebem-se essas questões mal-resolvidas e outros pontos de conflito no seguinte trecho extraído do relatório apresentado à juíza:

O plano de saúde, os relacionamentos afetivos atuais de um e de outro, a saúde do requerente, o distanciamento da filha, as visitas no decorrer da semana, a escolinha de futebol do filho, o antigo relacionamento de amizade com a companheira do requerente, o valor da pensão alimentícia, a existência de um *pitbull* entre os cães criados pelo requerente, a influência negativa de um, quanto à pessoa do outro, no sentimento dos filhos, a capacidade do pai em crise cuidar dos filhos, entre outros foram assuntos que discutimos muitas vezes, em todos os encontros.

Segundo o mesmo documento, a relação entre as partes tornou-se mais amigável na medida em que os encontros de mediação ocorriam. Amir e Flávia chegaram a um acordo quanto ao plano de saúde: Flávia o ressarciria, mensalmente, de todos os gastos com o plano. O motivo principal da mediação, entretanto, não foi resolvido. Flávia preferiu deixar a cargo da magistrada a decisão sobre a visita do pai aos filhos durante a semana. Quanto a isso, Sônia afirma, no relatório, que permitir as visitas seria favorável aos filhos. A mediadora destacou ainda os seguintes argumentos em favor dessa decisão: o fato de Vitor ser apaixonado pelo pai, nos termos da mesma; a maior disponibilidade de tempo de Amir, uma vez que esse estava temporariamente afastado do trabalho; e o parecer da psicóloga que o atendia, segundo o qual o paciente reunia condições de cuidar dos filhos, mesmo nas circunstâncias emocionais em que se encontrava.

Além das informações contidas no relatório, o professor-pesquisador responsável pela coleta dos dados observou ainda que a mediadora portava um bloco de notas, que continha algumas perguntas e comentários. A tentativa de ater-se ao conteúdo do bloco explica a mudança brusca de foco em alguns trechos da transcrição.

Na próxima seção, explicitam-se os procedimentos de segmentação e categorização da conversa analisada.

## 2.3. Procedimentos metodológicos de segmentação e categorização

Segmentou-se o discurso analisado a partir da noção de tópico (2.3.1), a qual está estreitamente ligada à estrutura argumentativa proposta para a conversa (2.3.2).

### 2.3.1. A noção de tópico

A fim de facilitar a análise do *corpus*, recorre-se à formulação de *tópico* e *subtópico* adotada por Bernardo (2002), com base nos estudos de Chafe (1980), Dijk (1985) e Gorsky (1993).

O termo tópico é usado na literatura linguística para conceituar fenômenos sintáticos e discursivos. No nível sintático, tal termo se refere, dentro dos limites da oração, a estruturas com topicalização e deslocamento para a esquerda, conforme os exemplos *O carro eu comprei* e *Os alunos, eu encontrei eles no pátio* respectivamente.

No âmbito discursivo, o tópico tem sido tratado ora em nível textual/discursivo, em que, identificado com assunto, é depreendido a partir de uma estrutura hierarquizada; ora em nível sintático, sendo considerado ponto de partida de um enunciado. Ambos os tratamentos contextualizam o tópico linguística e situacionalmente.

A conversa analisada foi segmentada a partir da noção de tópico apresentada por Gorski (*ibid*, p.32). A autora vincula as manifestações oracional e textual/discursiva do tópico, propondo uma abordagem única para o termo. Segundo a autora, no âmbito da frase,

tópico corresponde ao participante de um evento ou situação codificado morfossintaticamente, no plano sequencial, como elemento sobre o qual se fala, ou como *ponto de referência* do enunciado. Esse tópico é visto numa estrutura linearizada, sendo explicitamente mencionado e podendo ser codificado com diferentes graus de proeminência.

Salienta-se que a noção de tópico não descarta o componente linguístico-situacional (relação de referência a partir de uma palavra), mesmo estando limitada à frase.

Já no âmbito do texto/discurso, Gorski (*op.cit.*) situa o tópico em uma estrutura hierarquizada, e ordena-o por graus de abrangência. Dessa forma, entende-se que tópicos mais gerais dominam e recobrem tópicos que são especificações do tópico global. O tópico central pode ser compreendido como *centro de interesse* (Chafe, *op.cit.*), *questão central* (van Dijk,

*op.cit.*) ou *questão de interesse imediato* (Mentis, 1988). No *corpus* analisado, identifica-se o tópico geral *Tentativa de acordo de regulamentação de visitas*. É válido ressaltar ainda que os tópicos podem não ser codificados explicitamente no discurso.

Nas perspectivas dos participantes da interação, os tópicos e subtópicos, organizados em camadas, “precisam ser depreendidos e controlados para que a comunicação se efetive” (Gorski, *op.cit.*, p.33). Já na perspectiva do analista, são explicitados através de um rótulo que capte o que está sendo tratado sob seus domínios. O analista deve apreender a abrangência de cada tópico e subtópico para que a segmentação do discurso se processe.

No nível semântico-discursivo, tópicos e subtópicos sintetizam fragmentos de discurso; já no nível sintático-semântico-discursivo, fornecem pistas linguísticas para a (re)constituição dos tópicos semântico-discursivos. Sendo assim, as construções de tópico, juntamente com outras estratégias de construção frasal, funcionam como mecanismos de codificação que estão a serviço do tópico discursivo. Logo, a partir da perspectiva acerca de tópico adotada, compreendem-se as abordagens sintática e discursiva como as duas faces de uma mesma moeda, e observa-se uma inter-relação entre função e forma.

A dimensão cognitiva da noção de tópico pode ser observada na sua relação com a estrutura argumentativa proposta para a conversa, apresentada em seguida.

### 2.3.2. Caráter argumentativo da conversa

O discurso conversacional analisado é considerado essencialmente argumentativo, pois cada participante da interação visa à adesão dos outros aos seus pontos de vista. Logo, os trechos descritivos e narrativos relatados na conversa constituem evidências ou provas em favor de uma tese a ser validada ou derrubada.

Como observa Bernardo (2002), Schiffrin (1987, p.18) define argumentação como o discurso através do qual os falantes sustentam posições contestáveis ou disputáveis. Tal discurso possui propriedades monológicas e dialógicas, a saber: a organização textual ou harmonia entre a posição e a sustentação configura o nível monológico; enquanto a organização interacional da discussão, que inclui objeção, defesa e refutação, por exemplo, relaciona-se à dimensão dialógica.

Tendo em vista que falante e ouvinte dividem a responsabilidade de construir um discurso, simultaneamente, em vários níveis, como o sintático, o semântico e o pragmático, a autora propõe uma divisão tripartida para a argumentação:

a. **posição** — nessa etapa, além de expor uma ideia, ou seja, uma informação descritiva sobre situações, eventos, estados e ações do mundo, o falante também compromete-se com tal asserção, reivindicando a verdade de sua proposição. O falante pode ainda apresentar valores morais e crenças acerca da maneira como o mundo deveria ser, e não apenas a crença de como o mundo é;

b. **disputa (de uma posição)** — fase em que os participantes podem expressar suas oposições. A disputa pode se concentrar em torno do conteúdo proposicional (a exatidão com que determinada questão foi apresentada na posição), da orientação do falante (objeção à posição do falante frente aos fatos), e de implicações morais ou pessoais do desempenho verbal (espécie de pessoa que o falante revela ser);

c. **sustentação** — estágio em que um participante da interação induz um outro a apontar uma conclusão sobre a credibilidade da posição. Ressalta-se que o exame da sustentação de uma posição não está ligado somente aos enunciados, mas às relações inferenciais entre as ideias, devido à natureza contextualizada da conversa, no que se refere ao conhecimento de mundo e às experiências individuais partilhadas pelos falantes.

É válido salientar que nem sempre há disputa de posições na etapa de formulação dos argumentos. Os falantes podem acrescentar provas que se somam, construindo um discurso sem divergências, cooperativa e conjuntamente, sobretudo nos trechos cujos temas são menos complexos. Também pode haver disputa de posição em torno de um assunto menos complexo sem apresentação de provas. Portanto, a fim de analisar o *corpus* selecionado, são consideradas as etapas de posição, formulação de argumentos (com disputa ou não de posição) e sustentação.

Na próxima seção, explicitam-se algumas noções em Análise da Conversa utilizadas como ferramentas de análise.



## 2.4. A estrutura em turnos da conversa

Para os analistas da conversa, a fala em si é ação social. A conversa é vista a partir da perspectiva do *uso*; logo, a principal preocupação desses analistas é o que as pessoas *fazem* com a linguagem e através dela.

A conversa é considerada o gênero básico de linguagem em uso nas relações humanas. Dessa forma, reconhece-se sua primazia na constituição do mundo social, uma vez que a maioria dos acontecimentos em sociedade realiza-se através da conversa.

Acredita-se que existam *ações* em andamento com uma trajetória definida na fala dos participantes de interações; por isso, fala-se em organização sequencial da conversa. Essa organização é considerada uma fonte fundamental de coerência para a compreensão das ações humanas.

A sequencialidade da conversa trouxe à tona outro aspecto: a sucessão de falantes. Constatou-se que essa sucessão era, em muito, sistemática e organizada. Dessa forma, tal organização foi chamada de *sistema de tomada de turnos* (SACKS, SCHEGLOFF e JEFFERSON, 1974), cujo estudo tornou-se a preocupação central dos analistas da conversa.

As *unidades de construção de turno* (UCT) são unidades de fala concretas que ocupam os turnos. Elas podem ser lexical (extensão de uma só palavra), sintagmática (extensão de um sintagma), clausal (oração com um único núcleo verbal) e sentencial (oração com mais de um núcleo verbal). Já o *turno conversacional* ou *turno de fala* refere-se aos jatos de linguagem proferidos pelos participantes de interações que são acomodados em um espaço conceitual.

De acordo com Sacks, Schegloff e Jefferson (1974), certas elocuições de um falante implicam um tipo específico de resposta do outro. Essas unidades maiores são chamadas de *pares adjacentes*, os quais possibilitam que se entenda porque ocorrem transições suaves de um falante para outro e porque existem casos de falas simultâneas. Além disso, os pares adjacentes também facilitam a compreensão de como a seleção do participante que terá a posse do próximo turno de fala acontece.

Segundo a AC, “um par adjacente é uma sequência de duas elocuições próximas uma da outra e produzidas por dois falantes diferentes” (*ibid*, p.74). O par adjacente pode ser compreendido ainda como uma unidade “em que se pode facilmente observar que o significado de cada uma das duas partes é restringido, explicado e ampliado pela outra parte do par” (*ibid*, p.9).

Existem tipos básicos de pares adjacentes em conversas. São exemplos desses: pergunta/resposta; oferta/aceitação; oferta/recusa; elogio/aceitação; elogio/rejeição; avaliação/concordância; avaliação/discordância; iniciação/resposta; agradecimento/resposta; saudação/saudação; convite/aceitação; convite/recusa; reclamação/rejeição; desafio/rejeição; e pedido/concessão.

O estudo do *sistema de tomada de turnos* possibilitou a observação de princípios através dos quais os participantes conseguem alternar suas falas ordenadamente, evitando, por exemplo, falas simultâneas (“sobreposições”) e silêncios (“intervalos”). Essa alternância suave entre os turnos pode ser explicada por dois componentes: o componente de construção de turno e o componente de alocação de turno.

O componente de construção de turno define os tipos de unidades que um falante pode usar ao participar de uma conversa. Essas unidades podem ser compreendidas como elocuições, as quais variam de uma palavra a frases completas. Já o componente de alocação de turno especifica como um próximo falante é escolhido. Esse pode ser escolhido das seguintes formas: falante corrente seleciona o próximo – a parte selecionada tem o direito e é obrigada a tomar o turno seguinte para falar; auto-seleção – quem inicia a fala adquire o direito ao turno e a transferência ocorre nesse lugar; o falante corrente também tem a opção de continuar, a menos que outro faça uma auto-seleção.

Os turnos geralmente têm uma estrutura de três partes, que ocorrem regularmente nesta ordem: uma parte “que aborda a relação de um turno com um anterior; uma envolvida com o que está ocupando o turno; e uma que aborda a relação de um turno com o posterior.” (SACKS, SCHEGLOFF ; JEFFERSON, 1974, p.43). Os termos “sim” e “é” podem ser exemplos de associadores formais ao último turno; “hein, né” podem ser exemplos de “perguntas-apêndice”, projetando uma ligação com o turno seguinte; “oh/ ah” podem ser marcadores de interrupção e exibirem uma relação com o turno anterior.

Quando ocorrem problemas na organização e distribuição dos turnos de fala, são utilizados mecanismos de reparo dirigidos. Reparos são tentativas de resolver o que é percebido e/ou definido como um “problema” ou “dificuldade” no curso da interação, “uma continuação que seleciona um falante seguinte para falar, deve ser compreendida como reparo de uma falha na transferência de turno” (*ibid*, p.48). O reparo pode ser feito pelo próprio falante ou pode ser iniciado por outro participante da conversa e terminado pela pessoa que originou o problema. A preferência por auto-reparo é evidenciada pela tendência de se modular ou atenuar as correções feitas pelo outro. Observa-se isso através da adição de

atenuadores ou marcadores de incerteza, como *eu acho*, ou através do enquadramento da correção como brincadeira.

Os iniciadores de reparo podem ser perguntas de uma palavra só, por exemplo, “*huh?*”, ou uma pergunta-eco, ou seja, uma pergunta que repete parte da estrutura que é definida como “problema” e adiciona um pronome interrogativo, como “*fazer o quê?*”.

Outra técnica que relaciona um turno a outro é a utilização de uma “pergunta-apêndice”, como “*Sabia?*” e “*Não concorda?*”. Esse tipo de pergunta é visto como um dispositivo de saída de turno e é chamado de *pós-finalizador*.

Também existem dispositivos de entrada de turno, chamados *pré-começos*. Os pré-começos ou inícios acessórios, como *mas* e *então*, permitem que o falante inicie um turno sem uma condição para começar. Vale ressaltar que a sobreposição dos inícios acessórios não prejudica a possibilidade de análise da sentença que iniciam.

Para a análise do *corpus*, recorre-se às ideias expostas nessa seção, mais diretamente às noções de sequencialidade, de turno conversacional ou turno de fala, de pares adjacentes e de pré-começos ou inícios acessórios, porque, embora se trate de um evento discursivo com propósitos específicos, com uma pauta a ser seguida e com papéis definidos entre os participantes em razão da formalidade do evento, a estrutura em turnos se mantém.

É importante esclarecer ainda como se fará referência aos exemplos do conector *mas* analisados: através da identificação do número da página em anexo e do número da linha correspondente a cada fala, conforme o exemplo “91 página/ 14 linha”.

No próximo capítulo, demonstra-se a análise realizada nesta pesquisa.

### 3. CASOS DE FAMÍLIA: OS USOS DO MAS NA MEDIAÇÃO

Nesta seção, analisam-se as funções argumentativas do *mas* (3.1), com base na *Teoria da Metáfora Conceptual* (LAKOFF ; JOHNSON, 2002; KÖVECSES, 2002, 2005), e as bases conceptuais que fundamentam os usos do conector na interação (3.2), com base no conceito de esquemas imagéticos (LAKOFF, 1987; GIBBS e COLSTON, 2006; FERRARI, 2011). Após a análise das funções e das bases cognitivas dessa forma linguística, propõe-se que o conector *mas* seja descrito como uma *categoria radial* (3.3), à luz dos estudos cognitivistas sobre categorização (LAKOFF, *op.cit.*; EVANS e GREEN, 2006; FERRARI, *op.cit.*).

Para a realização da análise, como já mencionado, apóia-se no conceito de *tópico* (2.3.1), na proposta de divisão tripartida da argumentação em *posição, disputa e sustentação* (2.3.2) e nas noções de *sequencialidade da conversa, turno conversacional* ou *turno de fala, pares adjacentes* e *pré-começos* ou *inícios acessórios* (2.4). Além disso, utilizam-se algumas nomenclaturas presentes em Langacker (2008), a saber: *conector, cláusula, coordenação e conjunção*, designando as partes do discurso coordenadas.

#### 3.1. Como as metáforas explicam os usos do *mas*

Tendo em vista que, em nossa sociedade, o conceito DISCUSSÃO é entendido a partir do conceito GUERRA, e que os participantes desse tipo de interação são conceptualizados como *adversários*, defende-se que, no gênero analisado, os usos do conector *mas* são gatilhos responsáveis por manter a metáfora DISCUSSÃO É GUERRA ativada, uma vez que tal conector coordena ou introduz sentenças que podem ser compreendidas como estratégias argumentativas. Sendo assim, pretende-se apontar as funções argumentativas dessa forma linguística e detalhar os mapeamentos metafóricos criados entre os MCIs de DISCUSSÃO e de GUERRA durante a interação. Para tanto, as funções argumentativas do conector serão apresentadas abaixo, com base em uma das ocorrências de uso presentes no *corpus*.

#### Excerto 1 – 92 página/ 14 linha

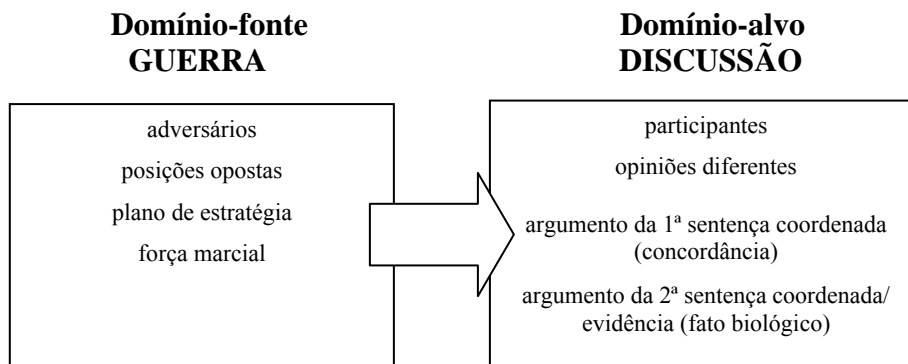
**Sônia:** realmente dona:: flávia, uma das características da síndrome do pânico e da depressão, seu amir tem uma coisa e outra meio misturado, né. é isso exatamente, desse dessa embotamento, né. dessa tristeza,=

**Flávia:** =e isso não afeta. uma criança estando junto. o psicológico do meu filho como é que fica.

**Sônia:** provavelmente sim. **mas** esse é o pai do vitor.

Devido à metáfora da “guerra” estruturar todo o discurso analisado, considera-se que os participantes da interação são conceptualizados como *adversários*, como já explicitado, e que as opiniões defendidas por cada um são compreendidas como *posições opostas*. Além disso, no exemplo acima, observa-se que Sônia, primeiramente, concorda com o argumento de Flávia e, posteriormente, introduz uma evidência, baseada em um fato biológico, para sustentar a posição de que Amir deve conviver com o filho. A atitude de concordar pode ser conceptualizada como um *plano de estratégia* adotado pela mediadora, e a conjunção introduzida pelo conector pode ser conceptualizada como uma *força marcial*, já que o argumento é baseado em um fato biológico e, portanto, incontestável. Dessa forma, verifica-se que o conector coordena duas conjunções argumentativas, uma compreendida como um *plano de estratégia* e a outra como uma *força marcial*.

Ilustram-se as projeções metafóricas envolvidas nessa ocorrência no esquema abaixo:



Esquema 3 – Representação de projeções metafóricas (ocorrência 1, seção 3.1)

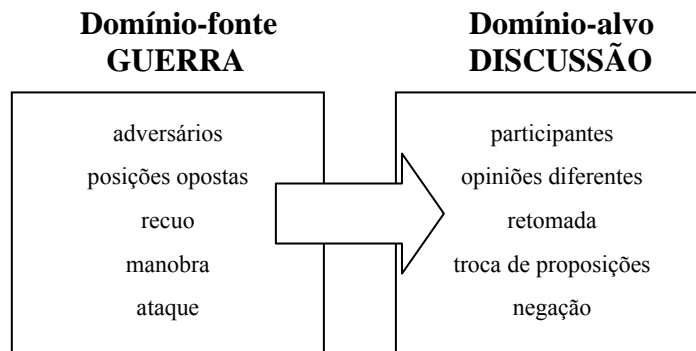
### **Excerto 2 – 92 página/ 16 linha**

**Flávia:** é. inclusive você falou na última visita que é o pai que a gente escolheu, não é, que a gente escolheu pra si. **Mas** ele não é quem eu escolhi, porque ele é outra pessoa, atualmente ele é outra pessoa. quem eu escolhi era completamente diferente, era uma pessoa generosa, muito melhor do que agora. não era mentirosa, não armava situações contra mim, entendeu.

isso eu quero saber se afeta também se afeta a personalidade dele. porque quando eu falei aquele lance do meu namorado da minha casa, eu queria saber o que que incomodou [o meu namorado,

Para manter a visão de que o pai não deve passar mais tempo com os filhos, Flávia retoma a afirmação, dita pela mediadora em uma outra sessão, que pode ser parafraseada como *Amir é o pai que Flávia escolheu para seus filhos*, negando-a. Essa estratégia de retomada, a qual pode ser conceptualizada como um *recuo*, possibilita que Flávia execute uma *manobra*, ou seja, tente trocar a proposição *Amir é o pai que Flávia escolheu para seus filhos* por *Amir não é o pai que Flávia escolheu para seus filhos, pois não é mais a mesma pessoa*. Com essa manobra, Flávia pretende colocar-se em uma posição mais forte do que a da mediadora, para *atacar* a posição de Sônia de que o pai deve passar mais tempo com os filhos, e forçá-la a adotar outra posição (*render-se*). Assim, a conjunção introduzida pelo conector pode ser conceptualizada como um *ataque*.

Apresentam-se, abaixo, algumas projeções que fundamentam o uso do *mas* nesse caso:



Esquema 4 - Representação de projeções metafóricas (ocorrência 2, seção 3.1)

### **Excerto 3 – 92 página/ 26 linha**

**Flávia:** é. inclusive você falou na última visita que é o pai que a gente escolheu, não é, que a gente escolheu pra si. Mas ele não é quem eu escolhi, porque ele é outra pessoa, atualmente ele é outra pessoa. quem eu escolhi era completamente diferente, era uma pessoa generosa, muito melhor do que agora. não era mentirosa, não armava situações contra mim, entendeu. isso eu quero saber se afeta também se afeta a personalidade dele. porque quando eu falei aquele lance do meu namorado da minha casa, eu queria saber o que que incomodou

[ o meu namorado,

**Sônia:** [ espera ae. vamos por partes.

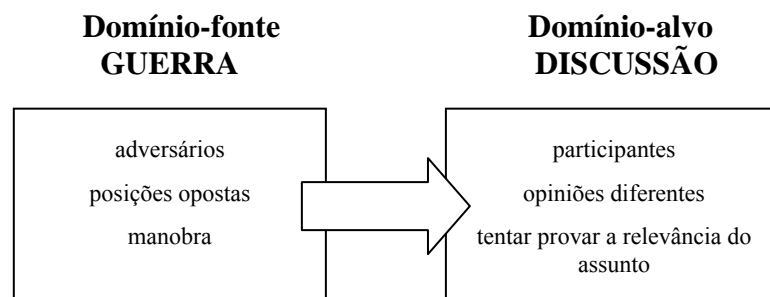
**Flávia:** é, [ eu quero saber se,

**Sônia:** [ vamos por partes, e conversarmos especialmente sobre os meninos né.

**Flávia:** **mas** é isso que eu quero ver, a personalidade dele mudou muito. **NÃO** é quem eu escolhi só que eu vol-, **NÃO** é quem eu escolhi pra casar, realmente não é. eu não conheço essa pessoa. pelas coisas que ele faz, que ele fala, que ele age,

Sônia entende que o assunto acerca do namorado de Flávia é irrelevante para a discussão que gira em torno do tópico central *Tentativa de acordo de regulamentação de visitas*, o que se subentende a partir da fala “[vamos por partes, e conversarmos especialmente sobre os meninos né.”. Sendo assim, a cláusula introduzida pelo conector *mas* pode ser entendida como uma *manobra* realizada por Flávia para tentar provar a relevância do assunto acerca do namorado em relação ao tópico central da mediação.

No esquema abaixo, observam-se algumas das projeções envolvidas nessa ocorrência do conector:



Esquema 5 - Representação de projeções metafóricas (ocorrência 3, seção 3.1)

#### **Excerto 4 – 92 página/ 36 linha**

**Flávia:** [você é pai da íris.] você considera a íris como sua filha.

**Amir:** a não ser qu-

**Sônia:** deixa o seu amir falar um pouquinho então dona flávia.

**Amir:** a não ser que você fale o contrário, **mas** parece que sou né.

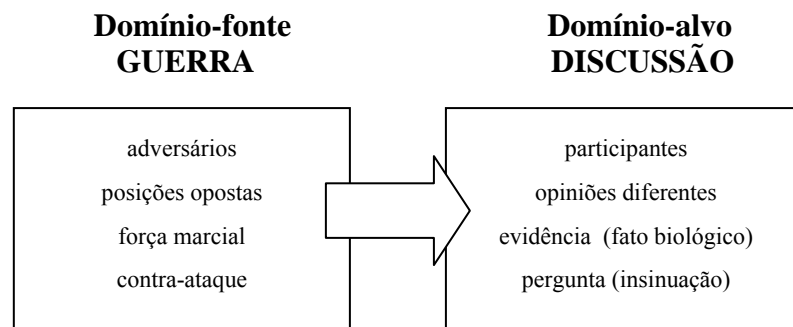
No contexto em que esse excerto se insere, vê-se que Amir é mais próximo de seu filho do que de sua filha. De acordo com Flávia, Amir não procura se aproximar da filha,

porém, esse participante nega a acusação da ex-esposa, dizendo que está tentando se aproximar aos poucos da menina.

Nesse excerto, nota-se que Flávia considera o fato de Amir não estar conseguindo se aproximar da filha como uma fraqueza de seu adversário, já que a medianda *ataca* a posição social de pai do ex-marido, questionando se Amir é realmente pai de Íris, uma vez que as atitudes desse participante não estariam condizendo com o papel de pai.

Amir, por sua vez, contra-ataca o argumento subentendido no questionamento de Flávia - *Amir não é o pai da Íris porque não dá atenção a ela* -, levantando uma nova questão - “a não ser que você fale o contrário, mas parece que sou né.” -, a qual põe em dúvida a honestidade de sua ex-esposa. Nota-se, portanto, que a pergunta introduzida pelo conector pode ser conceptualizada como um *contra-ataque*. Além disso, subentende-se uma *força marcial* - o fato biológico de Amir ser o pai das crianças - nesse questionamento.

Em vista dessa análise, observa-se o seguinte esquema:



Esquema 6 - Representação de projeções metafóricas (ocorrência 4, seção 3.1)

### Excerto 5 – 102 página/ 27 linha

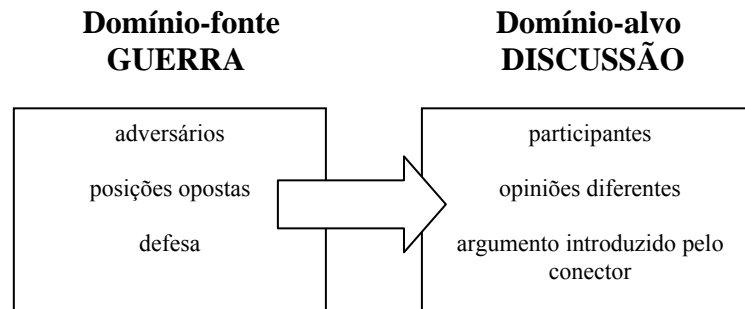
**Amir:** [olha só. você coloca uma coisa na sua cabeça. NEM se eles não fossem meus filhos, eu não ia deixar de gostar deles nunca

**Flávia:** mas você tá cansado de saber que é

**Amir:** não. eu tô te dando to te dando um exemplo. porque tem pessoas que ficam brigando pra isso, praquilo. eu NUNca vou querer saber, NEM que você chegasse e falasse assim oh não é. é meu filho e acabou, ué.



A cláusula introduzida pelo conector pode ser conceptualizada como uma *defesa* a um implícito de que o pai biológico das crianças poderia ser outro homem. Assim, observam-se algumas projeções criadas a partir do uso do conector no esquema a seguir:



Esquema 7 - Representação de projeções metafóricas (ocorrência 5, seção 3.1)

#### **Excerto 6 – 100 página/ 24 linha**

**Sônia:** nesse momento o senhor sai ganhando porque o senhor tem tempo. tempo disponível. agora dona Flávia, na verdade quando a senhora pergunta se o seu amir quando tá triste na cama, né. numa crise, e o vitor tá lá então, por conta de quem o vitor fica, na verdade o seu amir não tá sozinho nisso. né. ele tem a companheira que provavelmente esteja por ali tomando conta do do vitor é final de semana,

**Flávia:** tem dois pitbulls dentro da casa deles. tudo me preocupa muito

**Sônia:** ele gosta de bicho né.

**Flávia:** é, é pitbull né. a gente não pode confiar muito nessa raça. e eu fico preocupada mesmo.

**Sônia:** **mas** a senhora acha então que provavelmente a Fabiana né. que chama

**Amir:** fernanda

**Sônia:** fernanda. se ela tá por ali se seu amir tá meio que isolado na cama

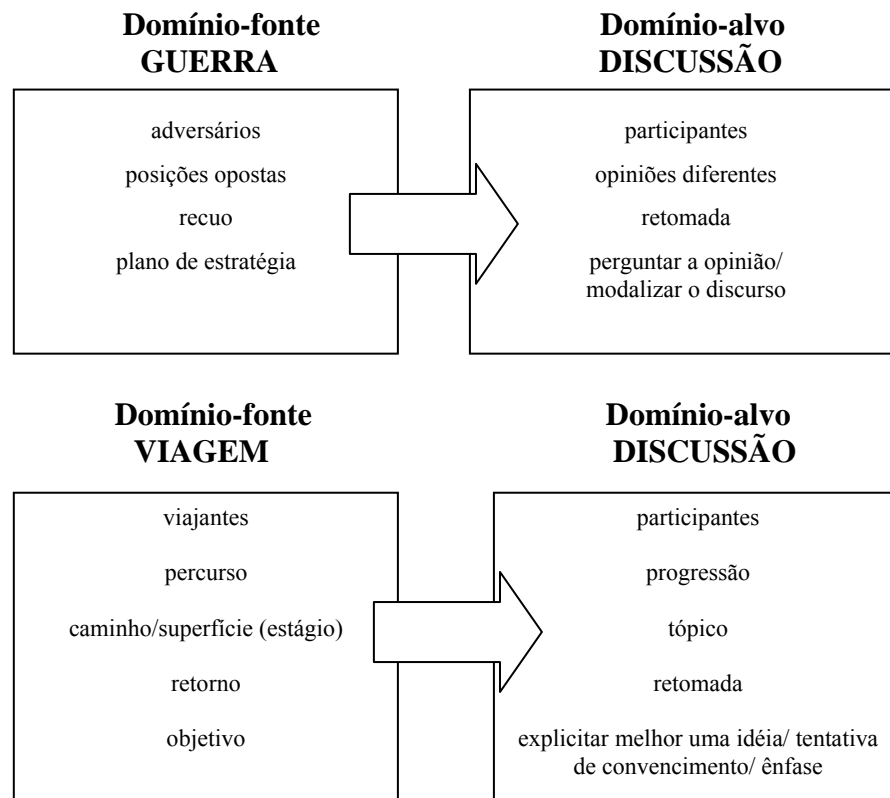
**Flávia:** eu não sei se ela olha, não sei. não sei isso é com ele, ele que sabe. eu não sei, eu não to lá

O conector introduz uma cláusula que pode ser conceptualizada como um *recuo*, já que Sônia utiliza a estratégia de retomar o argumento de que a companheira de Amir cuidaria das crianças se o esposo estivesse em crise. Além disso, nota-se que Sônia retoma esse

argumento por meio de um questionamento, que pode ser conceptualizado como um *plano de estratégia*.

Uma vez que a noção de *recuo* da metáfora da “guerra” é entendida como uma estratégia para vencer o opositor e a noção de *retorno* da metáfora da “viagem” é entendida como um recurso do viajante/falante para enfatizar, explicitar melhor uma ideia ou convencer o interlocutor, considera-se que há uma sobreposição entre as noções de *recuo* e *retorno*. Logo, percebe-se que a noção de retomada pode ser conceptualizada como um *recuo* e um *retorno* desempenhado pelo falante com o objetivo de explicitar melhor uma ideia e tentar convencer o interlocutor a aceitá-la.

Algumas das projeções evidenciadas por esse uso do *mas* podem ser observadas no esquema a seguir:



Esquema 8 - Representação de projeções metafóricas (ocorrência 6, seção 3.1)

A ativação da metáfora da “viagem” através do uso do conector, apesar de não ser um foco de interesse deste trabalho, será importante para a compreensão dos usos do *mas* fundamentados pelo EI do *bloqueio* (3.2.2).

A partir dos exemplos comentados, verifica-se que o conector pode coordenar ou introduzir cláusulas conceptualizadas como *ataque*, *defesa*, *contra-ataque*, *recuo* (*retorno*),

*manobra, plano de estratégia* ou *força marcial*. Sabendo que conectores são fundamentados por esquemas imagéticos e que o *mas*, especificamente, funciona como um coordenador ou introdutor de estratégias argumentativas, postula-se que tal conector seja fundamentado por esquemas de *força*, conforme a demonstração da próxima subseção.

### 3.2. Usos do *mas*: os esquemas de força

Considerando que todo o discurso analisado é estruturado pela metáfora da “guerra”, postula-se que o conector *mas*, descrito frequentemente como um operador argumentativo que evidencia contraste ou oposição, seja uma categoria radial formada a partir dos diferentes esquemas imagéticos de força que fundamentam os usos desse conector na interação.

A fim de descrever cada ocorrência do conector no *corpus*, agruparam-se os usos fundamentados pelo mesmo EI em subseções.

#### 3.2.1 - Força Contrária

O conector é fundamentado por um esquema de *força contrária* quando a noção física de forças em direções opostas é transposta para a noção de argumentos ou ideias contrárias.

É válido ressaltar que o contraste ou a oposição pode ocorrer de forma explícita, mais marcada linguisticamente, ou de forma implícita, quando o falante opõe-se a um subentendido da fala do interlocutor. O uso do conector fundamentado pelo esquema de *força contrária* pode ainda evidenciar uma oposição a uma expectativa inferida da primeira conjunção, um contraste entre suposições ou uma manifestação de contrariedade em relação a uma hipótese levantada pelo interlocutor. Abaixo, detalham-se os usos enquadrados nesse EI.

#### **Excerto 1 - 91 página/ 44 linha**

**Flávia:** porque o vitor chega em casa depois das visitas ele chega com muito Medo. ele tem medo as coisas. >ele tem medo de ir no banheiro<, ele de dormir sozinho, ele vai pra minha cama eu deixo ele no colégio na segunda feira ele chora. Essa semana ele ta tranquilo porque esse fim de semana ele ficou comigo. **mas** ele te- vem de lá com medo, e fala que o pai fica na cama chorando. >teve uma vez que ele falou< e que a moça que toma conta junto também

ficou na cama com ele e ele do lado de fora brincando. eu quero saber se nessas visitas ele tem condição de olhar o vitor. DIREITO. porque onde ele mora é chamado morro da falange e o vitor fica na rua nesse lugar eu não acho legal. quero saber se realmente ele toma conta do vitor direito.

A fim de sustentar a posição de que a convivência com o pai afeta os filhos de forma prejudicial, Flávia contrasta as ideias de que seu filho se sente tranquilo em sua casa e sente-se amedrontado na casa do pai.

### **Excerto 2 - 92 página/ 16 linha**

**Flávia:** é. inclusive você falou na última visita que é o pai que a gente escolheu, não é, que a gente escolheu pra si. **Mas** ele não é quem eu escolhi, porque ele é outra pessoa, atualmente ele é outra pessoa. quem eu escolhi era completamente diferente, era uma pessoa generosa, muito melhor do que agora. não era mentirosa, não armava situações contra mim, entendeu. isso eu quero saber se afeta também se afeta a personalidade dele. porque quando eu falei aquele lance do meu namorado da minha casa, eu queria saber o que que incomodou [o meu namorado,

O conector marca uma oposição entre o comentário expresso pela mediadora em um encontro de mediação anterior, o qual Flávia retoma, e a opinião da requerida. Flávia contraria a ideia de que Amir é o pai que ela mesma escolheu para seus filhos, afirmando que esse homem não é o mesmo que escolhera, pois a personalidade do requerente teria mudado muito.

### **Excerto 3 - 92 página/ 36 linha**

**Flávia:** [você é pai da íris.] você considera a íris como sua filha.

**Amir:** a não ser qu-

**Sônia:** deixa o seu amir falar um pouquinho então dona flávia.

**Amir:** a não ser que você fale o contrário, **mas** parece que sou né.

Contrasta-se a possibilidade de Flávia dizer que Amir não é o pai biológico das crianças, o que se subentende da conjunção “a não ser que você fale o contrário”, e o fato de

Amir acreditar que é o pai biológico das crianças, o que é evidenciado pela conjunção “parece que sou né.”.

**Excerto 4 - 93 página/ 19 linha**

**Flávia:** ela estava se sentindo mal naquela situação. porque o vitor correu, abraçou, ele só dá ideia pro vitor. quando a íris parou de ir lá, ela tinha nove anos, ele NUNCA procurou, passou aniversário, passou TUDO. ele NUNCA procurou ela, ele NUNCA foi no colégio procurar, ele procura o menino, **mas** não procura ela, ela só tem nove, ele tem trinta e tantos anos.

O uso do conector evidencia a diferença entre o comportamento do pai em relação ao filho e seu comportamento em relação à filha.

**Excerto 5 - 93 página/ 42 linha**

**Amir:** é ta difícil.

**Flávia:** e ela TAMbém

**Sônia:** **mas** ele PRECISA [tentar melhorar em relação a isso.

Apesar de o conector iniciar o turno, enquadra-se no esquema de *força contrária*, uma vez que se opõe a dificuldade de relacionamento entre pai e filha à necessidade de se ultrapassar essa dificuldade.

**Excerto 6 - 96 página/ 13 linha**

**Flávia:** o::lha na perícia uma pessoa que tava lá dentro viu você sendo segurado pelo braço com teu pai pra fazer a perícia, o teu pai teve que te ajudar a sentar, eu quero saber se isso é uma encenação pra perícia ou se você

[fica assim. **mas** é isso que eu quero sabe:::::r

**Amir:** [não vou ficar discutindo. eu na-,eu não to em questionamento

O uso do conector evidencia um contraste, pois, enquanto Amir recusa-se a discutir acerca de seu comportamento durante a perícia, Flávia insiste no assunto.

**Excerto 7 - 97 página/ 49 linha**

**Flávia:** =eu não vo brigar, eu só quero a verdade. eu quero viver em paz, porque<sup>↑</sup> se meu nome saiu-, eu vou voltar aquele assunto que você não que, **mas** meu nome saiu no jornal porque ele pediu o sogro dele pra pô. é umas coisas que ele me persegue pra que isso.

Neste caso, a contrariedade é explicitada, uma vez que Flávia afirma que tornará a falar acerca de um assunto que Amir gostaria de já ter encerrado e, logo em seguida, usa o conector para introduzir tal questão.

**Excerto 8 - 98 página/ 38 linha**

**Flávia:** então ta. então vamos lá. ele não pode trabalhar **mas** ele pode ficar com a criança, ta, ta certo.

**Sônia:** ta certo. hunhum

Para defender sua visão de que Amir não deve passar mais tempo com os filhos, além do tempo já estabelecido, Flávia utiliza o conector para contrastar as ideias de Sônia, mostrando que, em sua opinião, tais ideias são divergentes.

**Excerto 9 - 99 página/ 18 linha**

**Flávia:** cê pôs o vitor no futebol **mas** ele não ta fazendo né. que que ta acontecendo.

A conjunção que o conector introduz é contrária à expectativa inferida da primeira.

**Excerto 10 - 101 página/ 33 linha**

**Amir:** [eu só não posso, eu só não a procurei porque eu não posso entrar em atrito com a minha filha

**Flávia:** **mas** você não ia entrar

O conector evidencia uma *oposição* entre a suposição de Amir de que o mesmo entraria em atrito com a filha e a suposição de Flávia de que esse atrito não existiria.

**Excerto 11 - 101 página/ 48 linha**

**Flávia:** [que que você tem tentado até hoje encontrar com ela

**Amir:** eu tenho tentado ir lá conversar com ela, **mas** eu não consigo. pra mim é difícil, ué. não é fácil eu sair numa situação que eu vou chegar numa pessoa,

O conector *contrapõe* o fato de *tentar* ao fato de *não conseguir*, evidenciando uma argumentação em sentidos contrários.

**Excerto 12 - 102 página/ 12 linha**

**Flávia:** só que o vitor, ele só tinha dois anos. pra ele aceitar uma separação foi mais fácil que pra íris. e:: a íris é: ela ta sofrendo com isso. pensa que eu gosto de ver isso.

**Sônia:** pois é, [dona flávia

**Flávia:** [ela finge que não sofre **mas** eu sei que sofre. ela sofre

Nesse caso, *contrasta-se* a ideia de a filha fingir não sofrer com a separação dos pais à ideia de a mãe saber que, na realidade, Íris sofre.

**Excerto 13 - 102 página/ 27 linha**

**Amir:** [olha só. você coloca uma coisa na sua cabeça. NEM se eles não fossem meus filhos, eu não ia deixar de gostar deles nunca

**Flávia:** **mas** você ta cansado de saber que é

**Amir:** nã::o. eu to te dando to te dando um exemplo. porque tem pessoas que ficam brigando pra isso, praquilo. eu NUNca vou querer saber, NEM que você chegasse e falasse assim oh não é. é meu filho e acabou, ué.

A fala de Flávia pode ser conceptualizada como um posicionamento contrário à hipótese de que Amir não seja o pai biológico das crianças.

**Excerto 14 - 104 página/ 10 linha**

**Amir:** (0.8) nos próximos anos que foram feito ex- exames, acho que até dois mil e::: quatro, que ela ainda teve acompanhamento. não tinha aumentado o desgaste. então, ela foi ficando mais velha, vamos dizer assim, o desgaste diminuiu porque=

**Flávia:** =continua o mesmo=

**Amir:** =continua o mesmo, então diminuiu. ai ele falou que se ela começasse com o desgaste até aqui normal. chegasse uma idade ela ia ter um ouvido que teve um desgaste maior. **MAS** a esperança era que nesse período a medicina tivesse evoluído nessa área e pudesse ( )

A conjunção introduzida pelo conector marca uma expectativa *contrária* à primeira conjunção. Nesse caso, observa-se ainda que a ideia de contrariedade é reforçada pelo pronunciamento com ênfase do *mas*.

**Excerto 15 - 104 página/ 19 linha**

**Flávia:** [piorou agora. é. deve ter uns três meses. porque eu comecei a notar que o cotonete tava sumindo. ela ta enfiando o cotonete pra coçar. que ela ficava assim, desesperada. e eu falei assim. ô íris se eu esconder o cotonete você vai enfiar outra coisa, não vai. então eu nem escondo o cotonete, que eu fico com medo dela enfiar outra coisa. um palito, uma caneta, né. ai::: eu fico preocupada né. mas esse negocio de barra mansa é muito concorrido, né. então:::, eu já consegui agendar, graças a deus, **mass** só daqui a dois meses.

Este caso é semelhante ao anterior, pois o conector introduz uma conjunção que *contraria* a expectativa gerada pela primeira.

**Excerto 16 - 106 página/ 16 linha**

**Amir:** no dia da audiência lá você podia ter falado assim, que bom que o menino vai jogar bola

**Flávia:** **mas** eu fale:::i. pro futebol eu falei. então pro futebol eu aceito, mas põe especificado, que é pra ir no futebol se não tiver aula, você mesmo falou, se não tiver aula ele continua contigo. eu, o que que eu fiz.



Vê-se que os argumentos de Amir e Flávia, quanto à consideração feita pela medianda no dia da audiência, são opostos.

### **Excerto 17 - 106 página/ 26 linha**

**Amir:** mas você já perguntou a ele se gostaria [( )

**Flávia:** [ele falou que não quer. não. falou que não. ele falou que não. ele chega lá em casa alegre. você pode falar sai de lá triste **mas** ele chega lá alegre. ele me abraça, beija, pula no colo da íris. a [gente tem uma relação muito boa

O conector *contrapõe* duas situações que podem ser parafraseadas da seguinte forma: *Vitor sai triste da casa da mãe para ir para a casa do pai e Vitor volta para a casa da mãe alegre.*

### 3.2.2 - Bloqueio

O uso do conector *mas*, de acordo com o *corpus* analisado, é fundamentado pelo esquema do *bloqueio* quando a noção da existência de uma barreira física, removível ou não, que impede a continuação de um movimento é transferida para a ideia de uma interrupção na argumentação do interlocutor devido à tomada de turno por um outro participante da interação ou devido à mudança de assunto pelo próprio falante, no caso de uma retomada. Assim, a noção de bloqueio permite que se conceptualize o argumento introduzido pelo conector como uma força que dificulta a continuação da argumentação do participante que detém a posse do turno ou que impede a continuação de um mesmo assunto.

Considera-se que o bloqueio é mais difícil de ser removido quando a interrupção da fala de um interlocutor deve-se à introdução de um argumento mais forte por outro participante da interação ou quando há uma tentativa de encerramento do assunto. Quando ocorre uma tentativa de tomada de turno, entretanto, considera-se o bloqueio de fácil remoção. Na análise dos exemplos a seguir, nota-se que os argumentos baseados em fatos são conceptualizados como bloqueios de difícil remoção, já aqueles baseados em opiniões são entendidos como de fácil remoção.

Em alguns dos exemplos, verificou-se uma combinação de esquemas imagéticos, uma vez que, além de impedir, mesmo que momentaneamente, a continuação da argumentação de

um determinado participante ou de um determinado assunto, o conector também introduz uma retomada. Nesses casos, o uso do *mas* é ainda fundamentado pelo esquema da *trajetória*, pois o conceito de DISCUSSÃO é também compreendido a partir do conceito de VIAGEM. Dessa forma, o conector funciona como um gatilho para a ativação da metáfora DISCUSSÃO É UMA VIAGEM.

Vale ressaltar que, em função da metáfora da “viagem”, compreende-se que se vê mais à medida que a viagem (discussão) avança. Logo, entende-se mais porque se vê mais, o que aponta para a implicação metafórica COMPREENDER É VER. Essa implicação relaciona-se ainda à noção de profundidade ligada à VIAGEM, uma vez que parte da metáfora da “viagem” implica ir fundo em um assunto, o que significa revelá-lo mais e, portanto, compreendê-lo melhor. Sendo assim, tal metáfora possibilita que se pense na noção de retomada (retorno), a fim de se explicitar melhor uma idéia, observando melhor o que ficou para trás no caminho percorrido.

Destaca-se ainda que, em certas ocorrências, realiza-se uma interrupção com o intuito de introduzir um outro aspecto a ser levado em conta em relação a um mesmo assunto.

A seguir, descrevem-se os usos do conector, baseados no esquema do *bloqueio* ou na combinação dos esquemas *bloqueio* e *trajetória*.

### **Excerto 1 - 92 página/ 14 linha**

**Sônia:** realmente dona:: flávia, uma das características da síndrome do pânico e da depressão, seu amir tem uma coisa e outra meio misturado, né. é isso exatamente, desse dessa embotamento, né. dessa tristeza,=

**Flávia:** =e isso não afeta. uma criança estando junto. o psicológico do meu filho como é que fica.

**Sônia:** provavelmente sim. **mas** esse é o pai do vitor.

A fim de sustentar a posição de que as crianças não devem passar tanto tempo com o pai, Flávia alega que o quadro de síndrome do pânico e depressão do ex-marido afetaria Vitor psicologicamente. Sônia, por sua vez, afirma que, ainda que o estado de Amir afete de certa forma o filho, isso não justifica um afastamento entre os dois. Assim, o uso do conector é sustentado pelo esquema do *bloqueio*, uma vez que há uma interrupção na argumentação do interlocutor devido a um argumento mais forte do falante. Nesse caso, a mediadora considera

que a convivência entre pai e filho não deve ser impedida, está acima dos problemas que a doença do pai pode ocasionar.

**Excerto 2 - 92 página/ 29 linha**

**Sônia:** mas olha só dona Flávia,

**Flávia:** ele mente.

Na literatura linguística, esse uso do conector é considerado um *pré-começo* ou *início acessório* que evidencia uma tentativa de tomada de turno. Partindo da visão sociocognitiva, entretanto, entende-se que o conector é fundamentado pelo esquema do *bloqueio*, uma vez que Sônia tenta impedir a continuação da argumentação de Flávia. Nesse caso, observa-se que Flávia ultrapassa facilmente o bloqueio, já que a mediadora não ocupa efetivamente o turno e continua a argumentação.

**Excerto 3 - 92 página/ 31 linha**

**Sônia:** Mas ó, o seu amir é o pai dos meninos. É isso. Tá colocado ASSIM. não tem como FUGIR. [esse é o pai dos meninos.]

Nesse caso, Sônia ocupa efetivamente o turno e o conector introduz um argumento baseado em um fato. Assim, entende-se a fala da mediadora como um *bloqueio* de difícil remoção, já que o argumento de que Amir é o pai das crianças e, logo, tem o direito de visitá-las é exposto para impedir que Flávia insista em argumentar baseada na opinião de que o pai não pode passar muito tempo com os filhos devido a seu quadro de saúde.

**Excerto 4 - 93 página/ 38 linha**

**Sônia:** é o seu amir ta mesmo com algumas questõ::es, [ele ta indo devagar em relação a isso [...]]

**Amir:** [é, é pra você ter ideia é porque pra mim é difícil porque eu vou no colégio, aí ela não quer me [receber fica com vergonha das crianças

**Flávia:** [você nunca foi.

**Amir:** não fui. to falando eu não fui no colégio, na casa dela o menino sai (0.3)

[não aparece ninguém

**Flávia:** [se você não vai chamar, ué.

**Amir:** eu mando recado pelo vitor

[sempre

**Sônia:** [mas o senhor deve estar com algumas dificuldades em relação a íris

Observa-se uma combinação dos esquemas do *bloqueio* e da *trajetória*, uma vez que o conector encontra-se em início de turno, impedindo a continuação da argumentação de Amir, e introduz a retomada do primeiro turno de fala de Sônia.

O esquema da trajetória possibilita que se pense a retomada (retorno) como um meio que a mediadora utiliza para explicitar melhor uma ideia (observar melhor o que ficou para trás no caminho percorrido).

#### **Excerto 5 - 94 página/ 4 linha**

**Amir:** ele não sai da minha casa triste,

[em relação ao vitor, porque

**Flávia:** [eu não falei que ele ta triste

**Amir:** ele me viu triste, NÃO. porque ele ta indo embora e ele não quer.

**Flávia:** [hannn ele quer morar com você.

**Sônia:** [essa é uma situação dona FLÁvia

**Amir:** isso não quer dizer que ele tando comigo ele não vai ficar triste porque ele não ta com a mãe dele [não.

**Sônia:** [é, não, mas ess-

**Flávia:** não é tristeza que eu [to fa-. o vitor é muito inseguro

O conector evidencia uma tentativa de tomada de turno, logo, de bloqueio da fala de Amir.

#### **Excerto 6 - 94 página/ 8 linha**

**Amir:** [não, não é:: normal fica

**Flávia:** ele TA inseguro, é medo, ele ta com medo.

**Sônia:** mas isso é natural::

**Amir:** ele é criança

**Sônia:** essa não é uma reclamação que só a senhora [tem

Nesse caso, o conector introduz um argumento que enfraquece a argumentação de Flávia acerca de o estado do ex-marido afetar o filho. O argumento introduzido pelo conector funciona, portanto, como uma força que dificulta a continuação da argumentação da medianda.

**Excerto 7 - 97 página/ 36-37 linhas**

**Flávia:** você me arrastou eu fiquei nua↑ como é que-

**Amir:** eu não to entrando em detalhes de nada aqui

**Sônia:** **mas** gente [**mas** depois dessa agressão

**Flávia:** [**mas** isso não vem ao caso

**Sônia:** já rolou um [ano].

**Flávia:** [é:] entendeu.

**Sônia:** acho que já tem perdão de ambas as partes e ponto final

Os três usos do conector enquadram-se no esquema do *bloqueio*. Nos dois primeiros, Sônia tenta tomar o turno e, no último, Flávia toma o turno introduzido pelo conector e tenta finalizar o assunto.

**Excerto 8 - 98 página/ 25 linha**

**Flávia:** você só entrou com esse pedido aqui porque você não conseguiu diminuir a pensão. porque você queria diminuir a pensão. você não pensa nos seus filhos. você só entrou com esse processo logo depois que você não conseguiu diminuir

**Sônia:** **mas** esse processo é pra acertar visita, não é senhor amir

**Amir:** é::

Além de estar em início de turno, o conector introduz um argumento baseado em um fato que invalida a argumentação de Flávia. Relembrando que o objetivo do processo é promover um acordo acerca dos dias em que o pai ficará com os filhos, Sônia tenta impedir

que Flávia continue argumentando que Amir entrou com o processo devido ao valor da pensão.

**Excerto 9 - 98 página/ 45 linha**

**Amir:** você ta parecendo aquele pastor que eu o o padre que você já vai pro inferno você não tem salvação, mas o seu dízimo eu quero. é por aí.

**Flávia:** mas eu só não entendi uma coisa

**Amir:** não tem porque a gente ficar [brigan::do seja por causa da pensã::o, se se é é

O conector indica, mais uma vez, uma tentativa de tomada de turno, conceptualizada como um bloqueio.

**Excerto 10 - 99 página/ 14 linha**

**Sônia:** que igreja que é seu amir.

**Amir:** é na::: moça da palmeiras, na::: subindo a morada da lua

**Sônia:** mas é o que. Evangélica

Vê-se que Sônia interrompe a fala do requerente, pois a resposta dada por Amir não atende à expectativa da mediadora, já que esse explicita o lugar onde fica a igreja, e Sônia gostaria de saber o tipo de doutrina.

**Excerto 11 - 99 página/ 24 linha**

**Amir:** ele ele ta com vergonha, ele chegou lá e:-

**Flávia:** [porque as crianças são grandes

**Amir:** não as crianças são pequenas. é que o horário que ele tava chegando as crianças já tão jogando então ele tem que chegar e entrar num time lá. o treinador ó, o time com o com o colete, dá o colete pra ele entrar. ele fica com vergonha

**Sônia:** mas ele não ta gostando.

**Amir:** não ele ta. ele quer jogar

**Sônia:** é uma questão de adaptar

O conector representa uma interrupção da fala de Amir. Sônia realiza essa interrupção com o intuito de introduzir um outro aspecto a ser levado em conta em relação ao fato de Vitor não estar participando das aulas na escolinha de futebol.

**Excerto 12 - 100 página/ 24 linha**

**Sônia:** nesse momento o senhor sai ganhando porque o senhor tem tempo. tempo disponível. agora dona Flávia, na verdade quando a senhora pe- questiona se o seu amir quando ta triste na cama, né. numa crise, e o vitor ta lá então, por conta de quem o vitor fica, na verdade o seu amir não ta sozinho nisso. né. ele tem a companheira que provavelmente esteja por ali tomando conta do do vitor é final de semana,

**Flávia:** tem dois pitbulls dentro da casa deles. tudo me preocupa muito

**Sônia:** ele gosta de bicho né.

**Flávia:** é, é pitbull né. a gente não pode confiar muito nessa raça. e eu fico preocupada mesmo.

**Sônia:** **mas** a senhora acha então que provavelmente a fabiana né. que chama

**Amir:** fernanda

**Sônia:** fernanda. se ela ta por ali se seu amir ta meio que isolado na cama

**Flávia:** eu não sei se ela olha, não sei. não sei isso é com ele, ele que sabe. eu não sei, eu não to lá

O uso do conector interrompe a fala de Flávia e introduz a retomada da possibilidade de a companheira de Amir tomar conta das crianças. Assim, verifica-se, mais uma vez, a combinação dos esquemas do *bloqueio* e da *trajetória*.

**Excerto 13 - 100 página/ 33 linha**

**Flávia:** eu não sei se ela olha, não sei. não sei isso é com ele, ele que sabe. eu não sei, eu não to lá

**Sônia:** ela olha, nesse momento.

**Amir:** lógico, lá ninguém fica=

**Flávia:** solto na rua, não.

**Amir:** eles pode brincar até em frente lá de casa

**Flávia:** **mas** nem sempre tem gente olhando

**Amir:** não tem movimento de carro. é a última, são três casas no final onde tem um viradourozinho. então são só

Verifica-se novamente a combinação dos esquemas do *bloqueio* e da *trajetória*, uma vez que o conector representa uma interrupção na explanação de Amir sobre os filhos brincarem em segurança por estarem em frente à sua casa, e introduz a retomada da questão de haver ou não alguém os observando enquanto brincam.

**Excerto 14 - 100 página/ 41 linha**

**Flávia:** e aquele barranco.

**Amir:** que que tem.

**Flávia:** e ele não pode cair lá

**Amir:** lógico que não. eles ficam ali em frente, **mas** quando eles tão lá tem sempre alguém na varanda, ou as meninas maiores ali do lado tão ali junto com eles brincando

Considera-se que esse uso do *mas* é fundamentado pelo esquema do *bloqueio*, pois Amir interrompe uma argumentação que não responde diretamente à pergunta de Flávia, uma vez que refere-se aos filhos estarem em segurança por, na maioria das vezes, estarem em frente à casa do pai; e introduz uma nova argumentação, a qual relaciona-se mais fortemente à pergunta da medianda.

**Excerto 15 - 101 página/ 28 linha**

**Flávia:** você ta achando que eu [que proibi ela de ir lá]

**Amir:** [ela é criança]

[ela é criança]

**Flávia:** [**mas** você ta achando que [fui eu que proibi, eu não proibi]

**Amir:** [eu não to achando nada não]

O conector indica uma interrupção da fala de Amir, seguida da retomada do questionamento de Flávia quanto ao ex-marido achar que a medianda impediu que a filha frequentasse a casa do pai.



**Excerto 16 - 101 página/ 37 linha**

**Amir:** eu tenho que deixar ela à vontade, ir tentando aos poucos

**Flávia:** várias oportunidades tiveram.

[já tem onze meses, dez meses sei lá]

**Amir:** [mas como já ta uma coisa-] eu sei disso eu sei que ta difícil, eu tenho tentado, só que eu eu to vendo-

**Flávia:** que que você tentou.

A fala introduzida pelo *mas* pode ser conceptualizada como um *bloqueio* ao turno anterior, verbalizado por Flávia, que permite a ocupação do turno por Amir.

**Excerto 17 - 104 página/ 18 linha**

**Sônia:** e hoje a senhora percebe que [( )

**Flávia:** [piorou agora. é. deve ter uns três meses. porque eu comecei a notar que o cotonete tava sumindo. ela ta enfiando o cotonete pra coçar. que ela ficava assim, desesperada. e eu falei assim. ô íris se eu esconder o cotonete você vai enfiar outra coisa, não vai. então eu nem escondo o cotonete, que eu fico com medo dela enfiar outra coisa. um palito, uma caneta, né. ai:::: eu fico preocupada né. **mas** esse negocio de barra mansa é muito concorrido, né. então::::, eu já consegui agendar, graças a deus, mass só daqui a dois meses.

O conector introduz a retomada do assunto acerca do tratamento de saúde de Íris, que implica a interrupção do assunto sobre a evolução da doença. Dessa forma, entende-se que há uma combinação dos esquemas da *trajetória* e do *bloqueio*.

**Excerto 18 - 105 página/ 8 linha**

**Amir:** tá, ué. tem ninguém::

**Flávia:** não **mas** porque você

[sempre aceitou isso. aceitou chifre dele sinto muito, ué.

**Amir:** [to falando que::

Esse uso do *mas* introduz a retomada de um assunto que envolve o ex-marido de Fernanda, o qual implica a interrupção do assunto anterior. Assim, verifica-se novamente a combinação dos esquemas da *trajetória* e do *bloqueio*.

**Excerto 19 - 105 página/ 37 linha**

**Amir:** nós tivemos problemas. nós tivemos separados. nós tentamos. não deu certo. depo:::is que eu conheci a fernanda. ela não aceitou. falou que não, que não.

**Sônia:** essa é uma coisa até, senhor amir. a criança não tem  
[muito com isso.

**Amir:** [é é é:::is

**Sônia:** Não tem que ficar [dando satisfação. ela só vai compreender

**Amir:** [não ela ficou meio (massante) em cima. ela num aceitou. eu deixei pra lá. depois ela veio comigo falar comigo, não me questionando, questionando deus. que deus não escutava a prece dela, que não adiantava nada ela rezar

**Flávia:** **mas** graças a deus ela já mudou

**Amir:** ae eu [conversei muito com ela eu expliquei

**Flávia:** [ela já aceitou. muito tempo ela já aceitou.

Considera-se essa ocorrência do *mas* fundamentada por um esquema de *bloqueio*, uma vez que Flávia introduz a ideia de que a situação da filha já era diferente daquela exposta por Amir, na tentativa de interromper a argumentação do ex-marido.

**Excerto 20 - 105 página/ 44 linha**

**Amir:** explique::i ela que não era assim. que não adiantava pedi pras outras pessoas

**Flávia:** então você tinha que ter entendido. criança sente, não sente.

**Amir:** aí depois que passou esse negócio todo que nós falamos sobre o assunto. até porque ela tava insistindo pra falar nisso. eu nunca fiquei-

**Sônia:** **mas** mesmo que o senhor explique, mesmo que a dona flávia explique, ela só vai entender isso na idade adulTA.

Sônia ocupa o turno, interrompendo o assunto levantado por Amir, pois considera que os motivos da separação entre Amir e Flávia não dizem respeito à criança. Além de causar a

interrupção do assunto, o conector retoma uma ideia já comentada por Sônia. Assim, entende-se que o conector é fundamentado, mais uma vez, pelos esquemas do *bloqueio* e da *trajetória*.

### 3.2.3 - Restrição

O esquema de restrição representa uma força física que limita um movimento. Tal noção pode ser transportada para a noção de força social ou argumentativa que limita um determinado argumento.

Nota-se que o conector pode ser conceptualizado como uma força que especifica uma ideia ou que restringe o foco de atenção ou a opinião negativa do interlocutor. Além disso, tal conector pode introduzir uma condição, que é compreendida como uma restrição à vontade do outro participante ou como uma ressalva. A seguir, verifica-se cada um desses casos.

#### **Excerto 1 - 91 página/ 25 linha**

**Sônia:** nem me lembro mais quem é o requerente desse processo, quem é que começou, **mas** é que veio pedir ao juiz, botou a VIDA pro juiz pro juiz decidir. pediu o juiz decide.

Nesse trecho, observa-se que a mediadora considera importante apenas uma das ideias expostas. Nota-se que não há uma atribuição de importância a quem é o requerente do processo, enquanto há um enfoque no objetivo desse requerente. Entende-se, portanto, que o uso do conector se apóia em um esquema de *restrição*, ou seja, tal conector funciona como uma força que restringe o foco de atenção do interlocutor.

#### **Excerto 2 - 96 página/ 39 linha**

**Amir:** aí depois nós tivemos aquele contratempo, nós tentamos voltar ainda, num deu certo, nós separamos, eu ficava as ali na ( ) ela ia pro colégio eu ficava lá na ( ), onde ela morava depois, com os dois, na casa, que ela ia pro colégio

**Flávia:** **mas** você não estava nesse estado

A fala de Flávia pode ser conceptualizada como uma força social que limita a argumentação de Amir. Nota-se que Amir afirma ser capaz de tomar conta dos filhos, uma

vez que fazia isso quando a ex-esposa estava trabalhando. Flávia, por sua vez, limita o argumento do ex-esposo, afirmando que o estado de saúde de Amir era diferente daquele do momento da interação na época em que o mesmo cuidava dos filhos.

**Excerto 3 - 98 página/ 44 linha**

**Flávia:** então a gente não decide nada aqui

**Amir:** você ta parecendo aquele pastor que eu o o padre que você já vai pro inferno você não tem salvação, **mas** o seu dízimo eu quero. é por aí.

Compreende-se que o conector restringe a opinião negativa de Flávia em relação a Amir, já que se entende que Flávia não considera nada que venha de Amir positivo, exceto o dinheiro da pensão. Com a analogia utilizada, Amir limita a argumentação de Flávia em relação a seus possíveis defeitos.

**Excerto 4 - 102 página/ 5 linha**

**Sônia:** com o vitor é muito facil, né. [ele é bem mais tranquilo

**Flávia:** [que ele só tem cinco anos, quando eu separei  
[ele tinha dois, pra ele foi mais fácil aceitar uma separação

**Amir:** [e eles são pessoas diferentes

**Sônia:** **mas** uma per[sonalidade um pouco diferente

O conector funciona como uma força que *restringe* a argumentação de Amir. Assim, a ideia mais abrangente de que os filhos teriam personalidades diferentes é limitada à ideia de que as personalidades são diferentes em alguns aspectos.

**Excerto 5 - 104 página/ 1 linha**

**Amir:** [é. ela teve- isso: ela teve edema cerebral, teve na vista. e teve

**Sônia:** uma sequela

**Amir:** [é

**Flávia:** [é, **mas** graças a deus foi só essa se[quela

A fala introduzida pelo conector limita a força da fala de Sônia, minimizando a gravidade do estado de saúde de Íris.

#### **Excerto 6 - 105 página/ 5 linha**

**Flávia:** sinto muito. sinto muito. eu não tenho que tem que t-, eu posso ter uma convivência normal pras crianças. ó as crianças tão precisando disso, aconteceu isso, tal. **mas** eu frequentar a casa dele. acho que não há necessidade disso não. nem ele a minha

A conjunção introduzida pelo conector indica um limite em relação ao nível de proximidade entre Amir e Flávia.

#### **Excerto 7 - 106 página/ 16 linha**

**Amir:** no dia da audiência lá você podia ter falado assim, que bom que o menino vai jogar bola

**Flávia:** mas eu fale:::i. pro futebol eu falei. então pro futebol eu aceito, **mas** põe especificado, que é pra ir no futebol se não tiver aula, você mesmo falou, se não tiver aula ele continua contigo. eu, o que que eu fiz.

O conector introduz uma condição para que o ex-marido possa levar o filho para jogar futebol, ainda que não seja um dia pré-determinado para Amir ficar com as crianças. Assim, entende-se que a conjunção introduzida por tal conector limita o consentimento de Flávia à condição de não haver aula.

#### 3.2.4 - Habilidade

Nesta pesquisa, entende-se que o esquema de *habilidade* representa a capacidade física para superar obstáculos e forças adversas. Essa noção de habilidade em um ambiente físico é transportada para uma noção de capacidade para tentar reverter situações ou argumentos socialmente desfavoráveis. Assim, a noção de capacidade para contornar obstáculos estende-se para a noção de capacidade argumentativa.

Nos exemplos a seguir, verifica-se que, quando o conector é fundamentado pelo esquema da *habilidade*, a conjunção introduzida por tal elemento linguístico apresenta uma estratégia argumentativa, como uma justificativa para determinada argumentação ou decisão.

**Excerto 1 - 92 página/ 26 linha**

**Flávia:** é. inclusive você falou na última visita que é o pai que a gente escolheu, não é, que a gente escolheu pra si. Mas ele não é quem eu escolhi, porque ele é outra pessoa, atualmente ele é outra pessoa. quem eu escolhi era completamente diferente, era uma pessoa generosa, muito melhor do que agora. não era mentirosa, não armava situações contra mim, entendeu. isso eu quero saber se afeta também se afeta a personalidade dele. porque quando eu falei aquele lance do meu namorado da minha casa, eu queria saber o que que incomodou

[o meu namorado,

**Sônia:** [espera ae. vamos por partes.

**Flávia:** é, [eu quero saber se,

**Sônia:** [vamos por partes, e conversarmos especialmente sobre os meninos né.

**Flávia:** **mas** é isso que eu quero ver, a personalidade dele mudou muito. **NÃO** é quem eu escolhi só que eu vol-, **NÃO** é quem eu escolhi pra casar, realmente não é. eu não conheço essa pessoa. pelas coisas que ele faz, que ele fala, que ele age,

Quando Flávia fala a respeito de seu namorado, Sônia entende que a requerida está se desviando do tópico central da discussão, que é o acordo acerca da regulamentação dos dias em que o pai pode estar com os filhos. Já Flávia alega que o assunto levantado é relevante para o objetivo principal da mediação, não se tratando de uma fuga do assunto central. Assim, entende-se que o uso do conector evidencia uma estratégia argumentativa, uma vez que introduz uma justificativa da medianda em relação ao motivo pelo qual a assunto foi trazido à tona.

**Excerto 2 - 98 página/ 35 linha**

**Sônia:** dona flávia a senhora chega a ser ofensiva dona flávia

**Amir:** é::

**Flávia:** **mas** eu sou a culpada

Sônia faz uma observação socialmente mal vista acerca da requerida, que se defende, alegando não ser a culpada pelas atitudes que está sendo levada a cometer. Observa-se que Flávia se coloca em uma posição mais frágil, a fim de reverter a acusação de Sônia, que lhe confere uma imagem socialmente desfavorável.

**Excerto 3 - 98 página/ 36 linha**

**Sônia:** dona flávia a senhora chega a ser ofensiva dona flávia

**Amir:** é::

**Flávia:** mas eu sou a culpada

**Sônia:** **mas** olha, o seu, o seu amir ele ta com tempo livre porque ele ta doente, ta afastado do trabalho.

Nota-se que Sônia não insiste em julgar a requerida pelo tratamento hostil em relação a Amir e tenta mudar a opinião de Flávia, que considera o ex-esposo desocupado. Nesse caso, observa-se a capacidade de Sônia em tenta reverter uma situação considerada desfavorável ao relacionamento entre as partes e, logo, à tentativa de um acordo entre os dois.

**Excerto 4 - 106 página/ 20 linha**

**Amir:** poxa, [vamos deixar o menino ficar comigo

**Flávia:** [mas você queria entregar na segunda. eu não quero que entregue na segunda. eu quero que entregue no domingo à noite pra ele na segunda ele já pegar o pique da semana.

Nesse caso, estende-se a noção física da capacidade para contornar obstáculos para uma noção de capacidade argumentativa, uma vez que Flávia aponta uma justificativa, introduzida pelo conector, para não ter deixado o menino ficar com o pai.

**Excerto 5 - 106 página/ 23 linha**

**Amir:** poxa, [vamos deixar o menino ficar comigo

**Flávia:** [mas você queria entregar na segunda. eu não quero que entregue na segunda. eu quero que entregue no domingo à noite pra ele na segunda ele já pegar o pique da semana.

**Amir:** **mas** você já perguntou a ele se gostaria [( )

Amir utiliza o argumento de que se deve considerar a opinião do filho, a fim de defender seu ponto de vista de levar o menino de volta à casa da mãe às segundas-feiras. Verifica-se, pois, que o conector introduz uma estratégia argumentativa e pode ser fundamentado, portanto, em um esquema de *habilidade*.

### 3.2.5 - Compulsão

O esquema da *compulsão* representa a aplicação de uma força externa que provoca o deslocamento de um objeto. Tal noção se estende para a ideia de que um dos participantes exerce uma força social e argumentativa sobre o outro, impulsionando esse a repetir o que já havia dito anteriormente. Abaixo, listam-se os usos do *mas* fundamentados pelo esquema da compulsão.

#### **Excerto 1 - 97 página/ 43 linha**

**Flávia:** [e que eu não aguento essas mentiras

**Amir:** [acabou o assunto acabou não é

**Flávia:** [**mas** eu não aguento essas mentiras

**Amir:** [não tem que ficar

**Flávia:** é isso que eu to falando a suas mentiras. você menti.

[você menti]

**Amir:** [eu não vim] aqui pra brigar contigo=

A primeira fala de Amir é compreendida como uma força social e argumentativa que impulsiona Flávia a repetir a primeira fala desse trecho, a fim de justificar a insistência em determinado assunto.

#### **Excerto 2 - 98 página/ 27-30 linhas**

**Amir:** [não tem porque você ser minha inimiga, nem eu ser inimigo seu

**Flávia:** você só entrou com esse pedido aqui porque você não conseguiu diminuir a pensão. por que você queria diminuir a pensão. você não pensa nos seus filhos. você só entrou com esse processo logo depois que você não conseguiu diminuir



**Sônia:** mas esse processo é pra acertar visita, não é senhor amir

**Amir:** é::

**Flávia:** [mas ele só entrou porque ele perdeu

Amir: [( )

**Sônia:** [não é um pedido de guarda

**Flávia:** mas é porque ele perdeu a pensão. ele não tem o que fazer. o tempo dele é muito li::vre

Na tentativa de sustentar a opinião de que Amir só entrou com o processo para lhe atingir, uma vez que não conseguiu diminuir o valor da pensão, Flávia insiste em seu argumento, contrapondo-se à argumentação de Sônia, que objetivava invalidar o argumento da requerida. Assim, as falas de Sônia, apresentadas nesse trecho, são compreendidas como uma força social e argumentativa que impulsiona a repetição do argumento introduzido pelo conector.

### **Excerto 3 - 102 página/ 6 linha**

**Sônia:** com o vitor é muito facil, né. [ele é bem mais tranquilo

**Flávia:** [que ele só tem cinco anos, quando eu separei  
[ele tinha dois, pra ele foi mais fácil aceitar uma separação

**Amir:** [e eles são pessoas diferentes

**Sônia:** mas uma per[sonalidade um pouco diferente

**Amir:** [mas é diferente

A última fala de Sônia – “mas uma per[sonalidade um pouco diferente” -, que pode ser conceptualizada como uma força externa, impulsiona Amir a enfatizar o que já havia dito anteriormente, na tentativa de justificar sua falta de proximidade com a filha.

### **Excerto 4 - 105 página/ 26 linha**

**Amir:** eu tive um conversa com a íris uma vez. que ela veio me questionar, que a nossa separação, foi eu, eu que

**Flávia:** e foi

**Amir:** que foi eu que que fiquei com a fernanda

**Flávia:** foi ué. **mas** não foi.

**Amir:** foi foi. eu falei íris não tem nada disso

**Flávia:** foi isso sim

**Amir:** nós tivemos problemas. nós tivemos separados. nós tentamos. não deu certo. depois que eu conheci a fernanda. ela não aceitou. falou que não, que não.

**Sônia:** essa é uma coisa até, senhor amir. a criança não tem [muito com isso.

As duas primeiras falas de Amir levam à repetição da fala de Flávia. Assim, consideram-se as falas de Amir como uma força argumentativa que impulsiona Flávia a repetir seu ponto de vista.

### 3.2.6 - Desequilíbrio

Quando o conector é fundamentado pelo esquema do *desequilíbrio*, há uma transferência da noção de forças físicas em desequilíbrio para a noção de ideias ou argumentos com diferentes níveis de importância. Nos exemplos abaixo, verifica-se que o argumento mais forte pode ser explicitado tanto na primeira quanto na segunda conjunção. Observa-se ainda que, quando a segunda conjunção apresenta um grau de importância menor, essa diferença costuma ser lexicalizada.

#### **Excerto 1 - 91 página/ 32 linha**

**Sônia:** E ele at-, ela né. ela até é: pediu aqui pra nós, pro processo vir pra cá pra nós, é é o assistente social e a psicóloga conhecerem mais e darem um pouco mais de informação, né. MESmo assim, é MUIto mais interessante que os próprios envolvidos decidam sobre a SUA vida, SUAS vidas, né.

**Flávia:** mais as crianças, né.

**Sônia:** no caso aqui muitO mais as vidas das crianças. **mas** que não há como negar que atinge diretamente a vida de cada um

Nesse excerto, Sônia enfatiza a importância das sessões de mediação, uma vez que os próprios envolvidos no caso podem decidir sobre suas vidas sem a intervenção da juíza. Nesse contexto, o conector é fundamentado por um esquema de *desequilíbrio*, pois, de acordo com a

mediadora, a possibilidade de os próprios pais decidirem sobre suas vidas nas sessões de mediação, ainda que seja muito relevante, tem um grau de importância menor do que o fato de poderem decidir sobre aspectos da vida das crianças.

**Excerto 2 - 101 página/ 18 linha**

**Sônia:** a íris ainda tem que ser muito trabalhada e o vitor parece que ta pelo menos bem mais tranquilo a senhora fala que ele volta inseguro e tudo, **mas** pelo menos ta ta o caminho do vitor ta mais tranquilo que o caminho da íris, né. a íris tem que ser trabalhada e o seu amir sabe disso.

O uso do conector evidencia a atribuição de diferentes níveis de importância às conjunções. Assim, ainda que Sônia dê importância ao fato de Vitor voltar inseguro da casa do pai, devido ao quadro de depressão de Amir, a mediadora não deixa de lembrar o fato de que o filho se relaciona bem com o pai, diferente da filha.

**Excerto 3 - 106 página/ 10 linha**

**Flávia:** [( )] deixa eu viver. eu não aguento vir mais nesse fórum, sabe. eu prefiro trabalhar. eu prefiro ficar lá dando aula, sabe. do que vir aqui. isso aqui é desgastante demais.

**Amir:** [( )] é ué

**Sônia:** [**mas** a gente tem condição de resolver numa outra condição aqui, dona flávia.

Entende-se que o conector é fundamentado pelo esquema do *desequilíbrio*, uma vez que Sônia tenta persuadir Flávia de que a possibilidade das partes resolverem sobre suas vidas sem a intervenção da juíza supera o desconforto de ter que participar de várias sessões de mediação, ou seja, os benefícios são maiores do que o esforço de comparecer às sessões.

**Excerto 4 - 106 página/ 30 linha**

**Flávia:** graças a deus, nós três tem-, ele tem um amor pela irmã. eles brigam né. como todo irmão. ontem mesmo né. de tapa sai no tapa. **mas** o amor que um tem pelo outro é muito grande. e ele chega com saudade. ele agarra a íris, me agarra. fala eu te amo o tempo todo. eu não tenho problema nenhum dele me entregar no domingo à noite. é melhor. ele já chega no

ritmo, pra segunda-feira acordar lá em casa. e ritmo de colégio e ritmo de tudo. é só ( ) que pegou lá. aniversário. (impar) não adianta que a juíza decidiu isso mesmo um ano com cada um

Nota-se que Flávia valoriza o argumento da segunda conjunção, enquanto minimiza a importância da primeira.

### 3.3. Conector *mas*: uma categoria radial

Tendo em vista a análise dos exemplos de uso do *mas*, reitera-se que tal conector seja uma categoria radial formada a partir dos diferentes esquemas imagéticos de força que fundamentam as ocorrências desse item linguístico na interação; e defende-se que o esquema do *bloqueio* fundamenta os usos mais nucleares ou prototípicos desse conector no gênero analisado, enquanto os usos não-prototípicos afastam-se, em diferentes graus, do núcleo da categoria, conforme mantenham a noção de força, mas distanciem-se do sentido de contrariedade.

É interessante notar que os dados apresentados pela análise não corroboram uma das hipóteses inicialmente levantadas, a de que o esquema da *força contrária* fundamentaria os usos mais prototípicos do conector na interação. Essa hipótese inicial apoiava-se nos seguintes critérios: i) sentido mais atribuído ao conector na literatura linguística, o que poderia evidenciar a intuição dos estudiosos e falantes da língua e ii) sentido mais frequentemente evidenciado pelo conector no *corpus*. Contudo, na análise dos exemplos, percebe-se que os usos estruturados pelo esquema do *bloqueio* apresentam um número maior de ocorrências. Assim, reconhece-se o sentido de *bloqueio* como o mais prototípico da interação, com base no segundo critério.

Ainda que a análise também se baseie no esquema da *trajetória*, para a formulação da categoria radial que descreve os usos do *mas* na interação, desconsideram-se os outros tipos de EIs que não se encaixam no esquema de *força*, uma vez que se entende que tal esquema é o mais saliente no uso do conector. Dessa forma, no gráfico a seguir, ilustra-se a divisão dos sessenta usos analisados, conforme os EIs que os fundamentam:

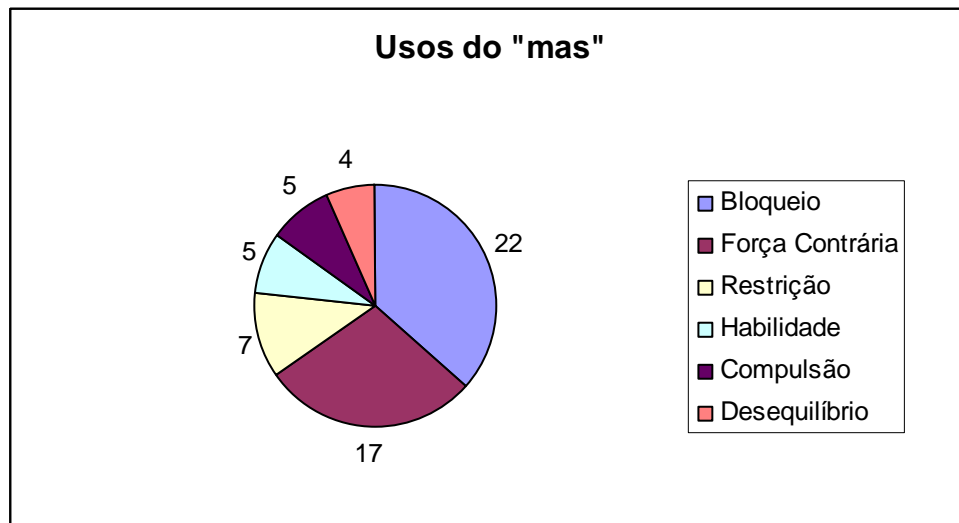
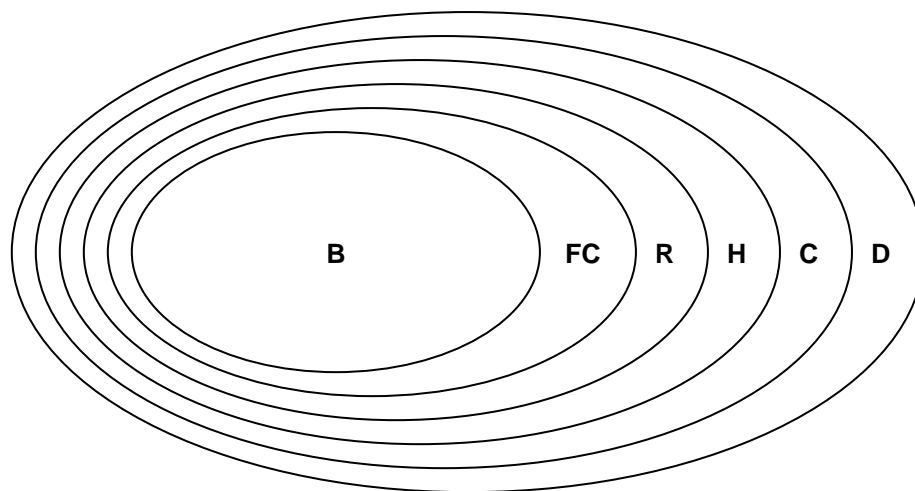


Gráfico 1 – Esquemas imagéticos de *força* que fundamentam os usos do *mas*

Com base no gráfico acima e nas postulações acerca dos usos prototípicos e não-prototípicos do conector estudado, propõe-se a seguinte configuração radial<sup>7</sup>:



Esquema 9 – Categoria radial referente ao conector *mas*

De acordo com o esquema apresentado, os usos do *mas* são distribuídos em uma escala, partido dos mais aos menos prototípicos. Nota-se que os usos fundamentados no EI do *bloqueio* apresentam o maior número de ocorrências no *corpus*, representando, assim, o núcleo da categoria. E verifica-se que, enquanto o centro da categoria mantém a noção básica de oposição ou contraste, os elementos radiais distanciam-se dessas noções, mantendo apenas a noção de força.

<sup>7</sup> Os esquemas imagéticos são indicados por suas iniciais na representação acima.

Os dois tipos de uso mais próximos ao núcleo mantêm uma noção de oposição, já que os conectores fundamentados pelos esquemas da *força contrária* e da *restrição* representam uma resistência em relação à argumentação do interlocutor, pois os primeiros evidenciam uma argumentação em direção oposta e os segundos, uma limitação à argumentação do outro participante.

Já os três tipos de uso mais afastados do núcleo relacionam-se mais a estratégias argumentativas do falante do que a uma oposição a um outro participante da interação. O esquema da *habilidade* representa uma capacidade de o falante se defender de argumentos socialmente desfavoráveis ou de induzir o interlocutor a concordar com suas ideias. O esquema da *compulsão*, entendida como uma força social e argumentativa exercida por um participante que impulsiona o falante a repetir o que havia dito anteriormente, evidencia uma estratégia de manutenção de uma posição argumentativa, pois, muitas vezes, repete-se para enfatizar e justificar o que já foi dito. E os usos mais periféricos, baseados no esquema do *desequilíbrio*, não sinalizam, diretamente, uma oposição a um outro participante, mas representam um contraste entre as ideias do falante, com o intuito de sustentar uma posição argumentativa.

Nota-se, portanto, que o uso mais prototípico e os dois tipos de uso mais próximos ao núcleo, fundamentados, respectivamente, pelos esquemas do *bloqueio*, da *força contrária* e da *restrição*, relacionam-se fortemente à dimensão dialógica da conversa, ou seja, à organização interacional da discussão, que inclui objeção, defesa e refutação. Já os usos mais periféricos, baseados nos esquemas da *habilidade*, da *compulsão* e do *desequilíbrio*, relacionam-se estreitamente à dimensão monológica da conversa, ou seja, à harmonia entre a posição e a sustentação da argumentação.

É válido ressaltar que os usos estruturados pelo esquema do *bloqueio* que não representam uma interrupção na argumentação do interlocutor, mas indicam uma mudança de assunto provocada pelo próprio falante, por meio de uma retomada, não se relacionam ao nível dialógico da conversa, mas ao monológico, uma vez que colaboram para a organização textual.

## CONCLUSÃO

Em vista da análise apresentada nesta pesquisa, postula-se que o conector *mas* funciona como um gatilho para a ativação do MCI de “guerra”, que estrutura o gênero analisado como um todo, e que, em função disso, tal conector pode ser descrito como uma categoria radial, formada a partir dos diferentes esquemas imagéticos de *força* que fundamentam seus usos na interação.

Quanto às funções argumentativas do *mas*, constata-se que, por meio dos mapeamentos metafóricos ativados durante a conversa, a partir da metáfora DISCUSSÃO É GUERRA, esse conector coordena ou introduz argumentos que podem ser conceptualizados como *ataque, defesa, contra-ataque, recuo, manobra, plano de estratégia* ou *força marcial*.

Com este estudo, corrobora-se ainda a ideia de que o conceito de esquema imagético é bastante produtivo em relação à descrição linguística, já que se postula que os usos do conector são fundamentados por diferentes esquemas de força. No gênero analisado, verifica-se que tais usos se baseiam em seis esquemas de força, a saber: *bloqueio, força contrária, restrição, habilidade, compulsão e desequilíbrio*.

Os dados da análise comprovam a hipótese de que os usos não-prototípicos do *mas* afastam-se, em diferentes graus, do núcleo da categoria, conforme mantenham a noção de força, mas distanciem-se do sentido de contrariedade; uma vez que apenas os três tipos de uso mais nucleares, os quais se baseiam no esquema do *bloqueio*, da *força contrária* e da *restrição*, evidenciam mais fortemente uma objeção, defesa ou refutação, enquanto os três tipos mais periféricos podem, muitas vezes, ser conceptualizados como uma força que atua na sustentação de uma posição argumentativa, minimizando, dessa forma, a ideia de contrariedade.

O protótipo identificado nessa interação ratifica uma importante postulação da *Teoria dos Protótipos*, a de que o exemplar mais prototípico de uma categoria depende do contexto, e os membros centrais dependentes do contexto podem ser diferentes dos protótipos não contextualizados. Essa colaboração em relação à *Teoria dos Protótipos* se justifica, uma vez que o protótipo descontextualizado de uso do conector, tendo em vista descrições de outras abordagens linguísticas e a própria intuição do falante, corresponderia aos usos baseados no esquema de *força contrária*, entretanto, nota-se que, no gênero mediação, mais especificamente na sessão analisada, o protótipo corresponde aos usos baseados no esquema do *bloqueio*.

A identificação do protótipo nesse tipo de contexto é interessante na medida em que os usos do *mas* que representam um bloqueio na argumentação do interlocutor apresentam um grau de oposição maior do que os usos fundamentados pelo esquema de *força contrária*, já que, em alguns casos, impedem o interlocutor de continuar a argumentar ou invalidam a sua argumentação, *derrotando-o*. Em vista disso, observa-se que o protótipo de uso do *mas* nessa interação corrobora a ideia de que o gênero, como um todo, é estruturado pelo MCI de “guerra”.

Devido à observação do comportamento semântico-discursivo do conector *mas* no gênero mediação, o qual é pouco contemplado, e à escolha do paradigma adotado, que permite analisar tanto os usos do conector denominados interfrásticos quanto aqueles chamados inícios acessórios, espera-se ter apresentado uma proposta sociocognitiva de descrição do conector *mas* que reflete e fundamenta a noção de categorização radial como organização conceptual do conhecimento adquirido; e ter ainda contribuído com os estudos acerca da visão da metáfora como um aparato cognitivo que opera, de forma subjacente, na formulação de estratégias argumentativas, colaborando, assim, para o estudo da metáfora DISCUSSÃO É GUERRA.



## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Maria Lucia L. *et al* (Org.). *Linguística Cognitiva em foco: morfologia e semântica*. Rio de Janeiro: Publit, 2010.
- BARCELONA, Antonio. *Metaphor and Metonymy at the Crossroads: A Cognitive Perspective*. New York: Mouton de Gruyter, 2003. p. 299-320.
- BERNARDO, Sandra Pereira. *Foco e ponto de vista na conversa informal: uma abordagem sócio-cognitiva*. 2002. 221f. Tese (Doutorado em Linguística) - Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2002.
- CAMERON, Lynne. *Metaphor and talk*. In: GIBBS Jr., Raymond W. (Ed.). *The Cambridge handbook of metaphor and thought*. New York: Cambridge University Press, 2008, p.197-211.
- CHIAVEGATTO, Valeria Coelho. *Gramática: Uma perspectiva sociocognitiva*. In: CHIAVEGATTO, Valeria Coelho (Org.). *Pistas e Travessias II: bases para o estudo da Gramática, da cognição e da interação*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2002.
- CORRÊA, L. *Língua e cognição: antes e depois da revolução cognitiva*. In: PFEIFER, C.; NUNES, J. H. (Orgs.). *Introdução às ciências da linguagem: linguagem, história e conhecimento*. São Paulo: Pontes Editores, 2006.
- CUNHA, Celso; CINTRA, Luís F. Lindley. *Nova Gramática do português contemporâneo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- DURANTI, Alessandro. *Trocas Conversacionais*. Tradução de Leticia Loder (mimeo). In: Duranti, Alessandro. *Linguistic anthropology*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.
- EVANS, Vyvyan; GREEN, Melanie. *Cognitive Linguistics: an introduction*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2006.

FAUCONNIER, Gilles; TURNER, Mark. *The way we think: conceptual blending and the mind's hidden complexities*. New York: Basic Books, 2002.

FERRARI, L.V. *Espaços Mentais e Construções Gramaticais: do uso linguístico à tecnologia*. 1. ed. Rio de Janeiro: Imprinta, 2009.

\_\_\_\_\_. *Introdução à Linguística Cognitiva*. São Paulo: Contexto, 2011.

GAGO, Paulo Cortes. *A organização sequencial da conversa*. Calidoscópico, v.3, n.2, p.61-73, maio/ago.o de 2005.

GARCEZ, Pedro M. *Transcrição como teoria: a identificação dos falantes como atividade analítica plena*. In: Moita Lopes, L. P.; Bastos, L. C. (Orgs.). *Identidades: recortes multi e interdisciplinares*. São Paulo: Mercado das Letras, 2002.

GEERAERTS, Dirk. *Cognitive linguistics: basic readings*. Berlin; New York: Mouton de Gruyter, 2006.

GRENFELL, Adrete. *Sobre locuções prepositivas em hipótese cognitivista*. 2004. 166f. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.

KOCH, Ingedore G. Villaça. *Argumentação e linguagem*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1993.

KÖVECSES, Zoltán. *Metaphor: A Practical Introduction*. Oxford: Oxford University Press, 2002. p.43-55.

\_\_\_\_\_. *Metaphor in Culture: Universality and Variation*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005. p.163-192.

LAKOFF, George. *Women, fire and dangerous things*. Chicago: Chicago University Press, 1987.

LAKOFF, G.; ESPENSON, J.; SCHWARTS, A. *Master Metaphor List*. Berkeley: University of California, 1991.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metáforas da vida cotidiana*. Tradução do Grupo de Estudos da Indeterminação e da Metáfora (GEIM). São Paulo: EDUC:Mercado de Letras, 2002.

\_\_\_\_\_. *Metaphor we live by*. Chicago: The University of Chicago Press, 2003.

LANGACKER, Ronald W. *Cognitive Grammar: a basic introduction*. Oxford: Oxford University Press, 2008.

MACEDO, Ana Cristina Pelosi de; FELTES, Heloísa Pedroso de Moraes; FARIAS, Emilia Maria Peixoto (Orgs.). *Cognição e linguística: explorando territórios, mapeamentos e percursos*. Caxias do Sul, RS: EDUCS; Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.

MARTELOTTA, M. E.; PALOMANES, R. *Linguística Cognitiva*. In: MARTELOTTA, M. E. (Org.). *Manual de Linguística*. São Paulo: Contexto, 2008.

MOURA, H. M. M. *Metáfora e Regularidades Linguísticas*. In: MIRANDA, Neuza Salim; NAME, Maria Cristina (Orgs.). *Linguística e cognição*. Juiz de Fora: Ed.UFJF, 2005.

\_\_\_\_\_. *Pressuposição*. In: *Significação e Contexto: uma introdução a questões de semântica e pragmática*. Santa Catarina: Insular, 2006. p.12-15/52-58.

NEVES, Maria Helena de Moura. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Ed. UNESP, 2000.

NIETZSCHE, Friedrich. *Sobre verdade e mentira no sentido extra-moral*. São Paulo: Nova Cultural, 1987. v.1.(Os pensadores)

REVISTA LINGUÍSTICA. Rio de Janeiro: UFRJ, Programa de Pós-Graduação em Linguística, v.6, n.2, dez. 2010.

SACKS, H.; SCHEGLOFF, E.; JEFFERSON, G. Sistemática elementar para a organização da tomada de turnos para a conversa. *Language*, v. 50, n. 4, 1974, p.696-735.

SAMPAIO, Lia Regina Costaldi; BRAGA NETO, Adolfo. *O que é mediação de conflitos*. São Paulo: Brasiliense, 2007. (Coleção primeiros passos; 325).

SARDINHA, Tony Beber. *Metáforas*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

TOMASELLO, Michael. *Origens Culturais da Aquisição do Conhecimento Humano*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

VELOZO, Naira A. *O artifício de extensão na metáfora da “luta”*. In: BERNARDO, Sandra; VELOZO, Naira A.; MARTINS, Q. C. (Orgs). *Linguagem: teoria, análise e aplicações (5)*. Rio de Janeiro: Programa de Pós-Graduação em Letras – UERJ, 2010.

**ANEXO** – Transcrição do *corpus* analisado, elaborada pelos integrantes do projeto de pesquisa “Contextos de intervenção de terceiras partes em situação de conflito” (projeto SHA-APQ 2129, FAPEMIG) sob a orientação do Prof. Dr. Paulo Cortes Gago.

01		((passos))
02	Sônia	Vou passar pra cá TÁ pedro*.
03	Flávia	Onde você quer que eu sente.
04	Sônia	Não, pode ficar aí.
05		(8.0)
06	Flávia	Então eu sento aqui pra gente pode enxergar a senhora
07		(10.0)
08	Sônia	Gente., (0.8) é::: a a- essa reunião foi com a concordância do senhor amir e da
09		senhora também. a senhora sabia [que
10	Flávia	[certo
11	Sônia	o: seu amir ia ta aqui, e o seu amir >sabia que ( )< (.).ENTão. esse tipo de
12		trabalho dona flávia, a gente faz com o objetivo é de EVitar todo esse conflito
13		processual, todo todo esse desgaste emocional ENORME que tem uma
14		audiência, que na na verdade >é uma BRlga< né. falando um português mais
15		claro né. chega as fases as vezes de necessitar de testemunho pra lá, testemunho
16		pra cá. (0.8) testemunhas que na verdade, a gente fica meio que na mão dessas
17		pessoas. E depois na mão do juiz. (0.8) ENTão, por isso esse CONvite MEU↓ de
18		fazer esse:: pro- esse tipo de trabalho com direito ( ) de mediação. pra gente
19		tentar aparar algumas arestas (0.8) é:: tentar tornar essa essa situação menos
20		conflituosa. >pra nós< eventualmente entrarmos num acordo aqui mesmo ou
21		pelo menos pra ir para uma out- futura audiência numa OUTRA condição, né.
22		numa nova condição. Capaz de sair algum FRUto. porque do jeito que as coisas
23		estão, a mim me parece que não sai fruto, a não ser uma decisão de cima pra
24		baixo. (0.8) que é o que foi pedido↑ né. nem me lembro mais quem é o
25		requerente desse processo, quem é que começou, mas é que veio pedir ao juiz,
26		botou a VIDA pro juiz pro juiz decidir. pediu o juiz decide. MANDa de cima pra
27		baixo. E ele at-, ela né. ela até é: pediu aqui pra nós, pro processo vir pra cá pra
28		nós, é é o assistente social e a psicóloga conhecerem ma::is e darem um pouco
29		mais de informação, né. MESmo assim, é MUIto mais interessante que os
30		próprios envolvidos decidam sobre a SUA vida, SUAS vidas, né.
31	Flávia	mais as crianças, né.
32	Sônia	no caso aqui muitO mais as vidas das crianças. mas que não há como negar que
33		atinge diretamente a vida de cada um
34		(1.4)
35	Flávia	eu quero:: saber aqui. ele ta doente, certo. ele mesmo já falou, ( ), né. eu quero
36		saber se AFeta a visita domingo com ele. se se as vezes que ele ta com crise, que
37		a psicóloga falou que são, as vezes tem crise, certo. se afeta
38		[o vitor, se essa situação
39	Sônia	[o seu amir saberia te dizer melhor isso, né. seu amir.
40	Amir	não. eu acho que não.
41	Flávia	porque o vitor chega em casa depois das visitas ele chega com muito Medo. ele
42		tem medo as coisas. >ele tem medo de ir no banheiro<, ele de dormir sozinho,
43		ele vai pra minha cama eu deixo ele no colégio na segunda feira ele chora. Essa
44		semana ele ta tranquilo porque esse fim de semana ele ficou comigo. mas ele te-

01		vem de lá com medo, e fala que o pai fica na cama chorando. >teve uma vez que
02		ele falou< e que a moça que toma conta junto também ficou na cama com ele e
03		ele do lado de fora brincando. eu quero saber se nessas visitas ele tem condição
04		de olhar o vitor. DIREITO. porque onde ele mora é chamado morro da falange e
05		o vitor fica na rua nesse lugar eu não acho legal. quero saber se realmente ele
06		toma conta do vitor direito.
07	Sônia	essa é uma preocupação da senhora=
08	Flávia	= É. com certeza.
09	Sônia	realmente dona:: flávia, uma das características da síndrome do pânico e da
10		depressão, seu amir tem uma coisa e outra meio misturado, né. é isso
11		exatamente, desse dessa embotamento, né. dessa tristeza,=
12	Flávia	=e isso não afeta. uma criança estando junto. o psicológico do meu filho como é
13		que fica.
14	Sônia	provavelmente sim. mas esse é o pai do vitor.
15	Flávia	é. inclusive você falou na última visita que é o pai que a gente escolheu, não é,
16		que a gente escolheu pra si. Mas ele não é quem eu escolhi, porque ele é outra
17		peessoa, atualmente ele é outra pessoa. quem eu escolhi era completamente
18		diferente, era uma pessoa generosa, mu::ito melhor do que agora. não era
19		mentirosa, não armava situações contra mim, entendeu. isso eu quero saber se
20		afeta também se afeta a personalidade dele. porque quando eu falei aquele lance
21		do meu namorado da minha casa, eu queria saber o que que incomodou
22		[o meu namorado,
23	Sônia	[espera ae. vamos por partes.
24	Flávia	é, [ eu quero saber se,
25	Sônia	[vamos por partes, e conversarmos especialmente sobre os meninos né.
26	Flávia	mas é isso que eu quero ver, a personalidade dele mudou muito. NÃO é quem eu
27		escolhi só que eu vol-, NÃO é quem eu escolhi pra casar, realmente não é. eu
28		não conheço essa pessoa. pelas coisas que ele faz, que ele fala, que ele age,
29	Sônia	mas olha só dona flávia,
30	Flávia	ele mente.
31	Sônia	Mas ó, o seu amir é o pai dos meninos. É isso. TÁ colocado ASSIM. não tem
32		como FUGIR. [esse é o pai dos meninos.]
33	Flávia	[você é pai da íris.] você considera a íris como sua filha.
34	Amir	a não ser qu-
35	Sônia	deixa o seu amir falar um pouquinho então dona flávia.
36	Amir	a não ser que você fale o contrário, mas parece que sou né.
37	Flávia	e por que que você não liga mais pra íris.
38	Amir	ela que não quer mais falar comigo.
39	Flávia	a íris deixou de ir na tua casa,
40	Amir	agora, eu não posso obrigar uma criança de onze anos [a:::
41	Flávia	[você procurou ela,
42	Amir	a nada
43	Flávia	pra conversar
44	Amir	é (.) eu conversei com ela no dia que ela falou que eu mal trato, e as vezes que eu
45		encontro com ela ela dizia [eu não quero
46	Flávia	[é porque ela ta esperando que você chegue nela. você
47		tem oportunidade de chegar nela.
48	Amir	inclusive na na agora esses dias ela tava num posto de saúde, e eu fui lá oferecer
49		pra passar o cartão num médico particular pra ela poder ir

01	Flávia	eu estava no curs-
02	Amir	elas duas rindo, fazendo um monte de bobeira=
03	Flávia	=bobeira NÃO. [ela estava conversando comigo.
04	Amir	[fazendo careta
05	Flávia	ninguém fez careta.
06	Amir	tive que ir embora. [tava no bar e tive que ir embora
07	Flávia	[ninguém fez careta
08	Amir	[então. é difícil:::
09	Flávia	[ninguém fez careta
10	Sônia	você já estava lá coincidentemente.
11	Flávia	coincidentemente ninguém fez careta. [a íris ficou nervosa
12	Amir	[ai tive que ir embora
13	Flávia	ela queria desconversar, ai a gente começou a contar caso do colégio, ela
14		começou a contar caso do colégio pra descontrair.
15	Sônia	hunrum
16	Flávia	ela estava se sentindo mal naquela situação. porque o vitor correu, abraçou, ele
17		só dá ideia pro vitor. quando a íris parou de ir lá, ela tinha nove anos, ele
18		NUNCA procurou, passou aniversário, passou TUDO. ele NUNCA procurou
19		ela, ele NUNCA foi no colégio procurar, ele procura o menino, mas não procura
20		ela, ela só tem nove, ele tem trinta e tantos anos.
21	Sônia	é o seu amir ta mesmo com algumas questõ::es,
22		[ele ta indo devagar em relação a isso
23	Amir	[vou pedir pra psicóloga pra ver se faz esse primeiro encontro aqui.
24		[vou pedir pra ela porque::
25	Flávia	[eu falei também
26	Amir	porque é difícil eu ir de encontro sabendo que alguém vai me agredi::r,
27		[sabe.
28	Sônia	[ela não vai te agredir ( ) nós vamos fazer um
29		[primeiro encontro
30	Flávia	[o primeiro encontro [é este
31	Amir	[é, é pra você ter ideia é porque pra mim é difícil porque eu
32		vou no colégio, aí ela não quer me [receber fica com vergonha das crianças
33	Flávia	[você nunca foi.
34	Amir	não fui. To falando eu não fui no colégio, na casa dela o menino sai (0.3)
35		[não aparece ninguém
36	Flávia	[se você não vai chamar, ué.
37	Amir	eu mando recado pelo vitor [sempre
38	Sônia	[mas o senhor deve estar com algumas dificuldades
39		em relação a íris
40	Amir	é ta difícil.
41	Flávia	e ela TAMbém
42	Sônia	mas ele PRECISA [tentar melhorar em relação a isso.
43	Amir	[agora em relação ao vitor ele não sai da
44		minha casa triste
45	Flávia	precisa tentar
46	Amir	ele não sai da minha casa triste,[em relação ao vitor, porque
47	Flávia	[eu não falei que ele ta triste
48	Amir	ele me viu triste, NÃO. porque ele ta indo embora e ele não quer.
49	Flávia	[hannn ele quer morar com você.

01	Sônia	[essa é uma situação dona FLÁvia
02	Amir	isso não quer dizer que ele tando comigo ele não vai ficar triste porque ele não ta
03		com a mãe dele [não.
04	Sônia	[é, não, mas ess-
05	Flávia	não é tristeza que eu [to fa-. o vitor é muito inseguro
06	Amir	[não, não é:: normal fica
07	Flávia	ele TA inseguro, é medo, ele ta com medo.
08	Sônia	mas isso é natural::
09	Amir	ele é criança
10	Sônia	essa não é uma reclamação que só a senhora
11		[tem
12	Amir	[se, é, se ele ficar comigo, vai chegar o dia que ele vai nela lá, lá na casa dela
13		quando ele chegar, vai querer ficar mais um pouco.
14	Sônia	ele também vai ter alguma [contrariedade
15	Amir	[é normal
16	Sônia	essa é uma reclamação dona flávia que todas as pessoas que estão responsáveis
17		pelos seus filhos, homens separados ou mulheres separadas, tem↓.
18	Flávia	a íris, deixa só eu-
19	Sônia	de criança ou de adolescente que o filho volta diferente. Meu filho volta
20		diferente, o fulano de tal TA fazendo a cabeça dele e não é bem assim=
21	Amir	=não é
22	Flávia	a íris, a íris
23	Amir	eu nunca fiquei encucado com isso, que ta fazendo a cabeça do vitor quando o
24		vitor chega lá.
25	Flávia	e não ta mesmo porque eu não falo nada com o vitor
26	Amir	a íris, eu sei o que fez a íris não ir lá, é lógico o vitor não teve jeito ele não
27		aceita, você pode oferecer mundos e fundos para ele que ele não aceita::
28		imposição
29	Flávia	eu não impus a íris não, você ta muito enganado.
30	Amir	ele gosta de você ou ele num-
31	Sônia	isso é muito de personali[dade, ele é assim
32	Amir	[é, ele é assim
33	Sônia	a íris também tem personalidade
34	Amir	então
35	Flávia	não foi isso
36	Amir	em relação a íris é lógico que eu fico triste, é lógico que eu vejo ela na rua como
37		é que eu fico
38	Flávia	você sabe que [foi ciúmes da menina que mora contigo
39	Amir	[agora eu nã-
40	Flávia	a íris não
41		[foi nada da-, eu não queri-, eu falava com a íris,
42	Amir	[se fosse ciúmes dela tudo bem não foi nada disso
43	Flávia	íris você tem que visitar o seu pai só se você me arrasTAR, só se me
44		arras[ta ela falava só se me arrastar
45	Amir	[então ela tem ciúmes, então ela tem ciúmes do meu- do avô
46		[dela, com a Maria Eduarda
47	Flávia	[o avô não procura, nem a avó, ninguém procu[ra ela
48	Amir	[ta todo mundo errado a íris é:::
49	Flávia	meu bem, minha filha é uma criança os avós simplesmente não procuraram mais



01		ela, ninguém procura mais ela na família
02		[dele
03	Amir	[ela passa em frente ao colégio, encontra eles finge que não viu, faz cara feia=
04	Flávia	=ela não faz cara feia nem finge
05	Amir	ELA foi PROIbida de falar com a família inteira
06	Flávia	[bom péra ae. péra ae.
07	Amir	[por causa do problema eu e ela
08	Flávia	você ta falando que eu proibi.
09	Amir	foi eu e [ela.
10	Flávia	[você vai entrevistar a íris.
11	Sônia	não sei
12	Flávia	eu tenho consciência tranquila que eu nunca proibiu a íris, isso ai eu estou
13		tranquilíssima. eu não vou carregar pro resto da minha vida o afastamento da
14		filha com o pai porque eu proibi
15	Sônia	a dona flávia coloca até que ela é mesmo um tanto DURInha pra idade dela, né.
16		que a senhora disse a senhora nem gosta disso, [desse tipo de comportamento
17	Amir	[você acha importante eu
18		conversar [com íris
19	Flávia	[eu acho
20	Amir	eu com[viver com a íris.
21	Flávia	[não proib-, Acho.
22	Amir	então por que que você ta questionando minha convivência com o vitor.
23	Flávia	péra ae. eu não [acho importante
24	Amir	[então você você ta- você acha importante eu
25		[que eu conviva com a íris e já ta questionando a minha
26	Flávia	[a convivência que tem na tua casa e dormir na tua casa, pé aí, péra aí,
27	Amir	convivência com o vitor
28	Sônia	gente vamos abaixar o tom um pouquinho ( )
29	Flávia	a con[vivência, a convivência pode ter.
30	Amir	[desculpa
31	Flávia	pode ter. eu não to que- eu não to fal- querendo afastar o pai dos filhos. eu quero
32		saber se eles passarem uma noite, passarem um dia um dia inteiro, dormir
33		[na casa dele se eles estarão BEM
34	Sônia	[se eles estarão em segurança
35	Flávia	a íris pode voltar a conversar com o pai se ela quiser, se ela não quiser ir na casa
36		dele ele tem que aceitar. não pode conviver. vamos passear íris, eu vou em tal
37		lugar, você quer ir. ela só não quer durmir lá então. entendeu. por que ele não
38		procurou ver isso.
39	Amir	então, vamos colocar assim. você ta questionando, quero te entender, não quero
40		ficar aqui brigando contigo não, nem tem motivo pra brigar com você. você ta
41		questionando que se o vitor ficar comigo a minha doença pode atrapalhar alguma
42		coisa.
43	Flávia	se você vai olhar ele direito, se você ta na cama chorando se ele ta
44		[SOLTO
45	Amir	[agora a quantos anos eu venho fazendo tratamento e inclusive morando com
46		você, você ia pro colégio estudar em passadas que você
47		[falava que estava INDO
48	Flávia	[você tava morando com sua família
49	Amir	quem tomava conta das crianças era eu

01	Flávia	QUE ISSO:::.. você ta brincando
02		[isso que eu não estou aguentando em você essas suas mentiras
03	Amir	[quem ficava com as crianças a noite era eu
04	Flávia	você já tava doente desse jeito. eu não entendo isso você
05		[deixa essa situação
06	Amir	[desde quando eu estou afastado
07	Flávia	uma barba pra fazer um cabelo que você não corta, por que você quer chamar a
08		atenção do pó::vo.
09	Amir	desde quando que eu não to fastado.
10	Flávia	o::lha na perícia uma pessoa que tava lá dentro viu você sendo segurado pelo
11		braço com teu pai pra fazer a perícia, o teu pai teve que te ajudar a sentar, eu
12		quero saber se isso é uma encenação pra perícia ou se você
13		[fica assim. mas é isso que eu quero sabe:::::r
14	Amir	[não vou ficar discutindo. eu na-, eu não to em questionamento
15	Sônia	se ele tiver em condições de olhar a senhora não ta dizendo que o filho da
16		senhora quando vai pra casa do seu amir vê ele chorando lá
17	Flávia	falou uma vez
18	Sônia	né, então será que é teatro também [pro
19	Amir	[não, não ela ela fica questionando várias coisas
20	Flávia	[se não é teatro então você vai olhar ele
21	Amir	[eu to te falando o seguinte
22	Flávia	ou vai ficar deitado em uma cama.
23	Amir	só to te falando o seguinte você ta questionando uma coisa que nu::m tem lógica,
24		você conviveu com isso,
25	Flávia	eu não convivi com isso
26	Amir	conviveu
27	Flávia	(se você subisse eu ia) morar na tua mãe
28	Amir	é só ver o processo de separação que você ta falando lá que:: tem pouco tempo,
29		que inclusive demora até sair a separação que ela falou que tinha três meses que
30		eu tava separado dela
31	Sônia	tem quatro anos esse rompimento.
32	Flávia	você num fre-
33	Amir	vai fazer cinco já que eu to afastado. eu tava com ela ainda quando eu afastei do
34		serviço, meu pai ligou falou com a [( )
35	Flávia	[( )
36	Amir	aí depois nós tivemos aquele contratempo, nós tentamos voltar ainda, num deu
37		certo, nós separamos, eu ficava as ali na ( ) ela ia pro colégio eu ficava lá na ( ),
38		onde ela morava depois, com os dois, na casa, que ela ia pro colégio
39	Flávia	mas você não estava nesse estado
40	Amir	chegav-
41	Flávia	você não estava assim, o teu pai falou que você piorou, por isso que eu entrei
42		com esse papel. eu encontrei com o pai dele na semana e ele falou assim flávia o
43		amirzim ta pior por isso que eu tirei até a agressão da da d-, porque eu podia ter
44		continuado eu fiquei com PE na, o pai dele falava flávia onde ele vai eu tenho
45		que ir junto, eu tenho que carregar, eu tenho que levar, você não estava nessa
46		situação. você andava pra tudo quanto é lugar, você andava de bicicleta, você
47		andava de moto, não era isso, [você não tava assim
48	Amir	[o negócio da agressão, o negócio da
49		agres[são não foi proc-

01	Flávia	[eu que te agredi né.
02	Amir	não ta lá [o o os mesmos
03	Flávia	[você falou isso
04	Amir	machucados que você teve eu tive[de acordo com o laudo
05	Flávia	[olha pra mim
06	Amir	a lá, inclusive eu mostrei ( ) falou assim uai isso é xérox não, não é xérox olha lá
07		o nome, o meu e o dela,
08		[são dois exames.
09	Flávia	[péra aí, então eu que te agredi. Fala pra mim amir, eu que te agredi.
10	Amir	se houve alguma coisa dói das duas partes
11	Flávia	[amirzinho
12	Amir	[se eu tivesse que bater [nela ela (estaria no hospital)
13	Flávia	[gente eu não aguento isso, você me arrastou pela escada,
14		eu fiquei nua na rua. [EU que te agredi. eu não aguento é essas mentiras
15	Amir	[eu vou procurar lá e vou procurar pra você
16	Flávia	você ta entendendo. a personalidade, não tem mais caráter não é quem eu
17		conheci. Ele ele na época, ele chorou, MINHA filha pode falar, ela é
18		[testemunha, ela e-
19	Amir	[vou trazer o laudo a coisa pra você ver
20	Flávia	esse laudo não diz [nada,
21	Amir	[é o médico
22	Flávia	eu me defenDI::, eu me defendi, você me arrastava pelo cabelo escada abaixo, eu
23		me defenDI, eu fiquei nua na rua, eu devia ter continuado com esse processo.
24		essas mentiras eu não aguento. a íris falou mãe eu me lembro direitinho do pai
25		aqui chorado pedindo desculpa perdão. tanto é que ele ficou um ano comigo, e
26		ele falou flávia a coisa que eu mais me arrependo, na época ele falou, a coisa que
27		eu mais me arrependo foi ter feito isso contigo. agora ele mostra pra todo mundo
28		que eu que agredi ele. que isso [amirzim, que desvio de personalidade
29	Amir	[não falei que você me agrediu, até parece,
30	Flávia	[que desvio de personalidade é esse que você ta
31	Amir	[to falando que nós tivemos lá uns problemas
32	Flávia	nós tivemos não, eu fui inde[fesa fiquei indefesa
33	Amir	[eu não to entrando em em
34	Flávia	você me arrastou eu fiquei nua↑ como é que-
35	Amir	eu não to entrando em detalhes de nada aqui
36	Sônia	mas gente [mas depois dessa agressão
37	Flávia	[mas isso não vem ao caso
38	Sônia	já rolou um [ano].
39	Flávia	[é:] entendeu.
40	Sônia	acho que já tem perdão de ambas as partes e ponto final
41	Flávia	[é que eu não aguento essas mentiras
42	Amir	[acabou o assunto acabou não é
43	Flávia	[mas eu não aguento essas mentiras
44	Amir	[não tem que ficar
45	Flávia	é isso que eu to falando a suas mentiras. você menti.
46		[você menti]
47	Amir	[eu não vim] aqui pra brigar contigo=
48	Flávia	=eu não vo brigar, eu só quero a verdade. eu quero viver em paz, porque↑ se
49		meu nome saiu-, eu vou voltar aquele assunto que você não que, mas meu nome

01		saiu no jornal porque ele pediu o sogro dele pra pô. é umas coisas que ele me
02		persegue pra que isso.
03	Amir	EU que pedi pro meu sogro,
04	Flávia	cê sabe disso. você sabe disso.
05	Amir	eu fui saber porque meu pa i me contou
06	Flávia	[na::o, não você denunciou:::. pera ae.
07		[pára. pára de mentira.
08	Amir	[você cism- aqui↓ você tem que entender uma coisa
09	Flávia	pára de mentira
10	Amir	eu não tenho motivo pra ficar te perseguindo[não tenho motivo
11	Flávia	[eu também acho
12	Amir	[pra ficar fazendo nada com você
13	Flávia	[eu também acho
14	Amir	a minha vida não é em torno de você
15	Flávia	a tua vida não é mesmo. Então por que você não me deixa em paz.
16	Amir	se acontece alguma coisa errada contigo não fica achando que fui eu não
17	Flávia	há::::::~n coitado
18	Amir	[tudo que acontece ( )
19	Flávia	[( ) presta atenção. presta atenção
20		[meu filho voCÊ é que me persegue.
21	Amir	[não tem porque você ser minha inimiga, nem eu ser inimigo seu
22	Flávia	você só entrou com esse pedido aqui porque você não conseguiu diminuir a
23		pensão. por que você queria diminuir a pensão. você não pensa nos seus filhos.
24		você só entrou com esse processo logo depois que você não conseguiu diminuir
25	Sônia	mas esse processo é pra acertar visita, não é senhor amir
26	Amir	é:::
27	Flávia	[mas ele só entrou porque ele perdeu
28	Amir	[( )
29	Sônia	[não é um pedido de guarda
30	Flávia	mas é porque ele perdeu a pensão. ele não tem o que fazer. o tempo dele é muito
31		li::vre
32		(0.5)
33	Sônia	dona flávia a senhora chega a ser ofensiva dona flávia
34	Amir	é:::
35	Flávia	mas eu sou a culpada
36	Sônia	mas olha, o seu, o seu amir ele ta com tempo livre porque ele ta doente, ta
37		afastado do trabalho.
38	Flávia	então ta. então vamos lá. ele não pode trabalhar mas ele pode ficar com a
39		criança, ta, ta certo.
40	Sônia	ta certo. hunhum
41		(0.8)
42	Flávia	então a gente não decide nada aqui
43	Amir	você ta parecendo aquele pastor que eu o o padre que você já vai pro inferno
44		você não tem salvação, mas o seu dizimo eu quero. é por aí.
45	Flávia	mas eu só não entendi uma coisa
46	Amir	não tem por que a gente ficar
47		[brigan::do seja por causa da pensã::o, se se é é
48	Flávia	[olha o que que o vitor falou comigo. o Vitor falo comigo que não QUER ir na
49		escolinha da sua igreja.

01		[ele fala comigo. ele ta FAAla. e o futebol ] outra coisa-
02	Amir	[eu não obrigo ele a nada, tudo é conversado]
03	Sônia	a escolinha de futebol da igreja.
04	Flávia	não não não. escolinha de igreja. a i[greja que é dele. ( )
05	Sônia	[a escolinha de religião
06	Amir	tem escola [domin-
07	Sônia	[catequese
08	Amir	não não não. lá é assim tem escola dominical . pros adultos. o que que acontece,
09		o pai e a mãe vão na escola, como é que [os filhos vão ficar.
10	Flávia	[( )
11	Amir	então eles fazem uma brincadeira e põe lá vídeo, conta historinha sobre a vida-
12	Sônia	que igreja que é seu amir.
13	Amir	é na:: moça da palmeiras, na::: subindo a morada da lua
14	Sônia	mas é o que. Evangélica
15	Amir	ela é::: tsc como é que é o nome.
16	Sônia	Paranáta
17	Amir	não não não (0.8) é a mesma aqui atrás do::: dracil aqui.
18	Flávia	cê pôs o vitor no futebol mas ele não ta fazendo né. que que ta acontecendo.
19	Amir	ele ele ta com vergonha, ele chegou lá e::-
20	Flávia	porque as crianças são grandes
21	Amir	não as crianças são pequenas. é que o horário que ele tava chegando as crianças
22		já tão jogando então ele tem que chegar e entrar num time lá. o treinador ó, o
23		time com o com o colete, dá o colete pra ele entrar. ele fica com vergonha
24	Sônia	mas ele não ta gostando.
25	Amir	não ele ta. ele quer jogar
26	Sônia	é uma questão de adaptar
27	Amir	é. ae ele falou tem criança que fica dois meses pra poder, porque não conhece
28		ninguém. ae nos tamu vendo se a gente consegue coleguinha
29	Flávia	na verdade no início ele é meio penetra, né.
30	Amir	ele se sente logo. porque ele já chega já ta todo mundo jogando
31	Flávia	agora tem uma opção
32	Amir	aí::: vamos fazer o seguinte próximo dia vamos pra lá, vamos levar uma bola
33		pra-, o meu pai vai junto também, porque meu pai jogou num time látambé. o
34		peçoal tudo até os caras mais antigos jogaram, outros treinaram comigo ( ).
35		pega a bola aqui e brinco com ele no cantinho, depois que acabar a turminha dele
36		chama um coleguinha pra ir jogando pra poder introsar ele que ele-
37	Flávia	agora posso falar. tem uma opção pro vitor que ta tendo a escola de futebol no
38		colégio e os amiguinhos dele todo vai, ele ta interessado
39	Sônia	é o mesmo horário.
40	Flávia	é- não- é quinta-feira nove e meia da manhã. você não se disporia a a ver isso pra
41		ele não. porque você já comprou o uniforme todo, né. você pegaria ele lá em
42		casa mandaria a roupa dele que ( ) levaria ele pra essa escolinha que é o que ele
43		quer fazer. que ele quer MUITo. de repente ali ele já começa a se soltar [( )
44	Sônia	[o motivo do senhor qual que é no futebol
45	Amir	eu coloquei lá só no dia que eu quero, só no sábado que eu quero. o rapaz aceito,
46		porque ele também passou por esse tipo de problema de ter DIA de ver filho
47	Sônia	e lá no colégio do vitor é que é o colégio mesmo
48	Flávia	é quinta nove e meia mesmo
49	Sônia	só um dia por semana

01	Flávia	é um dia por semana
02	Sônia	e aí senhor amir.
03	Amir	vou ver lá no colégio. conversar com ele, vou lá sexta
04	Flávia	eu entregaria mesmo
05	Sônia	é uma oportunidade maravilhosa!
06	Amir	é boa
07	Sônia	muito boa
08	Flávia	porque ele viu os coleguinhas indo, e são tudo que estuda com ele, e eu acho que
09		ele vai se soltar mais e ele quer fazer
10	Sônia	e o senhor tem essa disponibilidade
11	Amir	é. eu vejo lá no colégio dele ( )
12	Sônia	nesse momento seu amir,
13	Amir	bom até que eu fico lá vendo ele jogar e::
14	Sônia	nesse momento o senhor sai ganhando porque o senhor tem tempo. tempo
15		disponível. agora dona flávia, na verdade quando a senhora pe-
16		questiona se o
17		seu amir quando ta triste na cama, né. numa crise, e o vitor ta lá então, por conta
18		de quem o vitor fica, na verdade o seu amir não ta sozinho nisso. né. ele tem a
19		companheira que provavelmente esteja por ali tomando conta do do vitor é final
20	Flávia	de semana,
20	Flávia	tem dois pitbulls dentro da casa deles. tudo me preocupa muito
21	Sônia	ele gosta de bicho né.
22	Flávia	é, é pitbull né. a gente não pode confiar muito nessa raça. e eu fico preocupada
23		mesmo.
24	Sônia	mas a senhora acha então que provavelmente a fabiana né. que chama
25	Amir	fernanda
26	Sônia	fernanda. se ela ta por ali se seu amir ta meio que isolado na cama
27	Flávia	eu não sei se ela olha, não sei. não sei isso é com ele, ele que sabe. eu não sei, eu
28		não to lá
29	Sônia	ela olha, nesse momento.
30	Amir	lógico, lá ninguém fica=
31	Flávia	solto na rua, não.
32	Amir	eles pode brincar até em frente lá de casa
33	Flávia	mas nem sempre tem gente olhando
34	Amir	não tem movimento de carro. é a última, são três casas no final onde tem um
35		viradourozinho. então são só
36	Flávia	[tem barranco.
37	Amir	[eles só brincam se for lá só
38	Flávia	e aquele barranco.
39	Amir	que que tem.
40	Flávia	e ele não pode cair lá
41	Amir	lógico que não. eles ficam ali em frente, mas quando eles tão lá tem sempre
42		alguém na varanda, ou as meninas maiores ali do lado tão ali junto com eles
43		brincando
44	Sônia	hunrum, entendi
45	Amir	não ficam sozinhos
46	Sônia	de qualquer maneira seu amir criança tem que ter sempre uma pessoa perto
47	Amir	[é
48	Flávia	[ele só tem seis anos
49	Sônia	[sempre, sempre, sempre

01	Flávia	me ga[rantindo, me gar-, péra ae
02	Amir	[quando num to eu, ta a fernanda ou ta a vizinha que é
03	Sônia	porque REALmente num piscar de olhos ela apronta
04	Flávia	me garantindo que o cachorro não vai fazer nada.
05		o [cachorro é mansos. os cachorros são mansos.
06	Sônia	[criança dessa idade com cachorro ou sem cachorro, com barranco ou sem
07		barranco, com carro sem carro,
08	Amir	os cachorros lá em casa você pode botar o que você quiser pra ele comer, abrir a
09		boca e tirar eles, as crianças, nós
10	Flávia	ta vendo, é isso que me preocupa, é dá show, é olhar. porque se acontece alguma
11		coisa, acabou né.
12	Amir	lógico que não vai acontecer nada
13	Flávia	e::: a::: voltando a íris↓
14	Sônia	na verdade a situação do vitor hoje é bastante é bastante diferente da situação da
15		íris
16	Flávia	com certeza
17	Sônia	a íris ainda tem que ser muito trabalhada e o vitor parece que ta pelo menos bem
18		mais tranquilo a senhora fala que ele volta inseguro e tudo, mas pelo menos ta ta
19		o caminho do vitor ta mais tranquilo que o caminho da íris, né. a íris tem que ser
20		trabalhada e o seu amir sabe disso.
21	Flávia	agora, por favor né. não vai colocar a culpa toda na íris.
22		[você não procura ela nunca. cê nunca procurou ela
23	Sônia	[na:::oooooo
24	Amir	a que menos tem culpa é ela
25	Flávia	você ta achando que eu [que proibi ela de ir lá]
26	Amir	[ela é criança]
27		[ela é criança
28	Flávia	[mas você ta achando que [fui eu que proibi, eu não proibi
29	Amir	[eu não to achando nada não
30	Flávia	o vitor, pode perguntar [pro vitor sabe disso
31	Amir	[eu só não posso, eu só não a procurei porque eu não
32		posso entrar em atrito com a minha filha
33	Flávia	mas você não ia entrar
34	Amir	eu tenho que deixar ela à vontade, ir tentando aos poucos
35	Flávia	várias oportunidades tiveram.
36		[já tem onze meses, dez meses sei lá]
37	Amir	[mas como já ta uma coisa-] eu sei disso eu sei que ta difícil, eu tenho tentado, só
38		que eu eu to vendo-
39	Flávia	que que você tentou.
40	Amir	que conforme ta chegando esse momento da gente tentar se acertar vai pesando
41		pra mim também.[por isso eu pedi ela pra:
42	Flávia	[que que você tem tentado
43	Amir	eu preciso da sua ajuda vê se a gente consegue fazer esse encontro aqui::, ou pelo
44		menos o primeiro
45	Sônia	Hunrum
46	Amir	pra quebrar esse [esse
47	Flávia	[que que você tem tentado até hoje encontrar com ela
48	Amir	eu tenho tentado ir lá conversar com ela, mas eu não consigo. pra mim é difícil,
49		ué. não é fácil eu sair numa situação que eu vou chegar numa pessoa,

01	Sônia	com o vitor é muito facil, né. [ele é bem mais tranquilo
02	Flávia	[que ele só tem cinco anos, quando eu separei
03		[ele tinha dois, pra ele foi mais fácil aceitar uma separação
04	Amir	[e eles são pessoas diferentes
05	Sônia	mas uma per[sonalidade um pouco diferente
06	Amir	[mas é diferente
07	Flávia	nã:::o, nossos filhos não são iguais=
08	Sônia	=não são iguais
09	Flávia	só que o vitor, ele só tinha dois anos. pra ele aceitar uma separação foi mais fácil
10		que pra íris. e:: a íris é: ela ta sofrendo com isso. pensa que eu gosto de ver isso.
11	Sônia	pois é, [dona flávia
12	Flávia	[ela finge que não sofre mas eu sei que sofre. ela sofre
13	Sônia	o vitor, o vitor não representa pro senhor amir nenhum bloqueio, nenhuma
14		nenhuma interrogação. [a íris que é o problema
15	Flávia	[você gosta mais dele. pode falar a verdade
16	Amir	lô::gico que não. são meus filhos. todo os dois. e mesmo que não-
17	Flávia	eu já pensei que você não gostava mais da íris. porque a íris pergun- eu eu é
18		lógico que eu falo que gosta, a íris perguntou↓ oh mãe porque que o papai não
19		gosta mais de mim. eu falei ele gosta ele só ta confuso. ele gosta sim.
20	Amir	Eu não [tenho nenhuma ( )
21	Flávia	[ai o vitor- o dia que você deixou o material lá no colégio ela ficou toda
22		empolgada olhou pra mim, foi esse ano, em janeiro, fevereiro, né. mãe eu acho
23		que ainda gosto do meu pai. eu falei, eu sei que você gosta. criança é muito
24		FÁcil. [você poderia ter chegado nela a qualquer momento
25	Amir	[olha só. você coloca uma coisa na sua cabeça. NEM se eles não fossem
26		meus filhos, eu não ia deixar de gostar deles nunca
27	Flávia	mas você ta cansado de saber que é
28	Amir	nã::o. eu to te dando to te dando um exemplo. porque tem pessoas que ficam
29		brigando pra isso, praquilo. eu NUNca vou querer saber, NEM que você
30		chegasse e falasse assim oh não é. é meu filho e acabou, ué.
31	Flávia	e por que você NEga um plano de saúde pros seus filhos se eles podem ter uma-
32		um tratamento
33	Amir	eu não nego plano de saúde não ué. eu pago plano de saúde pra eles ué.
34	Flávia	e por que que eles não usam. tem dois anos que as crianças não usam
35	Amir	eles podem usar, flávia. eu cansei e: esse negocio ta repetitivo, esse negocio do
36		[plano de saúde
37	Flávia	[ta repetiti::vo, então cê não me explica
38	Amir	por que. han você sabe
39	Flávia	não não sei
40	Amir	você sabe por que que [a carteirinha vei-
41	Flávia	[não não sei, por que.
42	Amir	porque toda vez que usa, aqui ó
43	Sônia	tem um desconto
44	Amir	eu que tenho que pagar
45	Flávia	eu pago então [uma consulta então. quanto que é uma consulta.
46	Amir	[eu que tenho que pagar, eu que tenho que pagar, eu tenho
47		[que pagar
48	Flávia	[quanto que é uma consulta. quanto que é uma consulta pra íris. quanto que é.
49		porque sessenta reais, cem, eu não posso pagar.



01	Sônia	quanto que isso representa seu amir
02	Flávia	eles te cobram quanto
03	Amir	han
04	Sônia	qual o valor que o senhor paga por uma consulta
05	Amir	óia, já tem bastante tempo que:: eu não tenho usado o cartão. porque o médico
06		que eu tenho ido é do posto, né. e agora vai começar a vir da das outras consultas
07		que eu fiz e do exame que eu fiz. então. eu não sei o valor certo. de consulta. e
08		nem sei quanto eles tão cobrando hoje aí. se é cinquenta se é
09		[em cada ( ) trinta reais eu pagava nove dez reais então
10	Flávia	[uma mixaria
11	Sônia	[um percentua::: é
12	Flávia	muito melhor. agora aque-
13	Amir	agora cinquenta acredito que dá uns- deve dá uns quinze reais
14	Flávia	aquele dia eu não aceitei o plano, não é por nada não se não eu aceitaria, porque
15		a gente estava precisando de um encaminhamento pra ir pra barra mansa. barra
16		mansa é um centro auditivo que faz vários exames tudo de graça. eu vou sair
17		daqui até de ambulân:::cia, tudo de graça. e os exames são profundo lá. eu já
18		tinha visto a reportagem, lá é ótimo. barra mansa. ENTão. o que eu queria ali era
19		só o encaminhamento, que eu consegui, já agendei. daqui a dois meses eu acho
20		ela vai.
21	Sônia	esse dia que a senhora tava no posto.
22	Flávia	é. era só pra agendar mesmo essa situação, entendeu. pegar um encaminhamento
23		pra ir pra barra mansa. que lá é o ideal pra ela ir mesmo, fazer esses exames pra
24		ver o que que tá acontecendo. porque ela tá piorando, a situação dela tá pior. ela
25		não consegue falar no celular, ela não escu.ta. então foi por isso que eu tava lá.
26		se fosse outro caso eu sei que eu iria sim pro plano.
27	Sônia	hunrum
28	Amir	e quanto tempo que ela vem fazendo esse tratamento.
29	Flavia	ela não faz tratamento. não sei se você lembra você foi na- ele não tem
30		tratamento, cê lembra disso. que o médico falou. em juiz de fora eu ia. ela fez
31		audiometria, o médico falou assim, em juiz de fora, olha não existe tratamento.
32		vamos rezar pra daqui a um tempo, existir. eu quero só acompanhar. só que eu
33		não pude mais acompanhar. eu não podia ir pra juiz de fora pagar consulta. eu
34		não tenho condições. e agora tá piorando. ela tá sentindo zumbido. ela vai dormir
35		ela escuta o barulho. era isso que ele falou. ele falou assim ó quando ela começar
36		a ficar mocinha ela vai escutar um zumbido no ouvido. e tá começando agora
37	Sônia	como é que chama o que que ela tem, dona flávia.
38	Flávia	não sei. porque ela ficou no cti muito tempo
39	Amir	ela teve desgaste por causa do: do remédio
40	Flávia	ela ficou vinte e três dias no cti e afetou a audição. isso já
41	Amir	ela teve:: edema
42	Sônia	quando era [pequeninha
43	Flávia	[i::sso
44	Amir	[edema cerebral é
45	Flávia	[um ano e sete meses
46	Sônia	aquela situação que o senhor [contou, na máquina
47	Amir	[é. ela teve- isso: ela teve edema cerebral, teve na vista. e teve
48	Sônia	uma sequela
49	Amir	[é

01	Flávia	[é, mas graças a deus foi só essa se[que]la
02	Amir	[ ( ) de trinta e pouco anos de desgaste no
03		ouvido. ae ele falou que (0.8) nos próximos anos que foram feito ex- exames,
04		acho que até dois mil e::: quatro, que ela ainda teve acompanhamento. não tinha
05		aumentado o desgaste. então, ela foi ficando mais velha, vamos dizer assim, o
06		desgaste diminuiu porque=
07	Flávia	=continua o mesmo=
08	Amir	=continua o mesmo, então diminuiu. ai ele falou que se ela começasse com o
09		desgaste até aqui normal. chegasse uma idade ela ia ter um ouvido que teve um
10		desgaste maior. MAS a esperança era que nesse período a medicina tivesse
11		evoluído nessa área e pudesse ( )
12	Sônia	e hoje a senhora percebe que [( )
13	Flávia	[piorou agora. é. deve ter uns três meses. porque eu
14		comecei a notar que o cotonete tava sumindo. ela ta enfiando o cotonete pra
15		coçar. que ela ficava assim, desesperada. e eu falei assim. ô íris se eu esconder o
16		cotonete você vai enfiar outra coisa, não vai. então eu nem escondo o cotonete,
17		que eu fico com medo dela enfiar outra coisa. um palito, uma caneta, né. ai::: eu
18		fico preocupada né. mas esse negócio de barra mansa é muito concorrido, né.
19		então:::, eu já consegui agendar, graças a deus, mass só daqui a dois meses.
20		(0.5)
21	Sônia	quem sabe chega num nível tão legal
22	Flávia	não. lá é ótimo. [esse centro auditivo é excelente.
23	Sônia	[o seu amir podia ir, né seu amir
24	Flávia	eu vi a propaganda na televisão, foi aí que me chamou a atenção.
25		[até o aparelho eles ganham
26	Sônia	[a senhora que providenciou, que falou na secretaria de saú:::de.
27	Flávia	é::: fui na assistente social. peguei encaminhamento. fiz tudo já. já fiz carteirinha
28		do sus:::
29	Sônia	é público também.
30	Flávia	é tudo público. e vai pela- carro. eles mandam carro na nossa
31		[casa. eles marcam a consulta buscam a gente levam. tudo.
32	Sônia	[que bom
33	Amir	eu acho que não tem porquê a gente viver nessa guerra
34	Sônia	pois é seu amir
35	Flávia	eu também acho
36	Amir	eu vivo numa situação tão boa com a fernanda [( )
37	Flávia	[que bom que eu tava achando que não. porque
38		quando a gente tá bem com alguém a gente quer viver feliz, né. cada um na sua
39		vida, cada um no seu caminho. QUE bom. tomara mesmo porque eu quero é paz
40	Amir	Pra você ver qu[e::-
41	Sônia	[por isso é:::, do mesmo jeito que a senhora também a senhora
42		também tem uma tranquilidade afetiva, é bom pros [meninos. é bom pro outro
43		também né.
44	Amir	[é ué.
45	Flávia	com certeza. eu penso assim. eu não tenho que ter um relacionamento com você
46		igual o joacir. o joacir aceitou os chifres dele. o problema é dele. amirzinho. me
47		poupe. ele vive falando isso em audiência.
48	Sônia	quem que é esse
49	Flávia	eu to muito bem com o joacir. o joacir frequenta minha casa. só que o joacir, ela

01		já cansou de falar que ele é apaixonado por ela até hoje. ela se gaba disso.
02	Sônia	o o a ele é o ex marido da dona fernanda.
03	Flávia	sinto muito. sinto muito. eu não tenho que tem que t-, eu posso ter uma
04		convivência normal pras crianças. ó as crianças tão precisando disso, aconteceu
05		isso, tal. mas eu frequentar a casa dele. acho que não há necessidade disso não.
06		nem ele a minha
07	Amir	tá, ué. tem ninguém.:
08	Flávia	não mas porque você
09		[sempre aceitou isso. aceitou chifre dele sinto muito, ué.
10	Amir	[to falando que:::
11		(0.5)
12	Flávia	[né tem horas que
13	Amir	[to falando que
14		((troca de lado))
15	Flávia	então ele poderia, pelo menos, dar o valor a isso sempre sem me ofender. porque
16		a íris afastou dele também muito por isso. dele me chamar de piranha, isso e
17		aquilo. isso ela falava lá em casa. cê fala mal de mim.
18	Amir	você pode ter certeza que não.
19	Flávia	então a íris ta mentindo.
20	Amir	ó nem, é não
21	Flávia	então ela tá mentindo
22	Amir	eu tive uma conversa com a íris uma vez. que ela veio me questionar, que a
23		nossa separação, foi eu, eu que
24	Flávia	e foi
25	Amir	que foi eu que que fiquei com a fernanda
26	Flávia	foi ué. mas não foi.
27	Amir	foi foi. eu falei íris não tem nada disso
28	Flávia	foi isso sim
29	Amir	nós tivemos problemas. nós tivemos separados. nós tentamos. não deu certo.
30		depo:::is que eu conheci a fernanda. ela não aceitou. falou que não, que não.
31	Sônia	essa é uma coisa até, senhor amir. a criança não tem [muito com isso.
32	Amir	[é é é:::
33	Sônia	Não tem que ficar [dando satisfação. ela só vai compreender
34	Amir	[não ela ficou meio (massante) em cima. ela num aceitou. eu deixei
35		pra lá. depois ela veio comigo falar comigo, não me questionando, questionando
36		deus. que deus não escutava a prece dela, que não adiantava nada ela rezar
37	Flávia	mas graças a deus ela já mudou
38	Amir	ae eu [conversei muito com ela eu expliquei
39	Flávia	[ela já aceitou. muito tempo ela já aceitou.
40	Amir	explique::i ela que não era assim. que não adiantava pedi pras outras pessoas
41	Flávia	então você tinha que ter entendido. criança sente, não senti.
42	Amir	aí depois que passou esse negócio todo que nós falamos sobre o assunto. até
43		porque ela tava insistindo pra falar nisso. eu nunca fiquei-
44	Sônia	mas mesmo que o senhor explique, mesmo que a dona flávia explique, ela só vai
45		entender isso na idade adulTA.
46	Amir	olha. nunca falei mal dela com o vitor, com a íris,
47	Flávia	então eles tão mentindo [inventando história
48	Amir	[na rua. às vezes as pessoas ficam querendo arrumar,
49		(0.5) não adianta vir falar mal ó (0.5) eu não quero saber. [( )

01	Flávia	[não tem nada pra falar de mim. ninguém tem nada pra falar de mim
02	Sônia	por isso também seu amir, que a gente precisa tá feliz:: né. por que aí né. os
03		problemas da separação são problemas menores. problemas que ficaram
04		[pra trás. ( ) é preciso colocar uma pedra
05	Amir	[passou. não tem é
06	Flávia	[( ) deixa eu viver. eu não aguento vir mais nesse fórum, sabe. eu prefiro
07		trabalhar. eu prefiro ficar lá dando aula, sabe. do que vir aqui. isso aqui é
08		desgastante demais.
09	Amir	[( ) é ué
10	Sônia	[mas a gente tem condição de resolver numa outra condição aqui, dona flávia.
11	Amir	tinha ué
12	Flávia	[tinha. ué. tinha
13	Sônia	[a gente tinha-
14	Amir	no dia da audiência lá você podia ter falado assim, que bom que o menino vai
15		jogar bola
16	Flávia	mas eu fale:::i. pro futebol eu falei. então pro futebol eu aceito, mas põe
17		especificado, que é pra ir no futebol se não tiver aula, você mesmo falou, se não
18		tiver aula ele continua contigo. eu, o que que eu fiz.
19	Amir	poxa, [vamos deixar o menino ficar comigo
20	Flávia	[mas você queria entregar na segunda. eu não quero que entregue na
21		segunda. eu quero que entregue no domingo à noite pra ele na segunda ele já
22		pegar o pique da semana.
23	Amir	mas você já perguntou a ele se gostaria [( )
24	Flávia	[ele falou que não quer. não. falou que
25		não. ele falou que não. ele chega lá em casa alegre. você pode falar sai de lá
26		triste mas ele chega lá alegre. ele me abraça, beija, pula no colo da íris. a
27		[gente tem uma relação muito boa
28	Amir	[você não sabe como que eu falo com ele
29	Flávia	graças a deus, nós três tem-, ele tem um amor pela irmã. eles brigam né. como
30		todo irmão. ontem mesmo né. de tapa sai no tapa. mas o amor que um tem pelo
31		outro é muito grande. e ele chega com saudade. ele agarra a íris, me agarra. fala
32		eu te amo o tempo todo. eu não tenho problema nenhum dele me entregar no
33		domingo à noite. é melhor. ele já chega no ritmo, pra segunda-feira acordar lá
34		em casa. e ritmo de colégio e ritmo de tudo. é só ( ) que pegou lá. aniversário.
35		(ímpar) não adianta que a juíza decidiu isso mesmo um ano com cada um
36	Sônia	só se, só se vocês não decidirem de maneira diferente.
37	Flávia	eu, é. eu preferia então que me entr- que pegasse lá em casa depois do almoço.
38		que meio dia pra cada um. eu acho que aniversário os dois têm que passar com a
39		criança.
40	Sônia	aí senhor amir. uma questão pro senhor [pensar.
41	Flávia	[é meio dia pra cada um. pega depois do
42		almoço. agora se você for fazer uma festinha igual você faz. e ele ganhar mil-
43		vários presentes e num poder levar um carrinho quebrado pra casa. isso não é
44		justo não. cê acha que eu vou fazer o que com o brinquedo do vitor.
45	Amir	é pelo menos ( )
46	Flávia	han:::::: você não vem querer ver no início. eu falei aqui que no início da nossa
47		separação teve atrito teve. é lógico. a outra lá abria a bíblia pra mim. vamos a
48		família é tudo. quando eu vi ela tava com ele. eu vou ser hipócrita de falar. que
49		isso não me [magoou. só que não me magoa mais acabou.

01	Amir	[( )]
02	Flávia	só que na época magoou. e foi muita briga. muita confusão. você pensa bem uma
03		coleguinha sua te chamar, ele chegava em casa, flávia vai lá na loja a fernanda
04		quer falar com você, ela é tão gente boa. aí eu idiota ia. ela sentava assim, abria a
05		bíblia. ô flávia a família é tudo, pa-pa-pa-pa-pa-pa. aí passa duas semanas me
06		liga. flávia to com outra pessoa, é ela. quer dizer. você sente como. teve briga,
07		teve confusão. muito ca- ele ia na porta da minha casa pegar as crianças com ela.
08		muito atrito, muita provocação. entendeu. mas depois disso passou assim um
09		tempo acabou.
10	Sônia	cicatrizo mesmo né dona flávia.
11	Flávia	agora. vai querer que eu seja amiga. me poupe muito né.
12	Sônia	amiga não dá. frequentar casa não dá, né. aí é demais.
13	Flávia	olha só e no rio foi isso. agora você sabe muito bem que ( ) lá em casa eu sou
14		muito caprichosa. ele falou na juíza que eu deixo brinquedo jogado. ele me
15		conhece eu sou uma chata com organização. e ele sabe disso. e eu deixar
16		brinquedo jogado- você pegou a pista dele, só porque você deu, não deixou
17		devolver. umas mesquinhas besta amirzinho. ele faz coleção de carrinho da
18		hot wheels, ele pediu pra levar, o vitor levou. ele não devolveu. o vitor ganha
19		presente, ele não entrega.
20	Sônia	mas brinquedo não é pra ficar jogado mesmo não, seu amir.
21	Amir	no sol e na chuva não.
22	Flávia	que sol e chuva [que- desde qu- que sol e chuva. que sem usar
23	Amir	[só onde vai brincar. sem usar não
24	Flávia	lá em casa [pode perguntar meus filhos
25	Amir	[a pista dele ( )
26	Flávia	lá em casa, brinquedo é pra estragar, pra usar e pra brincar. não fica nada
27		[em cima de guarda-roupa, nada dentro de caixa.
28	Sônia	[tá:: diponível né.
29	Flávia	isso aqui fica, né. ele falou pra mim que os brinquedo tão tudo em cima do
30		guarda-roupa. que você não deixa ele brincar.
31	Sônia	brinquedo foi feito p[ra brincar
32	Amir	[é pra brincar
33	Sônia	[( )
34	Amir	[( )
35	Flávia	[agora que acontece, pens- e se você deu pro menino. é dele por direito
36	Amir	é dele
37	Flávia	e por que você não deixa ele levar pra brincar. por que.
38	Amir	aí não volta nada.
39	Flávia	que não volta, meu deus. é só você falar o que vai- o que foi que não voltou.[( )
40	Amir	[o skate
41	Flávia	mas ele brinca. pensa bem ele fica comigo [quinze dias
42	Amir	[mas o dia que ele vai comigo, ele chega
43		lá e ele reclama. [aí eu tenho que comprar de novo igual eu já tive que comprar
44	Flávia	[que recla:::ma. que compra:::r de novo
45	Amir	várias coisas
46	Sônia	mas arruma uma bolsa pra ele. pra ele carregar os brinquedos de baixo pra cima,
47		dona flávia
48	Flávia	[ué, é só ele falar- han:: amirzinho me poupe tá
49	Amir	[ela não deixa

01	Sônia	[uma bolsa de couro ( )
02	Flávia	[então como é que eu deixei a pista ir
03	Amir	e outra. quando ele ganha presente lá em casa, ele não quer.
04		[não, não não. eu num levo, eu num levo, eu num levo
05	Flávia	[ele falou isso comigo, amirzinho ele falou isso comigo. ô mãe pede lá a moça,
06		pra falar com o pai pra me dá os presentes. e:: o ami- ami- ele falou isso comigo,
07		ele pede.
08	Amir	então, então, então eu vou ter que direito conversar com ele
09	Flávia	[conversa com [ele direito
10	Sônia	[então tem [que ver até onde não ( )
11	Amir	[ então então então
12	Flávia	[ han pêra ae. ele pede.
13	Amir	então eu já to começando a achar que ele
14		[tá querendo agradar os dois lados. pode ser ué. é:::
15	Flávia	[ele ta assim ô mãe
16	Sônia	Acontece
17	Flávia	ele fala assim, ô mãe [é::: o pai ( )
18	Sônia	[ou agradar os dois lados, ou perturbar os dois lados.
19		[porque criança não é santa não
20	Flávia	[ele falou assim. ele falou assim, ô mãe pede o pai
21	Amir	não estou descartando nenhuma hipótese não
22	Flávia	pede o pai [pra:::
23	Amir	[ele, ele, ele recusa. tem vez que ele vai levar ele. que meu sogro
24		chega lá. vamos lá. vamos passear de carro. vou te deixar lá. ele leva dentro do
25		carro. ele fica [não não não, não deixa.
26	Flávia	[han::::
27	Sônia	vê isso [com ele gente. tem que acabar com essa história ( )
28	Flávia	[muito estranho mesmo. muito estranho essa situação
29	Sônia	[muito estranho. porque quando ele chega lá ele reclama
30	Flávia	[( ) muito estranho. quando é que eu deixei a pista ir pra tua casa. que você
31		pediu
32	Amir	a pista ele pediu. falou ô pai queria que você montasse a pista que eu não
33		consigo usar
34	Flávia	que isso. [canso de montar aqui o ( ) montava pra ele
35	Amir	[porque você não usa. não sabe. não sabe. não sabe. aí ele trouxe. só
36		que faltando um monte de coisa. aí eu conversei com um colega, ele falou tem
37		um pessoal que num [pagou, que devolveram na loja tava tudo jogado
38	Flávia	[eu tenho um monte de coisa. tava tudo-
39	Amir	até que eles iam fechar ali a ( ) começaram a desmontar um monte de ( ).
40	Flávia	ele falou que você nunca montou pra ele.
41	Amir	aí ele foi arrumou duas peças pra mim. eu montei. aí agora meu pai e eu vamos
42		ver se a gente consegue uma outra que ( ) vamos fazer um negócio de madeira.
43		pra ficar já montado.
44	Flávia	han::: que bom né.
45	Sônia	aqueles carrinhos hot wheels.
46	Amir	é [ele gosta
47	Flávia	[ele faz coleção a coleção e ele fica com os carrinho.
48	Sônia	[menino adora aquilo.
49	Amir	[ele adora aquilo. adora

01	Flávia	mas eu faço a coleção com ele. lá em casa tem mais de vinte. aí ficou faltando
02		esses dois. ele sempre fala, se eu tivesse os dois aqui. ele sempre fala dos dois
03		que ficou faltando. então o vitor anda mentindo demais, né. deve ser.
04	Sônia	dois carrinho que foram pra casa do senhor.
05	Amir	não. tá lá é a pista.[a pista com os carrinhos
06	Flávia	[os carrinhos foram juntos
07	Amir	[não. os carrinho tem que estar na pista
08	Sônia	[compra outros dois carrinhos
09	Flávia	eu compro::::: eu falei. mas el- mas sabe aquela coisa assim, a coleção é tanto.
10		mesmo que eu compre mais dez. poderia ter mais os dois. não adianta. a coleção
11		ele deixa no armário. agora essa coisa de joga- de sol e chuva. brin- bri-
12		brinquedo jogado. eu não. eu ensino assim, eles brincam e guardam dentro de
13		uma caixinha que tem. a organização de guardar brinquedo tem
14		[( ) não fica nada jogado
15	Sônia	[mas vê com eles, se eles ficariam satisfeitos em botar o o o- mais interessa eles
16		( ) uma bolsa. criança é assim tem que carregar uma bolsa de brinquedo
17	Amir	eu sempre falo [isso com ela
18	Flávia	[se eu mandasse ele não ia devolver. Tenho certeza
19	Amir	ele pode:::
20	Sônia	Olha só gente, eu acho que foi bem legal esse encontro nosso né.
21		(2,0)
22	Sônia	hein seu amir. olha. seu amir, dona flávia ta oferecendo a quinta de manhã pro
23		senhor providenciar [o futebol
24	Amir	[( )
25	Sônia	vai lá providencia. ótimo. maravilhoso. pronto. e::: ela a ela tá hãn sugerindo
26		também uma mudança lá no dia do aniversário dos meninos. é isso.
27	Flávia	é:: não sei. se ele tiver conversando com a íris [até lá.
28	Sônia	[porque dia do aniversário da
29		senhora é com a senhora. dia do aniversário do senhor é com o senhor.
30	Flávia	mas a íris, vai com cuidado. se voc- vocês podem voltar a conversar, mas se ela
31		não quiser ir, você não vai ficar chateado por isso.
32	Amir	lógico que não.
33	Flávia	entendeu. procura:: no colé:::[gio. desde o início eu falei procura ela
34	Amir	[eu eu nunca obriguei filho meu a fazer nada. nem
35		torcer pro flamengo, nem [( )
36	Flávia	[mas você não procura ela porque não quer.
37		[a mágoa dela a mágoa dela é porque você não procurou
38	Amir	[não é porque eu não quero ( ) você não tem noção como é que é.
39	Flávia	mas a mágoa dela é de você não procurar
40	Sônia	mas dona flávia isso não vai ter jeito não. isso quem vai ter que dar um tempo
41		para o senhor amir.
42	Amir	é:: não é fácil não
43	Flávia	mas esse tempo piora a situaçãozinha dela
44	Sônia	mas olha a andréa já [( )
45	Amir	[( )
46	Flávia	[a amiguinha dela, sabe o que falou na sacada. outro dia ela
47		chegou lá em casa me abraçando, mãe eu to tão triste. eu falei, o que que foi. a
48		tamiris falou que eu não tenho pai. eu falei assim. mas por que que você não
49		falou com ela que você tem sim. você tem pai ué. eu não fiz filho sozinha.

01		porque todo mundo tem um pai né. mas isso magoa, porque as crianças sabe da situação dela.
03	Sônia	a gente vai ter que dar um tempo pro seu amir, né. ele tá preocupado. eu já tive com ele umas duas vezes [SEMPRE
04		
05	Flávia	[eu perguntava e ele falava que nem falava da menina.
06	Sônia	não.
07	Flávia	tanto você quanto a outra.
08	Sônia	no primeiro encontro e seu amir se referiu ao vitor e eu falei, ué mas não são dois. aí ele colou, mas é que ela não está muito interessada parece. foi isso. e depois a gente conversou sobre a (2,0) como é que ela chama. ÍRIS, todas as vezes. tanto que eu peguei as fotos com ele, ele me mostrando as fotos
09		
10		
11		
12	Amir	ela convivia muito bem com a gente. [foi assim de repente u::m
13	Flávia	[mas você acha que fui eu que proibi. ela
14		falava assim, mãe o pai pegou a Maria Eduarda no colo e não me pegou. ele não
15		percebe que a criança sente ciúmes.
16	Amir	lá em casa sempre é tudo sempre foi [muito bem ( )
17	Flávia	[meu deus mas a cabecinha dela é diferente.
18		você só vai ela de quinze em quinze dias.
19	Amir	isso não me preocupa porque, é assim, mesmo a íris não indo lá tem que ter jogo de cintura
20		
21	Sônia	tem que ter um jogo de cintura danado
22	Amir	e Maria Eduarda e vitor e outra criança que chega. mesmo de fora eles
23		[sentem criança ( )
24	Sônia	[o senhor já percebeu que a íris sente mais.
25	Amir	não. e ela sempre- todos os três tiveram sempre- a íris ainda tinha ainda uma
26		atenção maior pelo jeito dela de ser mai::s
27	Sônia	agora essa menininha, no primeiro encontro ela veio, né. a [Maria Eduarda
28	Amir	[Maria Eduarda
29	Sônia	ela é muito afetiva, né
30	Amir	[ela é
31	Flávia	[a íris também é.
32	Sônia	ela pulou no colo do senhor amir
33	Flávia	normal. tá sendo criada [por ele ué.
34	Amir	[( )
35	Flávia	isso não me espanta
36	Sônia	mas ela é afetiva
37	Flávia	[mas a íris também é. a íris não é afetiva.
38	Amir	[ela morre de saudade da íris
39	Sônia	ela morre de saudade da íris. menos. menos. menos. ela morre de saudade da íris.
40		menos.
41	Flávia	a íris não é afetiva amirzinho.
42	Amir	você [acha que não. sempre se deram tão bem Maria Eduarda íris
43	Flávia	[a íris não é afetiva.
44		então tem que ( ) porque a íris falava outras coisas pra mim
45	Sônia	agora
46	Flávia	a íris não é afetiva
47	Amir	agora ela viu as fotos, a alegria danada. eles brincando e fazendo dança do ventre e fantasia de cinderela e não sei mais- o dia inteiro.
48		
49	Flávia	e por que será que ela deixou de ir. você ainda acha que foi eu.



01	Amir	olha. se ela tivesse comigo eu te dava uma resposta. mas ela não tá.
02	Flávia	ainda acha que foi eu. eu não falei nada to tranquila. graças a deus.
03	Sônia	a gente podia se encontrar daqui a quinze dias de novo.
04	Amir	sério.
05	Sônia	seríssimo. a coisa está indo tão bem seu amir. se o senhor não
06		[quiser, se o senhor não quiser CÊ tá no direito do senhor
07	Amir	[não não
08	Sônia	mas olha,
09	Flávia	amanhã tem psicólogo aqui com a íris.
10	Sônia	é, pois é
11	Flávia	( ) nove horas da manhã.
12	Amir	pro bem deles, o que que eu não faço
13	Sônia	é:::
14	Flávia	agora que cansa cansa
15	Sônia	cansa gente. cansa mas hehe
16	Amir	por isso que eu falei [( ) é é ué.
17	Sônia	[foi vocês que colocaram a vida de vocês aqui né gente.
18	Amir	não é melhor que resolver igual resolve lá
19	Flávia	mas você estava pedindo demais. ( ) que eu não sabia dessa escolinha que você
20		falou tudo lá na hora. eu não sabia dessa escolinha, pra mim você queria pegar
21		terça e quinta à noite. não eu não abri mão, depois que eu fiquei sabendo que era
22		escolinha. e é pra entregar o vitor no domingo. isso aí ela até achou razoável,
23		você lembra que ela falou comigo, não flávia isso é razoável.
24	Sônia	eu falei que na segunda-feira, né.
25	Flávia	segunda-feira ele já tá em casa tudo tranquilo. não quero que fique domingo à
26		noite também.
27		(3,0)
28	Sônia	mas então [seu amir,
29	Flávia	[ele quer
30	Sônia	é importante que a gente se encontre [mais algumas vezes pra amarrar
31	Flávia	[é e eu já vou trazer papel o que ele quer.
32		ele quer véspera de páscoa, véspera de natal, véspera- todas pra ele. agora isso
33		vai mudar, tá. vai mudar. e vai mudar pra pior. se aniversário é par e ímpar, natal
34		e réveillon vai ser a mesma coisa. [( )
35	Amir	[cê tá querendo entrar em acordo. cê tá querendo entrar em acordo.
36	Flávia	ué por que. você quer todas as vésperas. [eu não passo uma véspera de réveillon
37		com eles
38	Amir	[( )
39	Sônia	( ) legal.
40	Flávia	eu não passo uma véspera de réveillon com eles. agora eu quero passar.
41	Amir	(mas segunda-feira não, né.)
42	Sônia	as vésperas da páscoa do natal e do ano novo.
43	Flávia	é assim sim. você quer todas as vésperas
44	Amir	então você conversa com eles.
45	Flávia	você quer todas as vésperas
46	Amir	eu acho que as coisas tem que ser conversadas.
47	Flávia	e um garoto de seis anos tem condição de decidir. ele nem sabe o que que é
48		réveillon direito.
49	Amir	han ele decide tanta coisa lá em casa.

01	Flávia	hunrum. Han ( )
02	Amir	a gente resolve as coisas na conversa
03	Sônia	gente. olha. eu acho assim, o ama- amadurecimento de todos-
04		[eu pego- casal aqui que não tem condição nem de conversar
05	Amir	[cê acha seis anos ( )
06	Sônia	eu sabia que vocês tem ( ) que daria pra conversar. eu acho que em questão de
07		tempo você, vocês vão se acertar em relação as vésperas, aos natais, aos
08		aniversários e tudo.
09	Flávia	seria tão fácil né. oh amirzinho esse fim de semana dá pro cê ficar. posso trocar.
10		[não seria mais fácil
11	Sônia	[vai chegar lá dona flávia
12	Flávia	você pediu pra trocar no dia das mãe e eu não fui contra. você pegou dois finais
13		de semana ( )
14	Amir	nas férias ( )
15	Flávia	mas eu fico- sinceramente, quinze dias com você eu fico preocupada. é muito
16		tempo amirzinho. as últimas [férias-
17	Amir	[mas elas já passaram. duas vezes.
18	Flávia	passaram. sabe o que que a íris falou. que ela não comeu feijão nem um dia. que
19		ela não cozinha feijão.
20	Amir	é ruim heim. é ruim é
21	Flávia	então eles mentiram. que num- entendeu.
22		[que tem coisa que- muito tempo
23	Amir	[lá come muito bem. pode ter certeza disso. ela cozinha muito bem.
24	Flávia	cozinha. o vitor tá cansado de comer estrogonofe. fica aqui entre aspas que ele
25		não aguenta mais.
26	Amir	ele não come estrogonofe não.
27	Flávia	é. que ele reclama demais.
28	Sônia	dá o recado seu amir
29	Amir	ele não come não come [estrogonofe não. ele adora macarrão
30	Flávia	[( )
31	Amir	ele chega pedindo macarrão.
32	Sônia	então a gente pode se encontra daqui a quinze dias.
33	Amir	pode.
34	Sônia	pode [dona flávia.
35	Flávia	[que dia que cai.
36	Sônia	é. treze de junho.
37	Flávia	que dia da semana.
38	Sônia	é uma quarta né.
39	Amir	( ) meus neto.
40	Flávia	que.
41	Amir	um monte de netinho nasceu. os meus cachorro lá.
42	Sônia	haha
43	Flávia	[até chorou querendo cachorro.
44	Sônia	[o vitor é o pai deles.
45	Flávia	o vitor até chorou querendo. eu vou arrumar um cachorro pra eles. mas não
46		pitbull.
47	Sônia	pitbull ( )
48	Amir	isso é preconceito
49		(1,5)

01	Amir	isso é preconceito
02	Sônia	não sei se é só preconceito não. [Eu realmente ( )
03	Flávia	[é muito caso de
04	Amir	[nã:::o é ué. se você encontra com um alemão na
05		rua cê vai pra cima dele. quer bater, quer (só por causa do hitler), não
06	Sônia	NÃO. claro que não.
07	Flávia	bem diferente de cachorro.
08	Amir	lá em casa tem um vira-lata lá que é que:: tava na na praça cheio de carrapato.
09		morre num morre. levei. cuidei. eu pego um pedacinho de osso ponho lá. deito.
10		ela agarra, eu chego perto ela para. não deixa eu nem chegar perto. os dois
11		pitbull a Maria Eduarda abre a boca, tira o osso de dentro da boca. vitor (abre a
12		boca)
13	Flávia	( ) não precisa exagerar não. não precisa mandar o vitor abrir a boca dela não.
14	Amir	mesma coisa que nada.
15	Flávia	não precisa exagerar, né.
16	Amir	fica quietim. cê vai pro lado dela a única coisa que ela faz é deitar
17	Flávia	essa raça aí é meio doida né.
18	Amir	fica lá deitada
19	Flávia	pode ficar meio dócil e quando você menos esperar morder.
20	Amir	não tem nada disso não. é as pessoas é que ( ), não sabe, né.
21	Flávia	você meu filho. entregando meu filho com integridade física, psíquica, pra mim
22		tá ótimo.
23	Sônia	dona flávia, posso marcar então.
24	Flávia	Pode
25	Sônia	e aí então a senhora leva pra escola.
26	Flávia	me dá o de hoje, que eu vou levar pra escola.
27	Sônia	de hoje, tá. então pode ser dia::. pode pedro. daqui a quinze dias. uma e meia
28		também.
29	Amir	( )
30	Flávia	uma e meia:: eu deixo o vitor no colégio
31		(6,0)
32	Flávia	você joga pipa com o vitor e a íris sente. você vai no colégio, o vitor chega,
33		papai teve lá. ela não fala comigo. ela não fala. mas eu sei que sente. ela fica até
34		agitada quando fica sabendo.
35	Amir	mas todas as vezes que eu vou lá eu mando recado pra ela.
36	Flávia	e el- ela não recebe não.
37	Amir	aí é o vitor que não tá dando.
38	Flávia	eu pergunto o vitor. mas eu pergunto o vitor escondido. vitor
39		[alguém perguntou pela íris, alguém perguntou pela íris.
40	Sônia	[( )
41	Flávia	alguém perguntou se ela está bem. ele não fala nada
42	Sônia	[seu amir, mas olha só seu amir.
43	Amir	[( )
44	Flávia	ele só fala que de vez em quando você mandou um beijo
45	Sônia	talvez a dificuldade do senhor seja estar pessoalmente com ela. aí o senhor pode
46		mandar uma cartinha pela pelo vitor.
47	Amir	não, eu mando direto aviso por ele, quando eu vou no colégio,
48	Sônia	aí cê fala.
49	Flávia	mas ele não fala

01	Amir	aí eu pergunto ele, ele fala assim, ela falou tá.
02	Sônia	[tão manda escrito com papel de carta que menina dessa idade
03	Flávia	[mandou um beijo mandou um beijo. ela falou tá. ela falou tá. ela, ela a hora que
04		quiser ele amolece o coração da íris.
05	Sônia	[ela gosta de papel de carta
06	Amir	[( )
07	Flávia	ela adora essas coisas de escrever
08	Sônia	compra um bloquinho de papel de carta. compra uma coisa bem bonitinha.
09		baratinha papel de carta
10	Flávia	ele num vai fazer não. a mochila que era pra ele dar ele não deu, pra agradar ela.
11	Sônia	e::: ( ) no próximo fim de semana que ele for faz um bilhete bonito pra ela, num
12		papel bonito e manda pra ela. menina ama essas coisas. vai te abrir uma porta.
13	Flávia	vai ser difícil ela voltar a frequentar a casa. eu sinto. mas no início você pode
14		procurar ela sim. vai no colégio, conversa.
15	Amir	mas vai ser sempre a vontade dela.
16	Flávia	que seja
17	Amir	é ué. vai ser sempre assim.
18		(8,0)
19	Sônia	a vontade dela seu amir certamente é é é não necessariamente morar, mas estar
20		com pai, visitar.
21	Amir	é ué.
22	Sônia	tanto que o comentário da coleguinha incomodou
23	Flávia	incomodou, né.
24		(3,0)
25	Amir	é::: ( ) sente saudade dela
26	Flávia	então por que que não procura ela
27	Sônia	o senhor mora com a dona fernanda a maria eduarda, só vocês três
28	Amir	é.
29	Sônia	não mora perto da família dela, nem do senhor não.
30	Amir	não.
31		(2,0)
32	Amir	a gente mora na
33	Flávia	o padrinho dela nunca procurou ela. e o que que ele tem a dizer o ( )
34	Amir	não sabe o por que que ela não quer falar com ele.
35	Flávia	Hannnn. qual o dia que ela encontrou com ele e ela virou a cara. ela nem vê ele
36		mais.
37	Amir	várias vezes.
38	Flávia	han não. então isso aí já está demais. então eles igualaram a cabeça da íris de
39		nove anos. eles são incapazes de procurarem a íris lá na porta da minha casa. foi
40		o aniversário dela e ninguém procurou, dia dezesseis.
41	Amir	aniversário do meu pai, meu pai foi lá. [a íris ficou fazendo um monte de careta
42	Flávia	[você sabe muito bem o que tava
43		acontecendo naquela época. que isso a [íris abraçou beijou ele.
44	Amir	[( )
45	Flávia	eu que não deixei ele vir pro churrasco e você sabe muito bem porquê. que isso
46		aí você foi ( )
47	Amir	eu não sei não
48	Flávia	você sabe muito bem.
49	Amir	não sei

01	Flávia	você sabe muito bem o que você fez.
02	Amir	eu fiz.
03	Flávia	você fez.
04	Sônia	gente. [muitíssimo obrigada
05	Flávia	[eu vou entrar em detalhe aqui que você desceu o morro [correndo, que
06		você (armou aquele escândalo)
07	Amir	[( ) o papel
08	Flávia	pra dar pro trabalho dele que ele faltou.
09		((passos))
10	Sônia	muito obrigada tá. foi muito legal
11	Amir	vai com deus.
12	Flávia	é um deboche.
13	Amir	não. é vai com deus.
14	Flávia	han ele tá sempre comigo graças a deus.
15	Amir	é isso aí.